




## Livraria GARNIER, 71, rua do Ouvidor

---

**ALENCAR (José de).** — Alfarrabios, chronicas coloniaes, contendo :

— O Garatuja, 3 vol. in-8 enc. 3#000, br . . . . .	2#000
— O Ermitão da Gloria, a alma de Lazaro, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br. . . . .	2#000
— Azas de um anjo, comedia, 1 vol. in-8 br . . . . .	2#000
— Ao correr da penna, escriptos politicos, 1 vol. in-8 br . .	4#000
— Cinco minutos, A viuvinha, romances, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br. . . . .	
— O Demonio Familiar, comedia, 1 vol. in-8 br . . . . .	2#000
— Diva, perfil de mulher, 1 vol. in-8 enc 3#000, br . . . . .	2#000
— O Gaucho (DE SENIO), 2 vol. in-8 enc. 6#000, br . . . . .	4#000
— Guerra dos Mascates (DE SENIO), chronica dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc. 6#000, br . . . . .	4#000
— O Guarany, episodios dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc. 8#000, br. . . . .	6#000
— Iracema, lenda do Ceará. 1 vol. in-8 enc. 3#000, br . . . .	2#000
— O Jesuita, drama em 4 actos, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br . . .	2#000
— Luciola. perfil de mulher, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br . . . . .	2#000
— Mãe. drama em 4 actos, 1 vol. in-8 br . . . . .	2#000
— As Minas de Prata, complemento do Guarany. Episodios dos tempos coloniaes, 3 vol. in-8 enc. 12#000, br . . . . .	9#000
— A pata da Gazella (DE SENIO), 1 vol. in-8 enc. 3#000. br . .	2#000
— O Sertanejo, romance, 2 vol. in-8 enc. 6#000, br. . . . .	4#000
— Senhora (de G. M.), perfil de mulher, 2 vol. in-8 enc. 6#000, br . . . . .	4#000
— Systema representativo, 1 vol. in-4 . . . . .	4#000
— Til, romance, 4 vol. in-12 enc. 6#000, br. . . . .	4#000
— O Tronco do Ipé (DE SENIO), 2 vol. in-8 enc. 6#000, br . .	4#000
— Ubirajara, lenda tupy, 1 vol. in-8 enc. 6#000, br. . . . .	2#000
— Verso e reverso, comedia em 2 actos, 1 vol. br. . . . .	1#000
— Viagem Imperial, 1 vol. in-8 br. . . . .	4#000

### LIVRARIA CLASSICA. — Excerptos dos principaes auctores portuguezes

Antonio Ferreira, 3 vol. in-4 15#000, in-8 . . . . .	9#000
Manoel Bernardes, 2 vol. in-4 . . . . .	10#000
Fernão Mendes Pinto, 2 vol. in-4 10#000, in-8. . . . .	6#000
Garcia de Rezende. 1 vol. in-4 5#000, in-8. . . . .	3#000
Bocage, 3 vol. in-4 15#000, in-8. . . . .	9#000
João de Lucena, 2 vol. in-4 10#000, in-8 . . . . .	6#000

Ha ricas encadernações.


---

Havre. — Imprimerie du Commerce, 3, rue de la Bourse.

CANTOS E PHANTASIAS

## Livraria GARNIER, 71, rua do Ouvidor

ALENCAR (José de). — **Alfarrabios**, chronicas coloniaes, contendo :

— <b>O Garatuja</b> , 3 vol. in-8 enc. 3#000, br . . . . .	2#000
— <b>O Ermitão da Gloria</b> , a alma de Lazaro, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br. . . . .	2#000
— <b>Azas de um anjo</b> , comedia, 1 vol. in-8 br . . . . .	2#000
— <b>Ao correr da penna</b> , escriptos politicos, 1 vol. in-8 br . .	4#000
— <b>Cinco minutos, A viuvinha</b> , romances, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br. . . . .	
— <b>O Demonio Familiar</b> , comedia, 1 vol. in-8 br . . . . .	2#000
— <b>Diva</b> , perfil de mulher, 1 vol. in-8 enc 3#000, br . . . . .	2#000
— <b>O Gaucho</b> (DE SENIO), 2 vol. in-8 enc. 6#000, br . . . . .	4#000
— <b>Guerra dos Mascates</b> (DE SENIO), chronica dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc. 6#000, br . . . . .	4#000
— <b>O Guarany</b> , episodios dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc. 8#000, br. . . . .	6#000
— <b>Iracema</b> , lenda do Ceará. 1 vol. in-8 enc. 3#000, br . . . .	2#000
— <b>O Jesuita</b> , drama em 4 actos, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br . . .	2#000
— <b>Luciola</b> , perfil de mulher, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br . . . .	2#000
— <b>Mãe</b> , drama em 4 actos, 1 vol. in-8 br . . . . .	2#000
— <b>As Minas de Prata</b> , complemento do <b>Guarany</b> . Episodios dos tempos coloniaes, 3 vol. in-8 enc. 12#000, br . . . . .	9#000
— <b>A pata da Gazella</b> (DE SENIO), 1 vol. in-8 enc. 3#000. br . .	2#000
— <b>O Sertanejo</b> , romance, 2 vol. in-8 enc. 6#000, br. . . . .	4#000
— <b>Senhora</b> (de G. M.), perfil de mulher, 2 vol. in-8 enc. 6#000, br. . . . .	4#000
— <b>Systema representativo</b> , 1 vol. in-4 . . . . .	4#000
— <b>Til</b> , romance, 4 vol. in-12 enc. 6#000, br. . . . .	4#000
— <b>O Tronco do Ipé</b> (DE SENIO), 2 vol. in-8 enc. 6#000, br . .	4#000
— <b>Ubirajara</b> , lenda tupy, 1 vol. in-8 enc. 6#000, br. . . . .	2#000
— <b>Verso e reverso</b> , comedia em 2 actos, 1 vol. br. . . . .	1#000
— <b>Viagem Imperial</b> , 1 vol. in-8 br. . . . .	4#000

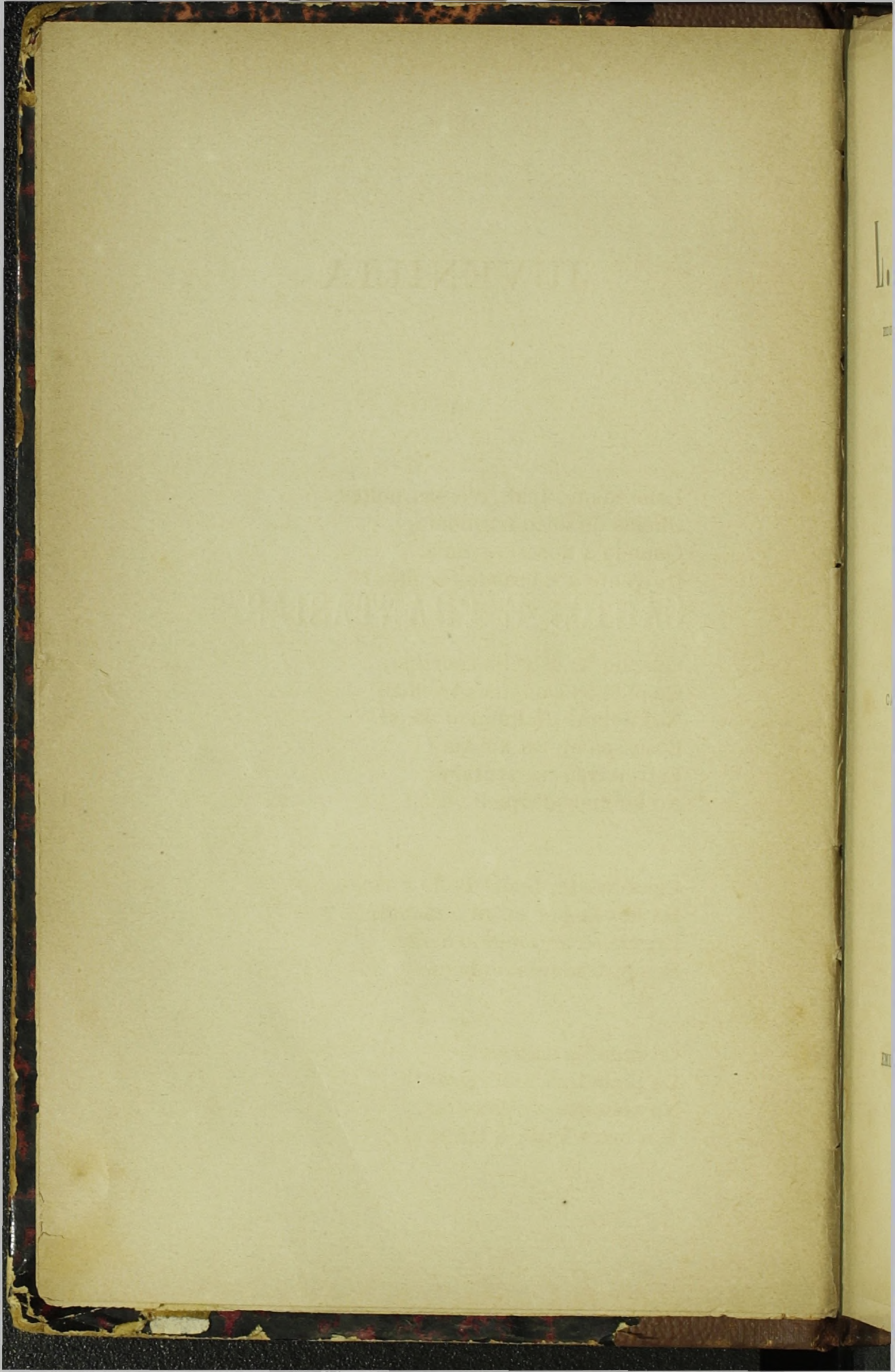
LIVRARIA CLASSICA. — Excerptos dos principaes auctores portuguezes

<b>Antonio Ferreira</b> , 3 vol. in-4 15#000, in-8 . . . . .	9#000
<b>Manoel Bernardes</b> , 2 vol. in-4 . . . . .	10#000
<b>Fernão Mendes Pinto</b> , 2 vol. in-4 10#000, in-8. . . . .	6#000
<b>Garcia de Rezende</b> . 1 vol. in-4 5#000, in-8. . . . .	3#000
<b>Bocage</b> , 3 vol. in-4 15#000, in-8. . . . .	9#000
<b>João de Lucena</b> , 2 vol. in-4 10#000, in-8 . . . . .	6#000

Ha ricas encadernações.

Havre. — Imprimerie du Commerce, 3, rue de la Bourse.

CANTOS E PHANTASIAS



# OBRAS COMPLETAS

DE

# L. N. FAGUNDES VARELLA

EDIÇÃO ORGANIZADA E REVISTA, E PRECEDIDA DE UMA NOTICIA BIOGRAPHICA

POR

## VISCONTI COARACY

E DE UM ESTUDO CRITICO PELO

D<sup>r</sup> FRANKLIN TAVORA

~~~~~  
CANTOS E PHANTASIAS — CANTOS MERIDIONAES  
CANTOS DO ERMO E DA CIDADE  
~~~~~

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

71, *Rua do Ouvidor*, 71

PARIS  
EMILE MELLIER, 17, rue Seguiet.

LISBOA  
V<sup>o</sup> BERTRAND E Ca., Succ<sup>o</sup> GARVALHO E Ca.

—  
1886

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORIGENES LESSA"  
Tombo N.º 33037  
MUSEU LITERÁRIO





# JUVENILIA

## I

Lembras-te, Inah, d'essas noites  
Cheias de doce harmonia,  
Quando a floresta gemia  
Do vento aos brandos açoites?

Quando as estrellas sorrião,  
Quando as campinas tremião  
Nas dobras de humido véo?  
E nossas almas unidas  
Estreitavão-se, sentidas,  
Ao languor d'aquelle céo?

Lembras-te, Inah? Bello e mago,  
Da nevoa por entre o manto,  
Erguia-se ao longe o canto  
Dos pescadores do lago.

Os regatos soluçavão,  
Os pinheiros murmuravão  
No viso das cordilheiras,  
E a briza lenta e tardia

O chão relvoso cobria  
Das flôres das trepadeiras.

Lembras-te, Inah? Eras bella,  
Ainda no albor da vida,  
Tinhas a fronte cingida  
De uma innocente capella.

Teu seio era como a lyra  
Que chora, canta e suspira  
Ao roçar de leve aragem;  
Teus sonhos erão suaves,  
Como o gorgueio das aves  
Por entre a escura folhagem.

Do mundo os negros horrores  
Nem presentias siquer;  
Teus almos dias, mulher,  
Passavão n'um chão de flôres.

Oh! primavera sem termos!  
Branços luares dos ermos!  
Auroras de amor sem fim!  
Fugistes, deixando apenas  
Por terra esparsas as pennas  
Das azas de um serafim!

Ah! Inah! Quanta esperança  
Eu não vi brilhar nos céos  
Ao luzir dos olhos teus,  
A teu sorrir de criança!

Quanto te amei ! Que futuros !  
Que sonhos gratos e puros !  
Que crenças na eternidade !  
Quando a furto me fallavas,  
E meu ser embriagavas  
Na febre da mocidade !

Como nas noites de estio,  
Ao sopro do vento brando,  
Rola o selvagem cantando  
Na correnteza do rio ;

Assim passava eu no mundo,  
N'esse descuido profundo  
Que etherea dita produz !  
Tu eras, Inah, minh'alma,  
De meu estro a gloria e a palma,  
De meus caminhos a luz !

Que é feito agora de tudo ?  
De tanta illusão querida ?  
A selva não tem mais vida,  
O lar é deserto e mudo !

Onde foste, oh ! pomba errante ?  
Bella estrella scintillante  
Que apontavas o porvir ?  
Dormes acaso no fundo  
Do abysmo tredo e profundo,  
Minha perola de Ophir ?

Ah! Inah! por toda parte  
Que teu espirito esteja,  
Minh'alma que te deseja  
Não cessará de buscar-te!

Irei ás nuvens serenas,  
Vestindo as ligeiras pennas  
Do mais ligeiro condor ;  
Irei ao pégo espumante,  
Como da Asia o possante,  
Soberbo mergulhador!

Irei á patria das fadas  
E dos sylphos errabundos,  
Irei aos antros profundos  
Das montanhas encantadas ;

Si depois de immensas dôres,  
No seio ardente de amores  
Eu não puder apertar-te,  
Quebrando a dura barreira  
D'este mundo de poeira,  
Talvez, Inah, hei de achar-te!

II

Era á tardinha. Scismando,  
Por uma senda arenosa  
Eu caminhava. Tão brando,  
Como a voz melodiosa  
Da menina enamorada,  
Sobre a grama avelludada  
Corria o vento a chorar.  
Gemia a pomba... no ar  
Passava grato e sentido  
O aroma das maravilhas  
Que cresião junto ás trilhas  
Do deserto humedecido.

Mais bella que ao meio-dia,  
Mais carinhosa batia  
A luz nos cannaviaes ;  
E o manso mover das mattas,  
O barulho das cascatas  
Tinhão notas divinaes.  
Tudo era tão calmo e lindo,  
Tão fresco e placido alli,  
Que minh'alma se expandindo  
Voou, foi junto de ti,  
Nas azas do pensamento,  
Gozar do contentamento  
Que n'outro tempo fruí.  
Oh! como através dos mantos

Das saudades e dos prantos  
Tão meigamente sorrias!  
Tinhas o olhar tão profundo  
Que de minh'alma no fundo  
Fizeste brotar um mundo  
De sagradas alegrias.

Uma grinalda de rosas  
Branças, virgens, odorosas,  
Te cingia a fronte triste...  
Scismavas quêda, silente,  
Mas, ao chegar-me, tremente  
Te ergueste, e alegre, contente,  
Sobre meus braços cahiste.  
Pouco a pouco, entre os palmares  
Da longinqua serrania,  
Sumia-se a luz do dia  
Que aclarava esses lugares ;  
As campanulas pendidas  
Sobre as fontes adormidas  
De sereno gottejavão,  
E no fundo azul dos céos,  
Dos vapores entre os véos,  
As estrellas despontavão.

Eramos sós, mais ninguem  
Nossas palavras ouvia ;  
Como tremias, meu bem !  
Como teu peito batia !...  
Pelas janellas abertas  
Entravão molles, incertas,  
D'aquellas plagas desertas  
As virações suspirosas,

E cheias de mil desvelos,  
Cheias de amor e de anhelos,  
Lançavão por teus cabellos  
O effluvio das tuberosas !...  
Ai! tu não sabes que dôres,  
Que tremendos dissabores  
Longe de ti eu padeço !  
Em teu retiro sózinha,  
Pobre criança mesquinha,  
Cuidas talvez que te esqueço !  
A turba dos insensatos  
Entre futeis apparatus  
Canta e folga pelas ruas ;  
Mas triste, sem um amigo,  
Em meu solitario abrigo  
Pranteio saudades tuas !  
Nem um minuto se passa,  
Nem um insecto esvoaça,  
Nem uma briza perpassa  
Sem uma lembrança aqui ;  
O céo d'aurora risonho,  
A luz de um astro tristonho,  
Os sonhos que á noite sonho,  
Tudo me falla de ti.

III

Tu és a aragem perdida  
Na espessura do pomar,  
Eu sou a folha cahida  
Que levas sobre as azas ao passar.  
Ah! voa, voa, a sina cumprirei :  
Te seguirei.

Tu és a lenda brilhante  
Junto do berço cantada,  
Eu sou o pavido infante  
Que o somno esquece ouvindo-te a toada.  
Ah! canta, canta, a sina cumprirei :  
Te escutarei.

Tu és a onda de prata  
Do regato transparente,  
Eu a flôr que se retrata  
No crystal encantado da corrente.  
Ah! chora, chora, o fado cumprirei :  
Te beijarei.

Tu és o laço enganoso  
Entre rosas estendido,  
Eu o passaro descuidoso  
Por funesto prestigio seduzido.



Ah ! não temas, a sina cumprirei :  
Me entregarei.

Tu és o barquinho errante  
No espelho azul da lagôa,  
Eu sou a espuma alvejante  
Que agita n'agua a cortadora prôa.  
Ah ! voga, voga, o fado cumprirei :  
Me desfarei.

Tu és a luz d'alvorada  
Que rebenta n'amplidão,  
Eu a gotta pendurada  
Na trepadeira curva do sertão.  
Ah ! brilha, brilha, a sorte cumprirei :  
Scintillarei.

Tu és o iris eterno  
Sobre os desertos pendido,  
Eu o ribeiro do inverno  
Entre broncos fraguedos escondido.  
Ah ! fulge, fulge, a sorte cumprirei :  
Deslizarei.

Tu és a esplendida imagem  
De um romantico sonhar,  
Eu cysne de alva plumagem  
Que fallece de amor a te mirar.  
Ah ! surge, surge, o fado cumprirei :  
Desmaiarei.

Tu és a luz crepitante  
Que em noite trevosa ondeia,  
Eu mariposa offegante  
Que em torno á chamma tremula volteia.  
Ah! basta, basta, a sina cumpirei :  
Me abrasarei.

IV

Teus olhos são negros, negros  
Como a noite nas florestas...  
Infeliz do viajante  
Si de sombras tão funestas  
Tanta luz não rebentasse!  
A aurora desponta e nasce  
Da noite escura e tardia :  
Tambem da noite sombria  
De teus olhos amorosos  
Partem raios mais formosos  
Que os raios da luz do dia.

Teu cabelo mais cheiroso,  
Que o perfume dos vergeis,  
Na brancura immaculada  
Da cutis assetinada  
Rola em profusos anneis :  
Eu quizera ter mil almas,  
Todas ardentes de anhelos,  
Para prendê-las, meu anjo,  
A'luz de teus olhos bellos,  
Nos grilhões de teus olhares,  
Nos anneis de teus cabellos!

V

Não vês quantos passarinhos  
Se cruzão no azul do céo?  
Pois olha, pomba querida,  
    Mais vezes,  
Mais vezes te adoro eu.

Não vês quantas rosas bellas  
O sereno humedeceu?  
Pois olha, flôr de minh'alma,  
    Mais vezes,  
Mais vezes te adoro eu.

Não vês quantos grãos de arêa  
Na praia o rio estendeu?  
Pois olha, candida perola,  
    Mais vezes,  
Mais vezes te adoro eu.

Ave, flôr, perfume, canto,  
Rainha do genio meu,  
Alem da gloria e dos anjos,  
    Mil vezes,  
Mil vezes te adoro eu.

VI

És a sultana das brazileas terras,  
A rosa mais balsamica das serras,  
A mais bella palmeira dos desertos;  
Tens nos olhares do infinito as festas  
E a mocidade eterna das florestas  
Na frescura dos labios entre-abertos.

Porque Deos fez-te assim? Que brilho é esse  
Que ora incendêa-se, ora desfallece  
N'essas pupillas doudas de paixão?...  
Quando as enxergo julgo nos silvados  
Ver palpitar nos lirios debruçados  
As borboletas negras do sertão.

O rochedo luzido, onde a torrente  
Bate alta noite rapida e fremente,  
De teu preto cabelo inveja a côr...  
E que aromas, meu Deos! o estio inteiro  
Parece que lavanta-se fagueiro,  
Cheio de sombra e canticos de amor!

Quando tu fallas lembro-me da infancia,  
Dos vergeis de dulcissima fragrancia  
Onde cantava á tarde o sabiá!...  
Ai! deixa-me chorar e falla ainda,

Não, não dissipes a saudade infinda  
Que n'esta fronte bafejando está!

Eu tenho n'alma um pensamento escuro,  
Tão tredo e fundo que o pharol mais puro  
Que Deos ha feito espancará jámais!  
Debalde allivio hei procurado afflicto,  
Mas quando fallas teu fallar bemdito  
Abranda-lhe os martyrios infernaes!

Dizem que a essencia dos mortaes ha vindo  
De um outro mundo mais formoso e lindo  
Que um santo amor as bases alimenta;  
Talvez n'esse outro mundo um laço estreito  
A teu peito prendesse o triste peito  
Que hoje sem ti nas trevas se lamenta!

És a princeza das brazileas terras,  
A rosa mais balsamica das serras,  
Do céo azul a estrella mais dilecta...  
Vem, não te afastes, teu sorrir divino  
É bello como a aurora, e a voz um hymno  
Que o genio inspira do infeliz poeta.

VII

Ah! quando face á face te contemplo,  
E me queimo na luz de teu olhar,  
E no mar de tu'alma afogo a minha,  
E escuto-te fallar,

Quando bebo teu halito mais puro  
Que o bafejo ineffavel das espheras,  
E miro os roseos labios que aviventão  
Immortaes primaveras,

Tenho medo de ti!... Sim, tenho medo  
Porque presinto as garras da loucura,  
E me arrefeço aos gelos do atheismo,  
Soberba creatura!

Oh! eu te adoro como adoro a noite  
Por alto mar, sem luz, sem claridade,  
Entre as refegas do tufão bravio  
Vingando a immensidade!

Como adoro as florestas primitivas,  
Que aos céos levantão perennaes folhagens,  
Onde se embalão nos coqueiros presas  
As redes dos selvagens!

Como adoro os desertos e as tormentas,  
O mysterio do abysmo e a paz dos ermos,  
E a poeira de mundos que prateia  
A abobada sem termos!...

Como tudo o que é vasto, eterno e bello,  
Tudo o que traz de Deos o nome escripto!  
Como a vida sem fim que além me espera  
No seio do infinito!



VIII

Saudades! Tenho saudades  
D'aquelles serros azues,  
Que á tarde o sol inundava  
De louros toques de luz!  
Tenho saudades dos prados,  
Dos coqueiros debruçados  
A' margem do ribeirão,  
E o dobre d'Ave-Maria  
Que o sino da freguezia  
Lançava pela amplidão!  
Oh! minha infancia querida!  
Oh! doce quartel da vida!  
Como passaste depressa!  
Si tinhas de abandonar-me,  
Porque, falsaria, enganar-me  
Com tanta meiga promessa?  
Ingrata, porque te foste?  
Porque te foste, infiel?  
E a taça de ethereas ditas,  
As illusões tão bonitas  
Cobriste de lama e fel?

Eu era vivo e travesso,  
Tinha seis annos então,  
Amava os contos de fadas  
Contados junto ao fogão ;

E as cantigas compassadas,  
E as legendas encantadas  
Das éras que lá se vão.  
De minha mãe era o mimo,  
De meu pai era a esperança:  
Um tinha o céu, outro a gloria  
Em meu sorrir de criança,  
Ambos das luzes vivião  
Que de meus olhos partião.

Junto do alpendre sentado  
Brineava com minha irmã,  
Chamando o grupo de anginhos  
Que tiritavão sózinhos  
Na cerração da manhã;  
Depois, por invios caminhos,  
Por campinas orvalhadas,  
Ao som de ledas risadas  
Nos lançavamos correndo...  
O viandante parava  
Tão descuidosos nos vendo,  
O campones nos saudava,  
A serrana nos beijava  
Ternas palavras dizendo.

A' tarde erão brincos, festas,  
Carreiras entre as giestas,  
Folgedos sobre a verdura;  
Nossos pais nos contemplavão,  
E seus seios palpitavão,  
De uma indizível ventura.  
Mas ai ! os annos passárão,  
E com elles se apagarão

Tão lindos sonhos sonhados !  
E a primavera tardia,  
Que tanta flôr promettia,  
Só trouxe acerbos cuidados !

Inda revejo esse dia,  
Cheio de dôres e prantos,  
Em que tão puros encantos  
Oh! sem saber os perdia!  
Lembra-me ainda : era á tarde,  
Morria o sol entre os montes,  
Casava-se a voz das rôlas  
Ao borborinho das fontes ;  
O espaço era todo aromas,  
Da matta virgem nas comas  
Pairava um grato frescor ;  
As criancinhas brincavão,  
E as violas resoavão  
Na cabana do pastor.

Parti, parti, mas minh' alma  
Partida ficou tambem,  
Metade alli, outra empenas  
Que mais consolo não têm!  
Oh! como é diverso o mundo  
D'aquellas serras azues,  
D'aquelles valles que riem  
Do sol á dourada luz !  
Como differem os homens  
D'aquelles rudes pastores  
Que o rebanho apascentavão,  
Cantando idyllios de amores!

Subi aos paços dos nobres,  
Fui aos casebres dos pobres,  
Riqueza e miseria vi;  
Mas tudo é morno e cansado,  
Tem um gesto refalsado,  
N'estes lugares d'aqui!  
Oh! então chorei por ti,  
Minha adorada mansão;  
Chamei-te de meu desterro,  
Os braços alcei-te em vão!  
Não mais! Os annos passarão,  
E com elles desbotarão  
Tantas rosas de esperança!  
Do tempo nas cinzas frias  
Repousão p'ra sempre os dias  
De meu sonhar de criança!

IX

Um dia o sol poente dourava a serrania,  
As ondas suspiravão na praia mansamente,  
E além nas solidões morria o som plangente  
Dos sinos da cidade dobrando Ave-Maria.

Estavamos sózinhos sentados no terraço  
Que a trepadeira em flôr cobria de perfumes :  
Tu escutavas muda das auras os queixumes,  
Eu tinha os olhos fitos na vastidão do espaço.

Então me perguntaste, com essa voz divina  
Que a teu suave mando trazia-me captivo :  
— Porque todo o poeta é triste e pensativo?  
Porque dos outros homens não segue a mesma sina?

Era tão lindo o céo, a tarde era tão calma...  
E teu olhar brilhava tão cheio de candura,  
Criança! que não viste a tempestade escura  
Que estas palavras tuas me despertarão n'alma!

Pois bem, hoje que o tempo partio de um golpe só  
Sonhos da mocidade e crenças do futuro,  
Na frente do poeta não vês o sello escuro  
Que faz amar as tumbas e affeiçoar-se ao pô?

X

A' luz d'aurora, nos jardins da Italia  
Floresce a dhalia de sentida côr,  
Conta-lhe o vento divinaes desejos  
E geme aos beijos da mimosa flôr.

O céo é lindo, a fulgurante estrella  
Ergue-se bella n'amplidão do sul,  
Pallidas nuvens do arrebol se corão,  
As auras chorão na lagôa azul.

Tu és a dhalia dos jardins da vida,  
A estrella erguida no ceruleo véo,  
Tens n'alma um mundo de virtudes santas,  
E a terra encantas n'um sonhar do céo.

Basta um bafejo na inspirada fibra  
Que o seio vibra divinaes encantos,  
Como no templo do senhor vendado  
O orgão sagrado se desfaz em cantos.

Pomba innocente, nem siquer o indicio  
Do escuro vicio presentiste apenas!  
Nunca manchaste na charneca impura  
A doce alvura das formosas pennas.

# LIVRO DAS SOMBRAS

(S. PAULO 1864)

A . . . . .

Pensava em ti nas horas de tristeza  
Quando estes versos pallidos compuz...  
Cercavão-me planicies sem belleza,  
Pesava-me na fronte um céu sem luz.

Ergue este ramo solto em teu caminho:  
Sei que em teu seio asylo encontrará!...  
Só tu conheces o secreto espinho  
Que dentro d'alma me pungindo está!...

## SCISMAS A' NOITE

Doce briza da noite, aura mais frouxa  
Que o debil sopro de adormido infante,  
Tu és, quem sabe? a perfumada aragem  
Das azas de ouro d'algum genio errante.

Tu és, quem sabe? a gemedora endecha  
De um ente amigo que afastado chora,  
E ao som das fibras do psalterio eburneo  
Conta-me as dôres que padece agora!

Ai! não te arredes, viração tardia,  
Zephyro pleno da estival fragrancia!  
Sinto a teus beijos resurgir-me n'alma  
O drama inteiro da rosada infancia!

Bem como a aurora faz brotar as clicias,  
Chama da selva os festivaes cantores,  
Assim dos tempos na penumbra elevas  
Todos os quadros da estação das flôres.

Sim, vejo ao longe os matagaes extensos,  
O lago azul, os palmeiraes airosos,  
A grei sem conta de ovelhinhas brancas  
Balindo alegre nos sarçaes viçosos;



Diviso a choça paternal no outeiro,  
Alva, gentil, dos laranjaes no seio,  
Como a gaivota descuidosa e calma  
Das verdes ondas a boiar no meio ;

Sinto o perfume das roçadas frescas,  
Ouço a canção do lenhador sombrio,  
Sigo o barqueiro que tranquillo fende  
A lisa face do profundo rio...

Oh! minhas noites de illusões celestes!  
Visões brilhantes da primeira idade!  
Como de novo reviveis tão lindas  
Por entre as balsas da nativa herdade!

Como no espaço derramais, suaves,  
Tão langue aroma, vibração tão grata!  
Como das sombras do passado, mesmo,  
Tantas promessas o porvir desata!

Exalte embora o insensato as trevas,  
Chame o descrido a solidão e a morte,  
Não quero ainda fenecer, é cedo!  
Creio na sina, tenho fé na sorte!

Creio que as dôres que supporto alcancem  
Um premio ainda da justiça eterna!  
Oh! basta um sonho!... o respirar de um sylpho,  
O amor de um' alma compassiva e terna!

Basta uma noite de luar nos campos,  
O brando effluyio dos vergeis do sul,  
Dous olhos bellos, como a crença bellos,  
Fitos do espaço no fulgente azul!

Ah! não te afastes, viração amiga!  
Além não passes com teu molle adejo!  
Tens nas delicias que as torrentes vertes  
Toda a doçura de um materno beijo!

Falla-me ainda d'esses tempos idos,  
Rasga-me a tela da sazão que vem,  
Foge depois, e mais subtil, mais tenue,  
Vai meus suspiros repetir além.

## SEXTILHAS

Amo o cantor solitario  
Que chora no campanario  
Do mosteiro abandonado,  
E a trepadeira espinhosa  
Que se abraça caprichosa  
A' forca do condemnado.

Amo os nocturnos lampyrios  
Que gyrão, errantes cirios,  
Sobre o chão dos cemiterios,  
E ao clarão de tredas luzes  
Fazem destacar as cruzes  
De seu fundo de mysterios.

Amo as timidas aranhas  
Que, lacerando as entranhas,  
Fabricão dourados fios,  
E com seus leves tecidos  
Dos tugurios esquecidos  
Cobrem os muros sombrios.

Amo a lagarta que dorme,  
Nojenta, languida, informe,

Por entre as hervas rasteiras,  
E as rãs que os paúes habitão,  
E os molluscos que palpitão  
Sob as vagas altaneiras!

Amo-os, porque todo o mundo  
Lhes vota um odio profundo,  
Despreza-os sem compaixão!  
Porque todos desconhecem  
As dôres que elles padecem .  
No meio da criação!

## HORAS MALDITAS

Ha umas horas na noite,  
Horas sem nome e sem luz,  
Horas de febre e agonia...  
Como as horas de Maria  
Debruçada aos pés da cruz.

Tredos abortos do tempo,  
Cadêas de maldição  
Vertem gelo nas arterias,  
E suffocão deleterias  
Do poeta a inspiração

N'essas horas tumultares  
Tudo é frio e desolado!...  
O pensador vacillante  
Julga ver a cada instante  
Livido espectro a seu lado.

Quer fallar, porém seus labios  
Recusão-lhe obedecer,  
Medrosos de ouvir nos ares  
Uma voz de outros lugares  
Que venha os interromper.

Si abre a janella, as planicies  
Vê de aspecto aterrador;  
As plantas frias, torcidas,  
Parece que esmorecidas  
Pedem soccorro ao Senhor.

As charnecas lamacentas  
Exhalão podres miasmas;  
E os fogos phosphorescentes  
Passão rapidos, frementes,  
Como um bando de fantasmas.

E a razão vacilla e treme,  
Coalha-se o sangue nas vêas,  
Mas as horas somnolentas  
Vão-se arrastando cruentas  
Ao som das bronzeas cadêas.

Oh! essas horas tremendas  
Tenho-as sentido de mais!  
E os males que me causarão,  
Os traços que me deixarão  
Não se apagarão jámais!

## CANTICO DO CALVARIO

Á MEMORIA DE MEU FILHO

MORTO A 11 DE DEZEMBRO DE 1863.

Eras na vida a pomba predilecta  
Que sobre um mar de angustias conduzia  
O ramo da esperança!... eras a estrella  
Que entre as nevoas do inverno scintillava  
Apontando o caminho ao pegureiro!...  
Eras a messe de um dourado estio!...  
Eras o idyllio de um amor sublime!...  
Eras a gloria, a inspiração, a patria,  
O porvir de teu pai! — Ah! no emtanto,  
Pomba — varou-te a flecha do destino!  
Astro — engulio-te o temporal do norte!  
Tecto — cahiste! Crença — já não vives!

Correi, correi, oh! lagrimas saudosas,  
Legado acerbo da ventura extincta,  
Dubios archotes que a tremer clarção  
A lousa fria de um sonhar que é morto!  
Correi! Um dia vos verei mais bellas  
Que os diamantes de Ophir e de Golgonda  
Fulgar na corôa de martyrios  
Que me circumda a fronte scismadora!

São mortos para mim da noite os fachos,  
Mas Deos voz faz brilhar, lagrimas santas,  
E á vossa luz caminharei nos ermos !  
Estrellas do soffrer, gottas de mágoa,  
Brando orvalho do céo ! sede bemditas !  
Oh ! filho de minh'alma ! Ultima rosa  
Que n'este solo ingrato vicejava !  
Minha esperança amargamente doce !  
Quando as garças vierem do occidente,  
Buscando um novo clima onde pousarem,  
Não mais te embalarei sobre os joelhos,  
Nem de teus olhos no ceruleo brilho  
Acharei um consolo a meus tormentos !  
Não mais invocarei a musa errante  
N'esses retiros onde cada folha  
Era um polido espelho de esmeralda  
Que reflectia os fugitivos quadros  
Dos suspirados tempos que se forão !  
Não mais perdido em vaporosas scismas  
Escutarei ao pôr do sol, nas serras,  
Vibrar a trompa sonora e leda  
Do caçador que aos lares se recolhe !

Não mais ! A arêa tem corrido, e o livro  
De minha infanda historia está completo !  
Pouco tenho de andar ! Um passo ainda,  
E o fructo de meus dias, negro, pôdre,  
Do galho eivado rolará por terra !  
Ainda um threno ! e o vendaval sem freio  
Ao soprar quebrará a ultima fibra  
Da lyra infausta que nas mãos sustenho !  
Tornei-me o écho das tristezas todas  
Que entre os homens achei ! o lago escuro  
Onde ao clarão dos fogos da tormenta  
Mirão-se as larvas funebres do estrago !



Por toda a parte em que arrastei meu manto  
Deixei um traço fundo de agonias !...

Oh! quantas horas não gastei, sentado  
Sobre as costas bravias do Oceano,  
Esperando que a vida se esvasse  
Como um floco de espuma, ou como o friso  
Que deixa n'agua o lenho do barqueiro !  
Quantos momentos de loucura e febre  
Não consumi perdido nos desertos,  
Escutando os rumores das florestas,  
E procurando n'essas vozes torvas  
Distinguir o meu cantico de morte !  
Quantas noites de angustias e delirios  
Não velei, entre as sombras espreitando  
A passagem veloz do genio horrendo  
Que o mundo abate ao galopar infrene  
Do selvagem corsel?... E tudo embalde !  
A vida parecia ardente e douda  
Agarrar-se a meu ser !... E tu tão joven,  
Tão puro ainda, ainda n'alvorada,  
Ave banhada em mares de esperança,  
Rosa em botão, cysalida entre luzes,  
Foste o escolhido na tremenda ceifa !  
Ah! quando a vez primeira em meus cabellos  
Senti bater teu halito suave ;  
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo  
Pulsar-te o coração divino ainda ;  
Quando fitei teus olhos socegados,  
Abysmos de iñnocencia e de candura,  
E baixo e a medo murmurei : meu filho !  
Meu filho! phrase immensa, inexplicavel,  
Grata como o chorar de Magdalena  
Aos pés do Redemptor... ah! pelas fibras  
Senti rugir o vento incendiado

D'esse amor infinito que eterniza  
O consorcio dos orbes que se enredão  
Dos mysterios do ser na têa augusta,  
Que prende o céo á terra e a terra aos anjos!  
Que se expande em torrentes ineffaveis  
Do seio immaculado de Maria!

Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!  
E de meu erro a punição cruenta  
Na mesma gloria que elevou-me aos astros,  
Chorando aos pés da cruz, hoje padeço!

O som da orchestra, o retumbar dos bronzes,  
A voz mentida de rafeiros bardos,  
Torpe alegria que circumda os berços  
Quando a opulencia doura-lhes as bordas,  
Não te saudarão ao sorrir primeiro,  
Clicia mimosa rebentada á sombra!  
Mas ah! si pompas, esplendor faltarão-te,  
Tiveste mais que os principes da terra...  
Templos, altares de affeição sem termos!  
Mundos de sentimento e de magia!  
Cantos ditados pelo proprio Deos!  
Oh! quantos reis que a humanidade aviltão  
E o genio esmagão dos soberbos thronos,  
Trocarião a purpura romana  
Por um verso, uma nota, um som apenas  
Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que bellos sonhos! Que illusões bemditas  
Do cantor infeliz lançaste á vida,  
Arco-iris de amor! luz da alliança,  
Calma e fulgente em meio da tormenta!

Do exilio escuro a cithara chorosa  
Surgio de novo e ás virações errantes  
Lançou diluvios de harmonia ! O gozo  
Ao pranto succedeu, as ferreas horas  
Em desejos alados se mudárão...  
Noites fugião, madrugadas vinhão,  
Mas sepultado n'um prazer profundo  
Não te deixava o berço descuidoso,  
Nem de teu rosto meu olhar tirava,  
Nem de outros sonhos que dos teus vivia !

Como eras lindo ! Nas rosadas faces  
Tinhas ainda o tepido vestigio  
Dos beijos divinaes ! nos olhos langues  
Brilhava o brando raio que accendêra  
A benção do Senhor quando o deixaste !  
Sobre teu corpo a chusma dos anginhos,  
Filhos do ether e da luz, voavão,  
Rião-se alegres, das caçoilas niveas  
Celeste aroma te vertendo ao corpo !  
E eu dizia co'migo : — teu destino  
Será mais bello que o cantar das fadas  
Que dansão no arrebol, mais triumphante  
Que o sol nascente derribando ao nada  
Muralhas de negrume !... Irás tão alto  
Como o passaro-rei do Novo Mundo !

Ai ! doudo sonho !... Uma estação passou-se,  
E tantas glorias, tão risonhos planos  
Desfizerão-se em pó ! O genio escuro  
Abrasou com seu facho ensanguentado  
Meus soberbos castellos. A desgraça  
Sentou-se em meu solar, e a soberana  
Dos sinistros imperios de além-mundo

Com seus dedos real sellou-te a fronte!  
Inda te vejo pelas noites minhas,  
Em meus dias sem luz vejo-te ainda,  
Creio-te vivo, e morto te pranteio!...

Ouço o tanger monotono dos sinos,  
E cada vibração contar parece  
As illusões que murchão-se contigo!  
Escuto em meio de confusas vozes,  
Cheias de phrases pueris, estultas,  
O linho mortuario que retalhão  
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas  
Saudades e perpetuas, sinto o aroma  
Do incenso das igrejas, ouço os cantos  
Dos ministros de Deos que me repetem  
Que não és mais da terra! . . E choro embalde!...

Mas não! Tu dormes no infinito seio  
Do Creador dos seres! Tu me fallas  
Na voz dos ventos, no chorar das aves,  
Talvez das ondas no respiro flebil!  
Tu me contemplas lá do céu, quem sabe?  
No vulto solitario de uma estrella...  
E são teus raios que meu estro aquecem!  
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!  
Brilha e fulgura no azulado manto!  
Mas não te arrojés, lagrima da noite,  
Nas ondas nebulosas do occidente!  
Brilha e fulgura! Quando a morte fria  
Sobre mim sacudir o pó das azas,  
Escada de Jacob serão teus raios  
Por onde azinha subirá minh'alma.

## MADRUGADA À BEIRA-MAR

O firmamento inteiro  
Transborda de fulgores  
Do sol aos esplendores,  
De Deos ao vasto olhar;  
Esparsas no infinito  
As nuvens cambiantes  
Se espelham triumphantes  
Na face azul do mar.

A tribu das gaivotas,  
Abrindo as azas leves,  
Descreve gyros breves  
Das rochas ao redor;  
E além, na praia extensa,  
Ao cantico das aves  
Misturão-se as suaves  
Canções do pescador.

Nas ondas transparentes,  
D'aurora os brandos lumes  
Prateão os cardumes  
Dos vividos peixinhos;  
E os botes descuidosos,  
Em prolongadas voltas,

Correm de velas soltas  
Nos páramos marinhos.

Comtudo entre as bellezas  
D'este festim sublime  
Eu sinto que me opprime  
Um intimo pezar!  
Porque não sou a concha  
Que volve-se na praia?  
E a espuma que desmaia?  
A onda azul do mar?

Porque não tenho eu azas  
Assim como a andorinha,  
Que se levanta azinha  
E vóa n'amplidão?  
Si a inspiração procura  
Erguer-me pelo espaço,  
Um rijo, estreito laço  
Me prende os pés no chão!

O sol, que hoje fulgura  
E as vagas illumina,  
De novo a luz divina  
Derramará nos céos;  
A madrugada esplendida,  
No dia de amanhã,  
Virá bella e louçã  
Quebrar da noite os véos.

Mas eu, ente maldito,  
Da criação no meio,

Tenho no fragil seio  
Martyrios infernaes!  
Hoje reflicto, sinto,  
Mas amanhã, cahido,  
Do lodo apodrecido  
Não surgirei jámais!

## SOMBRA S !

Não me detestes, não! Si tu padeces,  
Tambem minh'alma teu soffrer partilha,  
E sigo em prantos do supplicio a trilha,  
Curvado ao peso de tremenda cruz!

Para nós ambos apagou-se a luz,  
Tudo é tristeza no deserto vario,  
Inda está longe o cimo do Calvario...  
Não para ti... mas para mim, precito!

Tenho na face o desespero escripto :  
Todos me odeião! quanto toco é pó!  
Ai! n'este mundo tu me amaste, só,  
E em paga d'esse amor tiveste o inferno!

Pallida rosa do alcaçar eterno,  
Candida pomba que a innocencia nutre,  
Melhor te fôra a sanha de um abutre  
Que estas profanas mãos que te roçárão!

Aos céos os anjos teu chorar levárão,  
Irmãos preparão-te amoroso abrigo,  
E eu inda fico!... E tenho por castigo  
Sentir-me vivo quando tudo expira!



Oh! quando á noite o vendaval se atira,  
Quebrando as vagas turbulentas, frias,  
E lasca o raio as broncas penedias  
Onde a chuva despenha-se escumando...

Penso que Deos se abranda e vem chegando  
A ultima scena de meu torvo drama;  
Mas do fuzil que passa á rubra chamma  
Vejo ainda longe o pouso derradeiro !

Andar e sempre andar ! O globo inteiro  
Pendido atravessar como Caïm !  
Não achar um repouso, um termo, um fim  
A' dôr que róe, lacera e não descança !

E jámais antever uma esperança!  
Uma restia de luz na escuridão!  
Uma voz que me falle de perdão  
E parta o bronzeo sello d'agonia !

Ah! é cruento! Mas talvez um dia  
Comprehendas tão funda expiação,  
E o pobre nome que detestas hoje  
Murmures entre lagrimas então !

## A VARZEA

Às luzes matutinas,  
Sorrindo entre neblinas,  
A varzea como é linda!  
Parece uma criança  
Rosada, loura e mansa,  
No molle berço ainda.

O arroio somnolento  
Desliza tardo e lento  
Por entre os nenuphares,  
E cada vez mais brando  
Se vai perder chorando  
No seio dos palmares.

As languidas nymphéas,  
De fresco orvalho cheias,  
Nas hasteas se balançam ;  
E, como doudas willis,  
Por sobre as amaryllis  
As borboletas dansão.

Na têa de mil côres,  
Brilhante entre vapores,  
A aranha se equilibra,  
Fugindo de um argueiro

Ao toque o mais ligeiro  
Que abala a sabia fibra.

Depois, leve, indolente  
A nevoa docemente  
Desdobra-se passando,  
E alem, nos horizontes,  
Por entre os altos montes,  
O sol vem despontando.

A grama, o rio, as flôres,  
Os timidos cantores,  
Palpitão de alegria,  
E o pobre em seu albergue  
Humildes cantos ergue  
Ao filho de Maria.

Meu Deos ! a luz divina  
Que os orbes illumina  
Rebenta de teus olhos,  
Sant'elmos de alem-mundo  
Que vêm no mar profundo  
Mostrar-nos os escolhos !

Ah ! que seria a vida,  
Tão tetrica e dorida,  
Sem teu saber sem termos ?  
Que quando o triste cança,  
Povôa de esperança  
Os mais medonhos ermos ?

Senhor ! a podre argilla  
Abafa e aniquila

Meu genio solitario !...  
Oh ! nem mais forças tenho  
Para arrastar meu lenho  
Ao combro do Calvario !

No meio da jornada  
Vergou-me a mão pesada  
Da infamia negra e rude !  
As serpes que passarão  
A rosa envenenarão  
De minha juventude !

Mas ah ! quando contemplo  
Teu magestoso templo,  
A vasta criação,  
Sinto brotar de novo  
Da crença inda um renovo  
No exausto coração !

## QUEIXAS DO POETA

Ao cedro magestoso que o firmamento espana  
Ligou a mão de Deos a humida liana,  
A's amplas soledades arroyos amorosos,  
A's selvas passarinhos de cantos sonorosos,  
Neblinas ás montanhas, aos mares virações,  
Ao céo mundos e mundos de fulgidos clarões,  
Mas presa de uma dôr tantalica e secreta  
Sózinho fez brotar o genio do poeta!...

A aurora tem cantigas e a mocidade rosas,  
O somno do opulento visões deliciosas,  
Nas ondas crystallinas espelhão-se as estrellas,  
E as noites d'esta terra têm seducções tão bellas,  
Que as plantas, os rochedos e os homens electrizão,  
E os mais dourados sonhos na vida realizão!  
Mas triste, do martyrio ferido pela setta,  
Soluça no silencio o misero poeta!...

As auras do verão, nas regiões formosas  
Do mundo Americano, as virações cheirosas  
Parecem confundidas rolar por sobre as flôres  
Que exhalão da corolla balsamicos odores;  
As leves borboletas em bandos esvoação,  
Os reptis na sombra ás arvores se enlação;  
Mas só, sem o consolo de um' alma predilecta,  
Descora no desterro a fronte do poeta!...

O viajor que á tarde sobre os outeiros passa  
Divisa junto ás selvas um fio de fumaça  
Erguer-se preguiçoso da choça hospitaleira  
Pousada alegremente de um ribeirão á beira;  
Alli junto dos seus descansa o lavrador,  
Dos homens afastado e longe do rumor;  
Mas no recinto escuro que o desalento infecta  
Succumbe lentamente o genio do poeta!...

No rio caudaloso que a solidão retalha,  
Da funda correnteza na limpida toalha,  
Deslizão mansamente as garças alvejantes;  
Nos tremulos cipós de orvalho gottejantes  
Embalão-se avesinhas de pennas multicôres  
Pejando a matta virgem de cânticos de amores;  
Mas presa de uma dôr tantalica e secreta  
De dia em dia murcha o louro do poeta!...

## RESIGNAÇÃO

Sózinho no descampado,  
Sózinho, sem companheiro,  
Sou como o cedro altaneiro  
Pela tormenta açoutado.

Rugi! tufão desabrido!  
Passai! temporaes de pó,  
Deixai o cedro esquecido,  
Deixai o cedro estar só!

Em meu orgulho embuçado,  
Do tempo zombo da lei...  
Oh! venha o raio abrasado,  
— Sem me vergar... tombarei!

Gigante da soledade,  
Tenho na vida um consolo :  
Si enterro as plantas no solo,  
Chego a frente á immensidade!

Nada a meu fado se prende,  
Nada enxergo junto a mim;  
Só o deserto se estende  
A meus pés, fiel mastim.

A' dôr o orgulho sagrado  
Deos ligou n'um grande nó...  
Quero viver isolado,  
Quero viver sempre só!

E quando o raio incendiado  
Roçar-me, então cahirei  
Em meu orgulho envolvido,  
Como em um manto de rei.



## PROTESTOS

Esquecer-me de ti? Pobre insensata!  
Posso acaso o fazer quando em minh'alma  
A cada instante a tua se retrata?

Quando és de minha vida o louro e a palma,  
O pharo amigo que annuncia o porto,  
A luz bemdita que a tormenta acalma?

Quando na angustia funebre do horto  
És a socia fiel que azinha instilla  
Na taça da amargura algum conforto?

Esquecer-me de ti, pomba tranquilla,  
Em cujo peito, erario de esperanza,  
Entre promessas meu porvir se asyla!

Esquecer-me de ti, fragil criança,  
Ave medrosa que esvoaça e chora  
Temendo o raio em dias de bonança!

Bane o pezar que a fronte te descora,  
Secca as inuteis lagrimas no rosto...  
Que pois receias se inda brilha a aurora?

Ermo arvoredo aos temporaes exposto,  
Tudo póde alluir, tudo apagar  
Em minha vida a sombra do desgosto ;

Ah ! mas nunca teu nome ha de riscar  
De um coração que te idolatra, enquanto  
Uma gotta de sangue lhe restar !

É teu, e sempre teu, meu triste canto,  
De ti rebenta a inspiração que tenho,  
Sem ti me afogo n'um continuo pranto ;

Teu riso alenta meu cansado engenho,  
E ao meigo auxilio de teus doces braços  
Carrego aos hombros o funesto lenho.

De mais a mais se apertão nossos laços,  
A ausencia... oh ! que me importa!! estás presente  
Em toda a parte onde dirijo os passos.

Na briza da manhã que mollemente  
Junca de flôres do deserto as trilhas  
Ouço-te a falla tremula e plangente.

Do céo carmineo nas douradas ilhas  
Vejo-te, ao pôr do sol, formosa imagem,  
Cercada de esplendor e maravilhas.

Da luz, do mar, da nevoa e da folhagem  
Uma outra tu mesma eu hei formado,  
Outra que és tu, não pallida miragem.

E colloquei-te n'um altar sagrado  
Do templo immenso que elevou talvez  
Meu genio pelos anjos inspirado!

Não posso te esquecer, tu bem o vês!  
Abre-me d'alma o livro tão vendado,  
Vê si te adoro ou não : porque descrês?

## DESEJO

Quando eu morrer adornem-me de flôres,  
Descubram-me das vendas do mysterio,  
E ao som dos versos que compuz carreguem  
Meu dourado caixão ao cemiterio.

Abrão-me um fosso no lugar mais fresco,  
Cantem ainda, e deixem-me cantando ;  
Talvez assim a terra se converta  
De suave dormir n'um leito brando.

Em poucos mezes faz-me-hei poeira,  
Porém que importa ? si mais pura e bella  
Minh'alma livre dormirá sorrindo  
Talvez nos raios de encantada estrella.

E lá de cima velarei teu somno,  
E lá de cima esperarei por ti,  
Pallida imagem que do exilio escuro  
Nas tristes horas de pezar sorri !

Ah! e comtudo si deixando o globo  
Ave ditosa eu não partisse só,  
Si ao mesmo sopro conduzisse unidas  
Nossas essencias n'um estreito nó!...

Si junto ao leito das finaes angustias,  
Da morte fria ao bafejar gelado  
Eu te sentisse junto a mim dizendo :  
São horas de marchar, eis-me a teu lado...

Como eu me erguera resoluto e firme!  
Como eu seguira teu voar bemdito!  
Como espancára co'as possantes azas  
O torvo espaço em busca do infinito!

## DESENGANO

Oh! não me falles da gloria,  
Não me falles da esperança!  
Eu bem sei que são mentiras  
Que se dissipão, criança!  
Assim como a luz profliga  
As sombras da immensidade,  
O tempo desfaz em cinzas  
Os sonhos da mocidade.  
Tudo descora e se apaga:  
É esta do mundo a lei,  
Desde a choça do mendigo  
Até aos paços do rei!  
A poesia é um sopro,  
A sciencia uma illusão,  
Ambas tactêo nas trevas  
A luz procurando em vão.  
Caminhão doudas, sem rumo,  
Na senda que á dôr conduz,  
E vão cahir soluçando  
Aos pés de sangrenta cruz.  
Oh! não me falles da gloria,  
Não me falles da esperança!  
Eu bem sei que são mentiras  
Que se dissipão, criança!  
Que me importa um nome impresso  
No templo da humanidade,  
E as corôas de poeta,

E o sello da eternidade,  
Si para escrever os cantos  
Que a multidão admira  
É mister quebrar as pennas  
De minh'alma que suspira?  
Si nos desertos da vida,  
Romeiro da maldição,  
Tenho de andar sem descanso  
Como o Hebrêo da tradição?...  
Buscar das selvas o abrigo,  
A sombra que a paz aninha,  
E ouvir a selva bradar-me :  
Ergue-te, doudo, e caminha!  
Caminha! dizer-me o monte!  
Caminha! dizer-me o prado.  
Oh! mais não posso! — Caminha!  
Responder-me o descampado?...  
Ah! não me falles da gloria,  
Não me falles da esperança!  
Eu bem sei que são mentiras  
Que se dissipão, criança!

## REFLEXÕES DA MEIA-NOITE

TRADUÇÃO DE UMA POESIA DE M. AUBERTIN,  
OFFERECIDA AO AUTOR.

No céu da meia-noite a lua se equilibra,  
As praças estão mudas e os homens repousando,  
Mas ai! sob este encanto da abobada cerulea  
Que multidão de seres não vela soluçando!

A' calma semelhante, a dôr é quêda e funda...  
Seus intimos gemidos quem poderá contar?  
A tempestade foge, mais infeliz, da nuvem  
Que a lagrima secreta desprende em seu passar!

Tão dolorida e triste que espera as horas mortas  
Para afogar seu brilho no pallio tenebroso,  
Tão surda que ao rolar nas faces desbotadas  
Talvez nem a presinta o misero inditoso.

Ha um pezar ainda mais barbaro e cruento!  
É esse que enregela as lagrimas nos olhos  
E queima a gotta fulgida que a madre natureza  
Verteu, como um consolo, da vida entre os abrolhos!

E' quando tudo dorme que este pezar desperta!  
Oh! quanto desgraçado não curva-se á pressão



Do rabido tyranno do seio que padece  
E a vida amaldiçôa e a morte chama em vão!

Meu Deos! si isto é assim, bemdita a voz amiga  
Que a seu exhausto ouvido dicesse brandamente :  
— Miserrimo ! si a dôr magôa-vos a essencia,  
Mirai o céo da noite tão placido e fulgente!

Porém se obstinado, com gelido desprezo,  
Tenaz em refazer-se da desventura infinda,  
Olhasse com sarcasmo o divinal aviso,  
Ou mais suave e meiga dicesse a voz ainda :

— Podeis pensar acaso que a lua peregrine  
Nos paramos sidereos tão cheia de fulgor,  
Si aqui sobre este mundo, ao lado da tristeza,  
Não mais restasse um viso de tanta paz e amor?

Emquanto ao firmamento a côr azul fôr propria  
As trevas passarão e a chuva hade cessar,  
E junto do infeliz a magica esperanza  
Os sonhos que morrerão virá resuscitar.

Comtudo o céo mais puro parece opaco e negro  
A quem foge da luz obstinado e cego;  
A' vista firme e clara esvaem-se os negrumes  
Que turbão da existencia a calma e o socego.

Trará consolo a lua, o sol calor e vida,  
E a humana creatura, ligada a seu penar,  
Se quedará tristonha quando a esperanza vela  
Nas sombras d'este mundo, archanjo tutelar?

Vossa alma é livre agora, despedaçai os ferros  
Que os entes escravizão n'um padecer insano;  
Mirai o céu azul, sede robusto e forte,  
Além do desespero não ha peor tyranno!

O desespero o que é? — Palavra estulta e louca!  
O coração só vive ás luzes da esperança,  
Scentelha ora indecisa, ora formosa e viva,  
Que nunca desfallece, nem de brilhar se cança.

A's vezes, por mais bello que o dia resplandeça,  
Lá surge um ponto negro que avulta n'amplidão,  
Assim tambem no meio dos gozos e venturas  
O dissabor se mostra e pede seu quinhão.

Ao dia segue a noite, mas esta se esvaece,  
E o globo aviventando desponta um novo dia,  
E os corações, que ha pouco pulsavão tristemente,  
Dilatão-se inundados de amor e de alegria.

Erguei acima os olhos, que linda vai a noite!  
Quão doce é seu aspecto e seu respiro ameno!  
E vós pensais achar, sombrio e taciturno,  
Seu manto conspurcado da morte no veneno!

Assim ao desditoso pudera, no silencio  
Celeste, occulta voz baixinho murmurar:  
— São estas as verdades que a sã philosophia  
As lagrimas inuteis devêra aconselhar.

Mas ai! a cada passo a vida nos demonstra,  
Embora da esperança scintille a chamma pura,  
Que ha dôres tão profundas, pezares tão rebeldes,  
Assim como ha molestias mortíferas, sem cura!

## MELODIAS DO ESTIO

### ASPIRAÇÕES

Meu Deos ! já que não posso no meio das florestas  
Ouvir da natureza as mais soberbas festas ;  
Já que não posso errante no esplendido oceano  
Sorver a longos tragos teu bafo soberano ;  
Quero escutar nas praças, ao vento das paixões,  
Erguer-se retumbante a voz das multidões !  
Quero sentir, Senhor, que o fogo de teu genio  
Abrasa-lhes as fibras, do mundo no proscenio,  
E sabem responder do despota á vontade :  
— Aqui finda teu mando e surge a liberdade !

Aos mares e aos desertos, aos povos e ás féras  
Déste uma lei sómente nas primitivas éras :  
O Genesis dos orbes teve por lettra prima  
O emblema da igualdade que a independencia arrima.  
A luz sacode as sombras e abraça a immensidade,  
Os escarcéos resistem ao horror da tempestade ;  
Mas ai ! Senhor, os homens na mais formosa plaga  
Parece que affeição-se ao jugo que os esmaga !  
Quando ouvirei nas praças, ao vento das paixões,  
Erguer-se retumbante a voz das multidões ?

Espanta-me a tormenta que as arvores derriba :  
Mas o tufão que passa e a cerração fustiga  
É util e propicio, porque descobre os montes  
E deixa que eu contemple os vastos horizontes,  
Onde ao clarão suave de um sol brilhante e puro  
Ostenta-se formosa a imagem do futuro !...  
A raça entorpecida á sombra se acostuma  
E nada enxerga alem da condensada bruma !...  
Venha o tufão bemdito, e, ao vento das paixões,  
Quero escutar nas praças a voz das multidões !

A escravidão não cinge-se unicamente aos ferros !...  
Ha uma inda mais negra, a escravidão dos erros !  
Para privar-se ao pobre que seu caminho veja  
Oh ! não, não é preciso que elle atulhado seja ;  
Basta roubar-lhe a luz, e o misero nas sombras  
Se atirará da margem nas humidas alfombras !  
Oh ! mão peor mil vezes !... trouxe-lhe a claridade ;  
Si o trilho está coberto, abre outro a liberdade !  
Quando ouvirei nas praças, ao vento das paixões,  
Erguer-se retumbante a voz das multidões ?

## EM TODA A PARTE

Quando alta noite as florestas,  
Ao soprar das ventanias,  
Tenebrosas agonias  
Trahem nas vozes funestas,  
Quando as torrentes bravejão,  
Quando os coriscos rastejão  
Na espuma dos escarcéos...  
Então a passos incertos  
Procuro os amplos desertos  
Para escutar-te, meu Deos !  
Quando na face dos mares  
Espelha-se o rei dos astros,  
Cobrindo de ardentes rastros  
Os ceruleos alcaçares ,  
E a luz domina os espaços  
Partindo da nevoa os laços,  
Rasgando da sombra os véos...  
Então resoluto, ufano,  
Corro ás praias do oceano  
Para mirar-te, meu Deos !  
Quando ás bafagens do estio  
Tremem os pomos dourados,  
Sobre os galhos pendurados  
Do pomar fresco e sombrio ,  
Quando á flôr d'agua os peixinhos  
Saltitão, e os passarinhos  
Se cruzão no azul dos céos,

Então procuro as savanas,  
Me atiro entre as verdes canas  
Para sentir-te, meu Deus !  
Quando a tristeza desdobra  
Seu manto escuro em minh'alma,  
E vejo que nem a calma  
Desfructo que aos outros sobra,  
E do passado no templo  
Lettra por lettra contemplo  
A nenia dos sonhos meus...  
Então me afundo na essencia  
De minha propria existencia  
Para entender-te, meu Deus !

## A UM ENGEITADO

Como a semente cahida  
Sobre um ingrato terreno,  
Nasci;  
E pobre planta esquecida,  
Sem virações, sem sereno  
Cresci!

O meu primeiro momento  
Foi um momento maldito,  
Bem sei;  
Filho do vicio cruento,  
Sempre a nodoa de prescito  
Terei!

De um porvir almo e dourado  
Aquece as humanas fronte  
A luz;  
Mas, triste ser malfadado,  
Só vejo nos horizontes  
A Cruz!



## NO ERMO

Salve! erguidas cordilheiras,  
Brenhas, rochas altaneiras,  
D'onde as alvas cachoeiras  
Se arrojão troando os ares!  
Folhas que rangem cahindo,  
Féras que passam rugindo,  
Genios que dormem sorrindo  
No fresco chão dos palmares!

Salve! florestas sombrias,  
Onde as rijas ventanias  
Acordão mil harmonias  
Na doce quadra estival!  
Rôlas gentis que suspirão,  
Louras abelhas que gyrão  
Sobre as flôres que transpirão  
No seio do taquaral!

Salve! esplendida espessura,  
Mares de sombra e verdura  
D'onde a briza etherea e pura  
Faz brotar a inspiração,  
Quando á luz dos vagalumes,  
Da mariposa aos cardumes  
Se casão molles queixumes  
Dos filhos da solidão!

Ah! que eu não possa me afastar das turbas,  
Curar a febre que meu ser consome,  
E entre alegrias me atirar cantando  
Nas seccas folhas do sertão sem nome...

Ah! que eu não possa desprender aos ermos  
O fogo ardente que meu craneo encerra,  
Gastar os dias entre Deos e os genios  
Nas mattas virgens da cabralia terra!

Eu não detesto nem maldigo a vida,  
Nem do despeito me remorde a chaga;  
Mas ai! sou pobre, pequenino e debil,  
E sobre a estrada o viajor me esmaga!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,  
Rasgão-me o seio prematuras dôres,  
E á mágoa insana que me enluta as noites  
Declino á campa na estação das flôres!

E ha tanto encanto nos desertos vastos,  
Tanta belleza do sertão na sombra,  
Tanta harmonia no correr do rio,  
Tanta doçura na campestre alfombra,

Que inda pudera se alentar de novo  
E entre delicias fluctuar minh' alma,  
Fanada planta que mendiga apenas  
O orvalho, a noite, a viração e a calma!

Abre-me os braços, ó fada,  
Fada do ermo profundo,

Onde o bulicio do mundo  
Não ousa sequer bater!  
Oh! quero tudo esquecer,  
Tudo o que aos homens seduz,  
Beber uma nova vida  
E a fronte elevar unvida  
De santas crenças á luz!  
Gloria, futuro... o que valem  
Futuro e glorias de pó...

Sem gratos sonhos que embalem  
O triste descrido e só?  
De que serve o ouro, a fama,  
Um nome — pallida chamma! —  
Quando á noite junto á cama  
Só ha martyrios e dôres?  
Quando a aurora é sem bellezas,  
Cheias de espinho as devezas,  
E a tarde só tem tristezas  
Em vez de cantos e flôres!

## VOZES NO AR

Basta de luz, Senhor ! Senhor, basta de afagos !  
Minhas retinas frageis se cansão de esplendores !  
E o fogo que me assopras sobre as espaldas nuas  
Desperta-me nas veias freneticos ardores !

Ah ! sou tão nova ainda que sinto-me exaltada  
Das selvas verde-escuras ao caloroso effluvio,  
E busco envergonhada nas solidões sem termos  
Meu manto inda molhado das aguas do diluvio.

Tenho no seio a vida e a liberdade n'alma ;  
Aponta-me o caminho por onde devo andar ;  
Irei onde os condores seus ninhos pendurárão ?  
Ou bem onde desdobra seus vagalhões o mar ?

Nas aguas do Amazonas mirei meu rosto altivo  
No Prata transparente banhei meus lindos pés ;  
Ungi os meus cabellos do aroma da baunilha,  
Das palmas do coqueiro cobri minha nudez.

Tenho cascatas de ouro, abysmos de diamantes,  
Riquezas para um mundo... si me aprouver comprar ;  
Mas sinto-me indecisa, quero avançar, vacillo,  
Oh ! mostra-me o caminho por onde devo andar !

## COLMAL

### PARAPHRASE OSSIANICA

Como é sentido o canto que murmuras,  
Ó genio dos rochedos solitarios !  
Assemelha-se á queixa dos arroios  
Entre a relva macia e vigorosa  
Dos valles florecidos. Muitas vezes  
No silencio da noite hei despertado  
Procurando nas sombras, como outr'ora  
Da mocidade nos risonhos dias,  
Minha lança esquecida ; e no emtanto  
Sinto meu braço recahir sem força  
E choro amargamente a sós co'migo.  
Recusarás acaso, ó grato genio,  
Prestar ouvido aos canticos de Ossian ?  
A inspiração rebenta-me na fronte  
Á lembrança das glorias do passado ;  
Minh'alma se illumina, e mais formosos  
Brotão os sonhos da primeira idade,  
Como as flôres do campo á luz d'aurora  
Quando foge a tormenta, e a noite escura  
Corre aos raios do sol que o espaço inundão !

Não vês suspenso á cabeceira de Ossian  
Aquelle antigo escudo ? seus relevos

Estão gastos á força de combates,  
Seu brilho está perdido, e no emtanto  
É o escudo do celebre Duntalmo.  
Ó genio dos rochedos solitarios,  
Escuta a voz prophetica dos tempos !  
Era Ramor de Clutha illustre chefe ;  
Em seu palacio o fraco descansava  
Sem receio dos fortes ; o estrangeiro  
Jámais achou fechada a vasta portã  
D'essa morada hospitaleira e rica.  
Um dia appareceu Duntalmo o féro  
E convidou Ramor para o combate ;  
O guerreiro aceitou, porém na luta  
Duntalmo foi vencido. Dominado  
Por um odio fatal, passados tempos,  
Voltou Duntalmo, e, collocado á frente  
De numerosa tropa, ás horas mortas  
Assassinou Ramor em seu palacio.

Filhos do morto, na mais tenra idade,  
Colmar e Calthon descuidosos entrão  
Na triste habitação, e, contemplando  
Sobre a terra atirado, envolto em sangue,  
O cadaver paterno, as fronte unem,  
E seus prantos confundem abraçados.

Ás lagrimas doridas que derramão,  
Aos suspiros sentidos que desprendem,  
O coração cruento de Duntalmo  
Abranda-se e commove-se ; de prompto  
Manda levar as miseras crianças  
A seu palacio esplendido de Alteutha.

Sob o tecto opulento do inimigo  
Os filhos de Ramor forão crescendo ;

Já na presença do feroz guerreiro  
Entesavão seus arcos, junto d'elle  
Já combatião destemidos, fortes.

Virão cobertos de espinhosas plantas  
Da morada paterna os altos muros ;  
E junto da lareira o verde limo,  
Sob as azas de funebre silencio,  
Estender-se e ganhar os aposentos ;  
E chorarão sózinhos nas montanhas,  
E o pesar que sentião transudava  
Das faces juvenis. Duntalmo em breve  
Percebeu-lhes a dôr, e, receiando  
Que elles a morte de seu pai vingassem,  
Os prendeu em dous antros pavorosos  
Do Teutha escuro nas desertas margens.

Jámais a luz do sol transposto havia  
D'estas cavernas humidas as bordas,  
Jámais da lua os somnolentos raios  
Tinhão beijado os funebres recantos  
D'estas negras prisões onde os mancebos  
Entre sombras espessas soluçavão.

A filha de Duntalmo, airosa e linda,  
Virgem de olhos azues, louros cabellos,  
Chorava no silencio a desventura  
De Calthon que prendêra-lhe a vontade  
De ardente amor nos laços feiticeiros.  
Uma noite ella ergueu-se resoluta,  
A formosa Colmal, reveste de aço  
Seu corpo seductor, agarra a espada  
Que a defunto guerreiro pertencêra,  
E, transpondo a prisão do desditoso,  
Quebra-lhe os ferros, mostra-lhe a passagem.

— Oh ! filho de Ramor, a noite é negra,  
Levanta-te e caminha ! O rei de Selma  
Asylo nos dará ; meu pai outr'ora  
Na casa de teu pai asylo achára :  
Vem pois co'migo, de Langal sou filho.

E Calthon diz a medo : — Oh ! voz suave,  
D'onde vens tu ? Do cimo dos outeiros,  
Ou do seio das nuvens encantadas ?  
Muitas vezes sonhando enxergo as sombras  
Queridas de meus pais entre as profundas  
Trevas espessas que meu corpo envolvem !  
Serás o filho de Langal ? Outr'ora  
No palacio de Clutha eu vi sentado  
Esse illustre guerreiro !... Tu me chamas,  
Oh ! mas não posso abandonar nos ferros  
Meu irmão infeliz, seria infame !  
Dá-me uma lança, voarei de prompto,  
Partirei seus grilhões e iremos juntos.

— Guerreiros mil, responde-lhe a donzella,  
Guardão Colmar. Que poderás sózinho  
Contra força tão grande ? Vem, fujamos,  
Corramos a Morvem, seu rei piedoso  
De teus males ouvindo a triste historia  
Virá salvar Colmar. Da noite as sombras  
Aos poucos vão fugindo, e na planicie  
Verá Duntalmo de teus pés os traços,  
E morrerás na flôr da juventude.  
Vem, não receies, inda é tempo. O moço  
Suspirando levanta-se ; á lembrança  
Do irmão infeliz, rios de pranto  
Escapão-lhe dos olhos. O caminho  
Que vai dar a Morvem ligeiros trilhão.



O capacete escuro a face occulta  
Da formosa Colmal; seu branco seio  
O ar da noite a longos tragos bebe  
Sob a lisa armadura que o comprime.

No palacio de Selma, entrando á volta  
Da caça turbulenta, os dous mancebos  
Fingal encontra; as desventuras ouve  
Que o filho de Ramor lhe conta, e volve  
Seus olhares á tropa que o circumda.  
Mil guerreiros levantão-se e reclamão  
A honra de levar a guerra a Teutha.

E tambem eu parti. Sobre a planicie  
Nossos bravos marchavão semelhantes  
Ás vagas do Oceano : os dous mancebos  
Ião perto de mim. Logo Duntalmo  
Nossa chegada prevenindo ajunta  
No topo da collina os seus guerreiros.

A torrente de Teutha bravejava  
Orgulhosa a seus pés. Um bardo envio  
A convidar Duntalmo para a luta  
No meio da planicie : um rir de mofa  
Foi a resposta do soberbo chefe.  
O turbilhão de seus guerreiros move-se  
No topo da collina, semelhante  
Á nuvem negra que o tufão sacode  
E desdobra no céu. Duntalmo ordena  
Que o misero Colmar trazido seja  
Á margem da torrente, e enfurecido  
Embebe-lhe no seio a ferrea lança.

O desditoso cahe, rola por terra  
Torcendo-se no sangue. Hallucinado  
Calthon se arroja da torrente ao meio ;  
Eu vibro a minha espada, e ao lado opposto  
Atiro-me das aguas. O inimigo  
De mais a mais fraquêa a nossos golpes,  
Mas a noite destende sobre a terra  
Seu manto tenebroso e nos separa.

Duntalmo se retira para o centro  
De uma antiga floresta, acceso em raiva  
Contra o mancebo cujo ardor guerreiro  
Não pudera extinguir. Calthon sentado  
À sombra de um pinheiro pranteava  
Seu irmão infeliz tão cedo morto.  
Vai alta noite, as sombras e o silencio  
Estendem-se no plaino ; os combatentes  
Mal resistem ao somno, mas ainda  
Aos ouvidos de Calthon rumoreja  
A torrente de Teutha, e a triste sombra  
Do misero Colmar ante seus olhos  
Levanta-se funerea, ensanguentada,  
E com sinistra voz assim lhe falla :  
« Ergue-te, Calthon, antes que a alvorada  
Appareça no céo, vinga a desgraça  
De teu pobre Colmar! Duntalmo, o féro,  
Irá seus restos insultar nas trevas! »

Assim dizendo a sombra se esvaece.

A taes palavras Calthon se levanta  
E parte como um raio ; ignota chamma

Incende-lhe os olhares ; a tormenta  
Convulsa-lhe no seio. Os inimigos  
Estremecem de horror ; porém, passados  
Os primeiros instantes, se condensão,  
Apertão-se ao redor do combatente,  
Prendem-n'o em breve e levão-n'o á presença  
Do cruento Duntalmo. Alegres brados  
Elevão-se nos ares, as collinas  
Repetem-n'os da noite no silencio.

Despertei assustado a taes rumores :  
Tomo da lança que a meu lado estava,  
Chamo os guerreiros. Mais funesto e horrivel  
Que a propria morte meu valor se torna !

Não era assim que outr'ora se batião,  
Oh ! filhos de Morvem, nossos maiores !  
Quando de volta Fingal divisar-nos  
Sem ter vencido os féros inimigos,  
Que lhe diremos nós ? Eia, guerreiros !  
Preparai vossas armas e segui-me !  
Sobre as ondas do Teutha a madrugada  
Começava a lançar seus brandos lumes...  
Colmal acompanhava-nos chorando,  
Das mãos imbelles lhe escapou trez vezes  
A lança que levava. Esta fraqueza  
Incitou minha colera : « Mancebo  
Covarde e pusillanime, lhe eu disse,  
Por acaso os guerreiros d'esta terra  
Combatem soluçando ? Segue as corças  
E os rebanhos que pascem junto ao Teutha  
E deixa as armas, deixa-as aos valentes ! »

Assim dizendo, arranco-lhe do corpo  
A lustrosa armadura, e um branco seio,

Um seio de mulher, alvo e formoso,  
Descoberto apparece ! A minha lança  
Escapa-me das mãos, abaixo a fronte,  
E desprendo um suspiro amargurado.

Tudo entendi ! O grito do combate  
Soltei de novo ! Ó genio dos rochedos,  
O' genio dos rochedos solitarios !  
Porque do velho bardo a voz já rouca  
Treme de relatar como murrêrão  
Os guerreiros de Téutha ? Hoje repousão  
Em seus proprios paizes olvidados,  
E o viajante buscaria embalde  
Seus tumulos nas sarças escondidos !  
Apenas o lugar onde Duntalmo  
Cahio aos golpes de Ossian, e o jazigo  
Onde o somno sem fim ha muito dorme,  
Aos fulgores da lua inda branquêão !  
Tudo mais a tormenta ha dissipado !

Preso ao tronco rugoso de um carvalho  
Calthon achei, cortei-lhe as duras cordas,  
E da bella Colmal nos lindos braços  
Atirou-se feliz. Junto de Teutha  
Uma rica morada levantárão,  
E Ossian, radiante da victoria,  
Ás terras de Morvem voltou de novo.

## IRA DE SAUL

### FRAGMENTO

A noite desce. Os furacões de Assur  
Passão dobrando os galhos á videira,  
Todos os plainos de Salisa e Sur  
Perdem-se ao longe em nuvens de poeira.

Minh'alma se exacerba. O fel d'Arabia  
Coalha-se todo n'este peito agora :  
Oh ! nenhum mago da Chaldéa sábia  
A dôr abrandará que me devora !

Nenhum ! Não vem da terra, não tem nome,  
Só eu conheço tão profundo mal,  
Que lavra como a chamma e que consome  
A alma e o corpo no calor fatal !

Maldição ! Maldição ! Eil-o que vem !  
Oh ! mais não posso ! A ira me quebranta !...  
Toma tu'harpa, filho de Belem,  
Toma tu'harpa sonora e canta !

Canta, louro mancebo ! O som que acordas  
É doce como as auras do Cedron,

Lembra-me o arroio de florentes bordas  
Junto á minha romeira de Magron.

Lembra-me a vista do Carmelo, as tendas  
Branças sobre as encostas de Ephraim,  
E pouco a pouco apagam-se as tremendas  
Furias do genio que me opprime assim !

## VERSOS SOLTOS

AO GENERAL JUAREZ

Juarez ! Juarez ! Quando as idades,  
Fachos de luz que a tyrannia espancão,  
Passarem desvendando sobre a terra  
As verdades que a sombra escurecia ;  
Quando soar no firmamento esplendido  
    O julgamento eterno ;  
Então banhado no prestígio santo  
Das tradições que as epopeas crêão,  
Grande como um mysterio do passado,  
Será teu nome a magica palavra  
Que o mundo fallará lembrando as glorias  
    Da raça Mexicana !  
Quem se atreve a medir-te face á face ?  
Quem teu vôo acompanha nas alturas,  
Condor soberbo que da luz nas ondas  
Sacode o orvalho das possantes azas,  
E lança um grito de desprezo infindo  
    Aos milhafres rasteiros ?  
Que destemido caçador dos ermos  
Irá te captivar, ave sublime,  
N'essas costas bravias e tremendas  
Onde o Grande Oceano atira as vagas  
E os vendavaes sem pêas atordôão  
    O espaço de rugidos ?

Que sicario real, nas mattas virgens,  
Amplas, sem marcos, sem baptismo e data  
Te apanhará, jaguar das soledades?...  
Ah! tu espreitas os volcões que dormem!  
Quando a cratera encher-se, á luz vermelha  
    Rebentarás nas praças!  
Trarás contigo os raios da tormenta!  
Da tormenta serás o sopro ardente!  
Mas a tormenta passará de novo  
E o golfo Mexicano illuminado  
Reflectirá teu vulto gigantesco,  
    Ó aguia do porvir!

Teu nome está gravado nos desertos  
Onde pés de mortal jámais pisarão!  
Quando pudessem deslembra-lo os homens,  
As selvas despirião-se de folhas,  
Para arrojal-as do tufão nas azas  
    A's multidões ingratas!  
Como as de um livro immenso ellas compoem  
Teu poema sublime, a pluma eterna  
Do invisivel destino, e não rasteira,  
Misera penna de mundano bardo,  
N'ellas traçou as indeleveis cifras  
    De teu nome immortal!

Os pastores de Puebla e de Xalisco,  
As morenas donzellas de Bergara  
Cantão teus feitos junto ao lar tranquillo  
Nas noites perfumadas e risonhas  
Da terra Americana. Os viajantes,  
Que os desertos percorrem, pensativos  
Parão no cimo das erguidas serras,  
Medem co' a vista o descampado immenso,  
E murmurão fitando os horizontes  
Vastos, perdidos n'um lençol de nevoas :



Juarez ! Juarez ! em toda a parte  
Teu espirito vaga! ..

Fallão de ti as fontes e as montanhas,  
As hervinhas do campo e os passarinhos  
Que, abrindo as azas no azulado céo,  
Como um bando de sonhos esvoação.  
Mas esse nome que ameniza o canto  
Do torvo montanhez, e mais suave  
Que um suspiro de amor, parte dos labios  
Da virgem sonhadora das campinas,  
Faz tremer o tyranno que repousa  
Nos macios coxins do leito de ouro,  
Como o brado do archanjo no infinito  
Ao fenecer dos mundos !

Deixa que as turbas de terror escravas  
Junto de falso throno se ajoelhem !  
Os brindes e os folguedos continuão...  
Mas a mão invisivel do destino  
Na sala do banquete austera escreve  
O aresto irrevogavel !

## SETE DE SETEMBRO

Quando o genio de Deos em santo arrojo  
Batendo as sombras atirou no espaço  
    A hyperbole da luz,  
E á materia disforme que boiava  
Sem destino e sem rumo abriu a senda  
    Que á perfeição conduz;

Os cherubins calárão-se escutando  
A ode universal que retumbava  
    Aos pés do Creador ;  
E a natureza virgem dilatou-se,  
E os mundos abalárão-se rugindo :  
    — Somos livres, Senhor !

As gerações erguêrão-se no tempo :  
De cada idéa levantou-se um povo,  
    De cada povo a lei !...  
As éras succedêrão-se confusas ;  
Mas o canto divino orientava  
    Das multidões a grei.

E ora entre nevoas, ora entre fulgores,  
Como a lua formosa em céu nublado,  
    A liberdade andava,  
E a cada passo a transfuga celeste

Um rasto immenso de grilhões partidos  
Como o raio deixava!...

Mas tu, risonha plaga Americana,  
Ilha de amor nos mares do mysterio,  
Dormias a sorrir,  
Tão linda como o cysne de alvas pennas,  
Tão pura como a virgem balouçada  
Nos sonhos do porvir!

Do vulto horrendo do voraz abutre  
A sombra intensa não toldou-te as faces,  
Nem manchou-te, é mentira!  
Anjo de azas de luz! não foste escrava!  
Criança! inda era cedo, o canto eterno  
Dormia-te na lyra!

Dormia! mas o halito de Deos  
Rugia-te nas fibras, inflammado  
Como um volcão no mar!  
As nações esperavão-te anciosas,  
E no forum dos povos avultava  
Vazio o teu lugar!

Appareceste emfim, mas não liberta,  
Que nunca foste escrava, apenas debil,  
Sem forças, vacillante;  
Si assim não é, onde estarão teus ferros?  
Onde o pó das prisões que derribaste?  
Onde o jugo infamante?

É n'este altar de esplendido futuro,  
Berço de outr'ora, throno do presente,

Que beijamos-te as plantas,  
E ao perfume do incenso, ao som dos hymnos,  
Adoramos em ti da liberdade  
As glorias sacrosantas.

Filha augusta de Deos ! Rosa banhada  
Da Redempção nas lagrimas ardentes !  
Mãi das raças oppressas !  
Pomba sagrada que rompendo as nuvens  
Trazes ao lenho errante o verde ramo  
Ungido de promessas ;

Liberdade gentil, mil vezes salve !  
Salve ! sem pêas devassando os ares,  
Espancando os bulcões !  
Salve ! nos paços de opulentos satrapas !  
Salve ! na choça humilde do operario !  
Salve até nas prisões !

## NOITE SAUDOSA

SERENATA

POSTA EM MUSICA PELO DISTINCTO COMPOSITOR ACADEMICO  
O SENHOR V. J. GOMES DA COSTA.

Ah! como brilhas  
No céu azul,  
Dourando os serros,  
Astro do Sul!

Quanta tristeza,  
Quanta saudade  
No seio expandes  
Da soledade!

Ah! não, não fujas,  
Não mais te escondas  
Da nevoa errante  
Nas brancas ondas!

Vê como as aves  
Adormecidas  
Soltão sonhando  
Queixas sentidas.

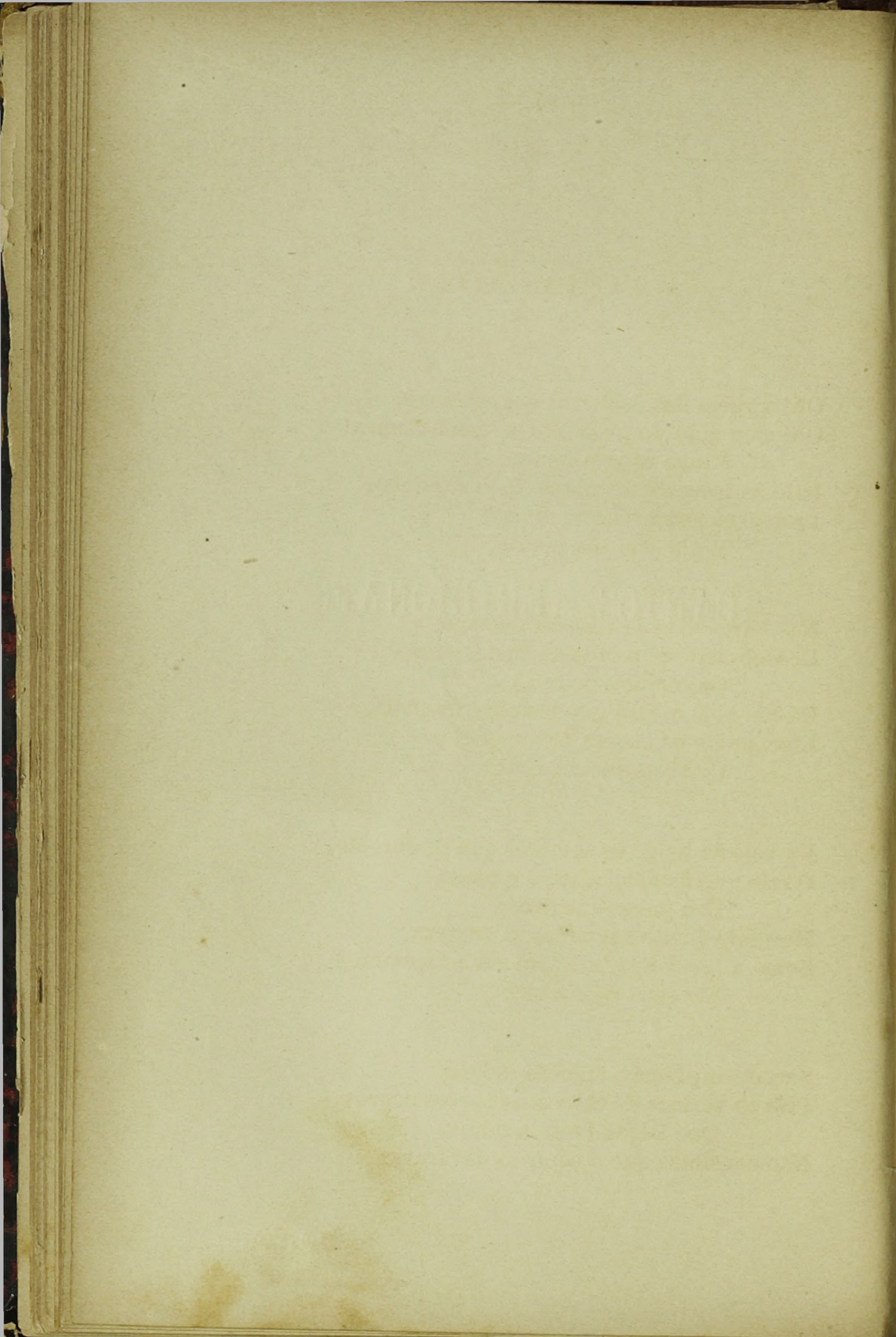
Vê como as selvas,  
O prado, as flôres  
N'um só abraço  
Tremem de amores.

Na sombra o rio  
Chora e desmaia;  
Mortas as vagas  
Gemem na praia...

Ah! fica, fica  
No céu azul,  
Não mais te afastes,  
Astro do Sul!...

A luz que vertes  
Da patria falla,  
E a dôr abrandá  
Que o seio rala!...

CANTOS MERIDIONALES



Oh!  
Oh!

Bate  
Pro

No  
Des

Dá-  
En

Eu  
Or

Me  
Con

Sac  
Pisa

Não



## ORAÇÃO

Oh! virgem das esphéras sempiternas!  
Oh! meu anjo da guarda! Oh! minha musa!  
    Minha esposa immortal!  
Bate as trevas que enlutão meu caminho,  
Proteje na jornada deste mundo  
    Minh'alma tua igual!

Nos loiros dias da risonha infancia  
Desdobraste sobre ella as vastas azas  
    Gottejantes de luz...  
Dá-me hoje alento que meu ser fraqueia,  
Enxuga-me os suores do supplicio,  
    Conforta-me na cruz!

Eu vejo ao longe as sombras que se enrolão,  
O raio que flammeja, ruge e passa  
    Das nuvens através;  
Meu seio é todo angustias, a tristeza,  
Como a bôa voraz, me arrocha os membros  
    Em seus rijos anneis!

Sacode as plumas, anjo do infinito,  
Pisa os vermes do chão e os corvos negros  
    Que folgão junto a mim!  
Não consintas que o espirito das trevas

Se assente nos debruns de teu vestido  
E faça seu festim!

A tormenta do céu sacode as plantas,  
Fustiga das montanhas o costado  
Tremenda em seu furor!  
Mas os ventos da intriga e da calúnia  
Não deixão nos arbustos que açoitarão  
Nem sombra de uma flor!

Elles passarão crebros e cruentos  
Sobre minha cabeça inda aquecida  
Da mocidade ao sol!  
Na estação do prazer, eis-me sentado  
Do mar da vida nas bravias costas,  
Sem lume, sem pharol!

Eu quero andar! Eu sei que no futuro  
Inda ha rosas de amor, inda ha perfumes,  
Ha sonhos de encantar!  
Não, eu não sou daquelles que a descrença  
Para sempre curvou, e sobre a cinza  
Debrução-se a chorar!

Lança um raio de luz em meu caminho,  
Proteje na jornada deste mundo  
Minh'alma tua igual,  
Oh! virgem das espheras sempiternas!  
Oh! meu anjo da guarda! Oh! minha musa!  
Minha esposa immortal!

## O ESCRAVO

AO SR.

THOMAZ DE AQUINO BORGES

Dorme! Bemdito o archanjo tenebroso  
    Cujo dedo immortal  
Gravou-te sobre a testa bronzeada  
    O sigillo fatal!  
Dorme! Si a terra devorou sedenta  
    De teu rosto o suor,  
Mãi compassiva agora te agasalha  
    Com zelo e com amor.

Ninguem te disse o adeus da despedida,  
    Ninguem por ti chorou!  
Embora! A humanidade em teu sudario  
    Os olhos enxugou!  
A verdade luzio por um momento  
    De teus irmãos á grei :  
Si vivo foste escravo, és morto... livre  
    Pela suprema lei!

Tu suspiraste como o hebreu captivo  
    Saudoso do Jordão,

Pesado achaste o ferro da revolta,  
    Não o quizeste, não!  
Lançaste-o sobre a terra inconsciente  
    De teu proprio poder!  
Contra o direito, contra a natureza,  
    Preferiste morrer!

Do augusto condemnado as leis são santas,  
    São leis porém de amor:  
Por amor de ti mesmo e dos mais homens  
    Preciso era o valor...  
Não o tiveste! Os ferros e os açoites  
    Matarão-te a razão!  
Dobrado captiveiro! A teus algozes  
    Dobrada punição!

Porque nos teus momentos de supplicio,  
    De agonia e de dôr,  
Não chamaste das terras Africanas  
    O vento assolador?  
Elle traria a força e a persistencia  
    A' tu'alma sem fé,  
Nos rugidos dos tigres de Benguella,  
    Dos leões de Guiné!...

Elle traria o fogo dos desertos,  
    O sol dos areaes,  
A voz de teus irmãos viril e forte,  
    O brado de teus pais!  
Elle te sopraria ás molles fibras  
    A raiva do suão  
Quando agitando as crinas inflammadas  
    Fustiga a solidão!

Então ergueras resolute a fronte,  
E, grande em teu valor,  
Mostráras que em teu seio inda vibrava  
A voz do Creador!  
Mostráras que das sombras do martyrio  
Tambem rebenta a luz!  
Oh! teus grilhões serião tão sublimes,  
Tão santos como a cruz!

Mas morreste sem luctas, sem protestos,  
Sem um grito sequer!  
Como a ovelha no altar, como a criança  
No ventre da mulher!  
Morreste sem mostrar que tinhas n'alma  
Uma chispa do céo!  
Como si um crime sobre ti pesasse!  
Como se fôras réo!

Sem defesa, sem preces, sem lamentos,  
Sem cyrios, sem caixão,  
Passaste da senzala ao cemiterio!  
Do lixo á podridão!  
Tuã essencia immortal onde é que estava?  
Onde as leis do Senhor?  
Digão-n'o o tronco, o latego, as algemas  
E as ordens do feitor!

Digão-n'o as ambições desenfreadas,  
A cobiça fatal,  
Que a eternidade arvorão nos limites  
De um circulo mortal!  
Digão-n'o o luxo, as pompas e grandezas,  
Lacaios e brazões,

Thesouros sobre o sangue amontoados,  
Paços sobre volcões!

Digão-n'ó as almas vis das prostitutas,  
O lodo e o setim,  
O demonio do jogo, a febre accesa  
Em ondas de rubim!...  
E no entanto tinhas um destino,  
Uma vida, um porvir,  
Um quinhão de prazeres e venturas  
Sobre a terra a fruir!

Eras o mesmo ser, a mesma essencia  
Que teu barbaro algoz;  
Forão seus dias de rosada seda,  
Os teus de atro retroz!...  
Patria, familia, idéas, esperanças,  
Crenças, religião,  
Tudo matou-te, em flôr no intimo d'alma,  
O dedo da oppressão!

Tudo, tudo abateu sem dó, nem pena!  
Tudo, tudo, meu Deos!  
E teu olhar á lama condemnado  
Esqueceu-se dos céos!...  
Dorme! Bemdito o archanjo tenebroso  
Cuja cifra immortal,  
Sellando-te o sepulchro, abrio-te os olhos  
A' luz universal!

## A CIDADE

A MEU PREDILECTO AMIGO O SR. DR. BETOLDI

A cidade alli está com seus enganos,  
Seu cortejo de vícios e trahições,  
Seus vastos templos, seus bazares amplos,  
Seus ricos paços, seus bordeis salões.

A cidade alli está : sobre seu tectos  
Paira dos arsenaes o fumo espesso,  
Rolão nas ruas da vaidade os coches  
E ri-se o crime á sombra do progresso.

A cidade alli está : sob os alpendres  
Dorme o mendigo ao sol do meio dia,  
Chora a viuva em humido tugurio,  
Canta na cathedral a hypocrisia.

A cidade alli está : com ella o erro,  
A perfidia, a mentira, a desventura...  
Como é suave o aroma das florestas !  
Como é doce das serras a frescura !

A cidade alli está : cada passante  
Que se envolve das turbas no bulicio

Tem a maldade sobre a fronte escripta,  
Tem na lingua o veneno e n'alma o vicio.

Não, não é na cidade que se formam  
Os fortes corações, as crenças grandes,  
Como tambem nos charcos das planicies  
Não é que gera-se o condor dos Andes!

Não, não é na cidade que as virtudes,  
As vocações eleitas resplandecem,  
Flôres de ar livre, á sombra das muralhas  
Pendem cêdo a cabeça e amarellecem.

Quanta scena infernal sob essas telhas!  
Quanto infantil vagido de agonia!  
Quanto adulterio! Quanto escuro incesto!  
Quanta infamia escondida á luz do dia!

Quanta atroz injustiça e quantos prantos!  
Quanto drama fatal! Quantos pezares!  
Quanta frente celeste profanada!  
Quanta virgem vendida aos lupãares!

Quanto talento desbotado e morto!  
Quanto genio atirado a quem mais der!  
Quanta affeição cortada! Quanta duvida  
N'um carinho de mãe ou de mulher!

Eis a cidade! Alli a guerra, as trevas,  
A lama, a podridão, a iniquidade;  
Aqui o céu azul, as selvas virgens,  
O ar, a luz, a vida, a liberdade!



Alli' medonhos, sordidos alcouces,  
Antros de perdição, covis escuros,  
Onde ao clarão de baços candieiros  
Passão da noite os lemures impuros;

E abalroão-se as mumias coroadas,  
Corpos de lepra e de infecção cobertos,  
Em cujos membros mordem-se raivosos  
Os vermes pelas sedas encobertos!

Aqui verdes campinas, altos montes,  
Regatos de crystal, mattas viçosas,  
Borboletas azues, loiras abelhas,  
Hymnos de amor, canções melodiosas.

Alli a honra e o merito esquecidos,  
Mortas as crenças, mortos os affectos,  
Os lares sem legenda, a musa exposta  
Aos dentes vis de perros abjectos!

Presa a virtude ao cofre dos banqueiros,  
A lei de Deos entregue aos histriões!  
Em cada rosto o sello do egoismo,  
Em cada peito um mundo de trahições!

Depois o jogo, a embriaguez, o roubo,  
A febre nos ladrilhos do prostibulo,  
O hospital, a prisão.... Por desenredo  
A imagem pavorosa do patibulo!

Eis a cidade!... Aqui a paz constante,  
Serena a consciencia, alegre a vida,

Formoso o dia, a noite sem remorsos,  
Prodiga a terra, nossa mãe querida!

Salve, florestas virgens! Rudes serras!  
Templos da immorredoura liberdade!  
Salve! Tres vezes salve! Em teus asylos  
Sinto-me grande, vejo a divindade!

## O CAVALLO

Corre, vôa, transpõe os outeiros,  
Corta os charcos de sombra cobertos,  
Quebra as pedras, escarva as planicies,  
Vinga os serros, devora os desertos !

Vamos, meu cavallo branco,  
Minha neblina veloz,  
Deixemos campos e prados,  
Sarças, brejos e vallados,  
Ermos, villas, povoados,  
E os homens, atrás de nós!

Vamos, vamos, busquemos as terras  
Onde habitão meus doudos amores,  
Onde espera por mim, anciosa,  
A mais languida flôr, entre as flôres.

Onde tudo é liberdade,  
Vida, calôr, gozo e luz;  
Onde as placidas campinas  
Regorgitão de boninas  
Às caricias peregrinas  
De um sol que sempre reluz !

Bebe a plenos pulmões as bafagens  
Desta noite sombria, mas pura ;  
Deixa as feras rugirem no mato,  
Deixa o insecto chilrar na espessura!

Deixa que gema nas rochas  
O mocho embusteiro e vil,  
Que as cobras no chão rastejem,  
Que os fogos fatuos doudejem,  
Que as feiticeiras praguejem,  
Que pulem demonios mil!

Não és tu destemido e valente?  
Não palpitas de seiva e de vida?  
Tantas vezes por brenhas e gandrás  
Não venceste o tufão na corrida?

Bem poucos homens, bem poucos  
Te igualão, nobre animal !  
Raros na vivacidade...  
Talvez alguns na amizade,  
Mas nenhum na lealdade !  
Na intrepidez natural !

Como rasgas as trevas garboso !  
Ah ! como ellas te lambem as ancas !  
Como aos ventos sacódes ousado  
Essas crinas espessas e brancas !

A teus pés saltão scintellas,  
Rebentão rubros fuzis,

E os festões das amoreiras  
E as selvagens trepadeiras  
Curvão-se humildes, rasteiras,  
Beijão-te os cascos, servis.

Mil figuras estranhas te espreitão,  
Convulsivas, na margem da estrada,  
Depois fogem silvando, e se escondem  
No remanso da matta cerrada.

Mil muralhas, mil columnas,  
Mil orgulhosos frontaes,  
Mil capiteis trabalhosos,  
Fustes, pilares pomposos  
Se levantão portentosos  
A cada salto que dás!

Novos mundos parece que vejo,  
Novo solo parece que pisas,  
Novos cantos escuto no espaço,  
Novas queixas nas azas das brizas!

Corre, meu bom companheiro,  
Vôa, meu bravo corcel,  
Somos livres como os ares,  
As serras com seus palmares,  
O sertão com seus jaguares,  
Os astros com seu docel!

Corre, vôa, transpõe os outeiros,  
Corta os charcos de sombra cobertos,  
Quebra as pedras, escarva as planicies,  
Vinga os serros, domina os desertos!

## AO RIO DE JANEIRO

Adeus! Adeus! Nas cerrações perdida  
Vejo-te apenas, Guanabara altiva,  
Molle, indolente, á beira-mar sentada,  
Sorrindo ás ondas em nudez lasciva.

Mimo das aguas, flôr do Novo Mundo,  
Terra dos sonhos meus,  
Recebe azinha no passar dos ventos  
Meu derradeiro adeus!

A noite desce, os boqueirões de espuma  
Rugem pejados de ferventes lumes,  
E os loiros filhos do marinho imperio  
Brotão do abysmo em festivaes cardumes

Sinistra voz envia-me aos ouvidos  
Um cantico fatal!  
Permitta o fado que a teu seio eu volte,  
Oh! meu torrão natal!

Já no horizonte as plagas se confundem,  
O céo e a terra abração-se discretos,  
Leves os vultos das palmeiras tremem  
Como as antennas de subtis insectos.

Agora o espaço, as sombras, as audade,  
O pranto e a reflexão....  
A alma entregue a si, Deos nas alturas....  
Nos labios a oração!

Tristes idéas, pensamentos fundos  
Nublão-me a fronte descahida e fria,  
Como esses flócos de neblina errante  
Que os serros vendão quando morre o dia.

Amanhã que verei? Talvez o porto,  
Talvez o sol... não sei!  
Brinco do fado, a dôr é minha essencia,  
O acaso minha lei!...

Que importa! A patria do poeta o segue  
Por toda a parte onde o conduz a sorte,  
No mar, nos ermos, do ideal nos braços,  
Respeita o sello imperial da morte!

Oceano profundo! Augusto emblema  
Da vida universal!  
Leva um adeus ainda ás alvas praias  
De meu torrão natal.

## A MORTE

Tu não me curvarás sem resistencia,  
Divindade cruel!  
Tu não me abaterás impunemente  
A cabeça revel!

Pódes chegar, não temo-te : aos escravos  
Voto extremo desdem!  
Eis a materia... Queres que te adore?  
Vê si passas além!

Misera! A essencia eterna, immaculada,  
Insulta-te o poder!  
Realeza de cinza e de poeira!  
Triste escarneo do ser!

Do cadaver á face apenas gravas  
Teu gélido signal,  
E já de novo o anima em fórmulas novas  
A vida universal!

Tu nada pódes! Teu dominio louco,  
Teu reinado fallaz,  
Em vez do nada ao peregrino apontão  
As glorias immortaes!



E devo então temer-te! Vem, que importa  
Teu pavoroso rir,  
Si além da cova impura ardentes brilhão  
Os astros do porvir?

Porem não, mentem os homens  
Quando te pintão tão má!  
Sentada entre brancos ossos,  
Contando os escuros fossos  
Do valle de Josaphat!

Quando te colmão de horrores,  
E em doida exageração  
Dizem-te negra, sombria,  
Nua, deslavada e fria,  
Coberta de podridão!

Mentem, sim? As dôres fundas,  
Os estertores fataes,  
As horas lentas, tardias,  
As cruentas agonias,  
Não és tu, anjo, que dás!

São as luctas da materia,  
São da carne as convulsões,  
São insensatos esforços,  
São as settas dos remorsos,  
São as furias das paixões!

Mas não tu! Oh! quantas vezes  
Em subito despertar,  
Tenho-te visto fagueira

De meu leito á cabeceira,  
Fitar-me um divino olhar!

Quantas vezes alta noite  
Nos delirios do festim  
Fallas-me baixo aos ouvidos,  
Me envolves em teus vestidos  
Todos de gaze e setim!

Quantas vezes sobre os labios  
De uma adorada mulher  
Meus labios incendiados  
Em teus labios descorados  
Repousão sem eu saber!....

Vem sem cortejo, vem sozinha, oh noiva  
De meus ultimos dias!  
Tu serás recebida como o archanjo  
Em casa de Tobias!

Traze em teu seio o talisman da crença;  
A paz sob teu véo....  
Nós subiremos de vagar a escada  
Que vai bater ao céo!

Mas quebra-me certa o immundo vaso  
Que occulta o eterno ser,  
Quebra-o de um golpe, toma-me nos braços,  
Não me deixes soffrer!

Na flôr dos annos conheci da vida  
Toda a triste illusão,

Embora os homens meu porvir manchassem,  
Não os detesto, não!

Embora o sopro ardente da calúnia .  
Crestasse os sonhos meus,  
Nunca descri do bem e da justiça,  
Nunca descri de Deus!

Bemdicta sejas, virgem do infinito,  
Anjo consolador,  
Que a triste foragida creatura  
Restitues ao Senhor!

## NEVOAS

Na hora em que as nevoas se estendem nos ares,  
Que choram nos mares as ondas azues,  
E a lua cercada de pallida chamma  
Nas selvas derrama seu pranto de luz...

Eu vi.... Maravilha! Prodigio ineffavel!  
Um vulto adoravel, primor dos primores,  
Sorrindo ás estrellas, no céo resvalando,  
Nas vagas boiando de tenues vapores!

Nos membros divinos, mais alvos que a neve,  
Que os astros, de leve, clareiam formosos,  
Nas tranças doiradas, nos labios risonhos  
Os genios e os sonhos brincavam medrosos!

Princeza das nevoas! Milagre das sombras!  
Das roseas alfombras, dos paços sidéreos,  
Acaso rolaste, dos anjos nos braços,  
Dos vastos espaços aos mantos ethereos?

Os prantos do inverno congelam-te a fronte,  
Os combros do monte se cobrem de brumas,  
E quêda repousas n'um mar de neblina  
Qual perola fina n'um leito de espumas!

Nas nuas espadas, dos astros algentes,  
O sopro não sentes raivoso passar?  
Não vês que se esvaem miragens tão bellas?  
A luz das estrellas não vês se apagar?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo  
De um fervido beijo gozares em vão!  
Os astros sem alma se cançam de olhar-te,  
Nem podem amar-te, celeste visão!

E as auras passavam e as nevoas tremiam,  
E os genios corriam no espaço a cantar,  
Mas ella dormia, gentil, peregrina,  
Qual pallida ondina nas agoas do mar!

Estatua sublime, mas triste, sem vida,  
Sem voz, envolvida no hiberneo sudario,  
Verás, si me ouvires, trocado por flôres,  
Por palmas de amores teu véo mortuario!

Ah! vem, vem minh'alma! Teus loiros cabellos!  
Teus braços tão bellos, teus seios tão lindos,  
Eu quero aquecel-os no peito incendiado....  
Contar-te ao ouvido meus sonhos infindos!

Assim eu fallava, nos amplos desertos,  
Seguindo os incertos lampejos da luz,  
Na hora em que as nevoas se estendem nos ares  
E choram nos mares as ondas azues.

As brizas d'aurora ligeiras corriam,  
As flôres sorriam nas verdes campinas,  
Ergueram-se as aves do vento á bafagem,  
E a pallida imagem desfez-se em neblinas!

## A BAHIA

Sobre coxins de verdura,  
Aos fogos do meio-dia,  
Dorme a esplendida Bahia  
Reclinada á beira-mar ;  
E, como servas humildes  
Sustendo-lhe o regio arminho,  
As vagas fallam baixinho  
Medrosas de a despertar.

Os ventos que a furto beijam  
De seus vergeis as mangueiras  
Vão perfumar cem bandeiras  
Que ondeiam no céo azul ;  
E relatam maravilhas  
Dessa perola do Norte,  
Mais do que Carthago, forte,  
Mais linda do que Stambul,

Estrangeiro que habitastes  
Mil cidades de outros mares,  
Ao mirar estes palmares,  
O que sentistes, dizei ?  
O que sentistes pisando  
Sobre o tapiz destas praias  
Pomposas, como as alfaias  
Do leito de um grande rei ?

Ao contemplar estes montes  
Ardentes de mocidade,  
Por onde a dupla cidade  
Se estende a seu bel prazer  
E estas praças arrelvadas  
E estas arvores erguidas  
E estas rampas atrevidas  
Que vão nas nuvens morrer...

Sentistes saudade acaso  
Dos paizes que deixastes?  
Dos povos que visitastes  
Tivestes lembranças cá?  
Oh! não, que a vossos olhares  
Não mostrarão tal belleza  
Roma, Napoles, Veneza,  
Cantão, Pekim, Calcutá!

Mas ah! Vêde, nesta patria  
De heróes, de genios, de bravos,  
Vestigios de pés escravos  
Conspurcam tão nobre chão!  
E, pelas noites tranquillias,  
Aos echos das serenatas  
Casam-se as vozes ingratas  
Da mais cruenta oppressão!

Estas praças e mercados,  
Estes vastos edificios  
Não são por certo os indicios  
De um povo calmo e feliz!  
Não, que sobre essas riquezas  
Fundadas sobre um delicto



Geme o direito proscripto,  
Chora uma raça infeliz!

E ella dorme descuidosa,  
Sem medo, a filha do Norte,  
Entregue á misera sorte  
Das outras dellas irmans ;  
Dorme, como as odaliscas  
Nos palacios do Oriente,  
Sob a guarda inconsciente  
De comprados yatagans.

Bahia, terra das artes !  
Terra do amor e da gloria!  
Quão grande fôras na Historia  
Quão grande com teus braços,  
Si á frente não te luzissem  
Aos diamantes misturados  
Os prantos crystallizados  
De captivas multidões!

## A FLOR DO MARACUJA'

Pelas rosas, pelos lyrios,  
Pelas abelhas, sinhá,  
Pelas notas mais chorosas  
Do canto do sabiá,  
Pelo calice de angustias  
Da flor do maracujá!

Pelo jasmim, pelo goivo,  
Pelo agreste manacá,  
Pelas gottas de sereno  
Nas folhas do gravatá,  
Pela corôa de espinhos  
Da flor do maracujá!

Pelas tranças da mãe d'agoa  
Que junto da fonte está,  
Pelos colibris que brincam  
Nas alvas plumas do ubá,  
Pelos cravos desenhados  
Na flor do maracujá.

Pelas azues borboletas  
Que descem do Panamá,  
Pelos thesouros occultos  
Nas minas do Sincorá,  
Pelas chagas rouxeadas  
Da flor do maracujá!

Pelo mar, pelo deserto,  
Pelas montanhas, sinhá!  
Pelas florestas immensas  
Que fallam de Jehovah!  
Pela lança ensanguentada  
Da flor do maracujá!

Por tudo o que o céo revela,  
Por tudo o que a terra dá  
Eu te juro que minh'alma  
De tua alma escrava está!!...  
Guarda comtigo este emblema  
Da flor do maracujá!

Não se enojem teus ouvidos  
De tantas rimas em — a  
Mas ouve meus juramentos,  
Meus cantos ouve, sinhá!  
Te peço pelos mysterios  
Da flor do maracujá!

## A SOMNAMBULA

Virgem de loiros cabellos  
— Bellos, —  
Como cadeias de amores,  
Onde vás tão triste agora,  
— Hora —  
De tão sinistros horrores?

Sob nuvem lutulenta,  
— Lenta —  
Se esconde a pallida lua,  
Na sombra os genios combatem,  
— Batem —  
Os ventos a rocha nua.

Noite medonna e funesta,  
— Esta, —  
Fundos mysterios encerra!  
Não corras, olha, repara,  
— Para, —  
Escuta as vozes da serra!...

Dos furacões nas lufadas,  
— Fadas —

Trahidoras passam nos ares!  
Cruentos monstros te espiam!

— Piam —

As corujas nos palmares!

Bella doida, se soubesses

— Esses —

Esses gritos o que dizem,  
Ah! por certo que me ouviras,

— Viras —

Que tredas coisas predizem!

Mas, infeliz, continuas!

— Nuas —

As tuas espaduas são!  
E sob teus pés mofinos,

— Finos, —

Prendem-se as urzes do chão!

O orvalho teu rosto molha;

— Olha —

Como branca e fria estás!  
Virgem de loiros cabellos

— Bellos, —

Por Deus! conta-me onde vás!

Nestes hervações sem termos,

— Ermos, —

Ninguém póde te acudir...

Toma sentido, socega,

— Céga! —

Vê, são horas de dormir!

Teus olhos gyram incertos,  
— Certos —  
Comtudo teus passos vão!  
Teu ser, que a illusão persegue,  
— Segue —  
O impulso de occulta mão!

Ai! dormes! Talvez risonho  
— Sonho —  
Te chame a bailes brilhantes!  
Talvez vozes que te encantam  
— Cantam —  
A teus ouvidos amantes!

Talvez teus ligeiros passos  
— Paços —  
Pisem d'oiro construidos!  
Talvez quanto ha de perfume  
— Fume —  
Para agradar teus sentidos!

Mas ah! Na cabana agora  
— Ora —  
Tua pobre mãe por ti;  
E teu pai alem divaga,  
— Vaga, —  
Sem saber que andas aqui!

Virgem de loiros cabellos  
— Bellos, —

Como cadeias de amores,  
Onde vás sozinha agora,  
— Hora —  
De tão sinistros horrores ?

## A ROÇA

O balanço da rede, o bom fogo  
Sob um tecto de humilde sapé;  
A palestra, os lundús, a viola,  
O cigarro, a modinha, o café;

Um robusto alazão, mais ligeiro  
Do que o vento que vem do sertão,  
Negras crinas, olhar de tormenta,  
Pés que apenas rastejam no chão;

E depois um sorrir de roceira,  
Meigos gestos, requebros de amor,  
Seios nus, braços nus, tranças soltas,  
Molles fallas, edade de flor;

Beijos dados sem medo ao ar livre,  
Risos francos, alegres serões,  
Mil brinquedos no campo ao sol posto,  
Ao surgir da manhã mil canções :

Eis a vida nas vastas planicies  
Ou nos montes da terra da Cruz:  
Sobre o solo só flores e glorias,  
Sob o céu só magia e só luz.



Bellos ermos, risonhos desertos,  
Livres serras, extensos marneis,  
Onde muge o novillo anafado,  
Onde nitrem fogosos corceis...

Onde a infancia passei descuidoso,  
Onde tantos idyllios sonhei,  
Onde ao som dos pandeiros ruidosos  
Tantas dansas da roça dansei...

Onde a viva e gentil mocidade  
N'um continuo folgar consumi,  
Como longe avultais no passado,  
Como longe vos vejo d'aqui!

Si eu tivesse por livro as florestas,  
Si eu tivesse por mestre a amplidão,  
Por amigos as plantas e as aves,  
Uma flecha e um cocar por braço;

Não manchára minh'alma inspirada,  
Não gastára meu proprio vigor,  
Não cobrira de lama e de escarneos  
Meus laureis de poeta e cantor!

Voto horror ás grandezas do mundo,  
Mar coberto do horriveis parceis,  
Vejo as pompas e galas da vida  
De um sendal de poeira atraves.

Ah! nem creio na humana sciencia,  
Triste acervo de enganos fataes,

O clarão do saber verdadeiro  
Não fulgura aos olhares mortaes!

Mas um genio impiedoso me arrasta,  
Me arremessa do vulgo ao vai-vem,  
E eu soluço nas sombras olhando  
Minhas serras queridas além!

## A CREENÇA

É menos bella a aurora,  
A neve é menos pura  
Que uma creança loira  
No berço adormecida!  
Seus labios innocentes,  
Meu Deus, inda respiram  
Os languidos aromas  
Das flores de outra vida!

O anjo de azas brancas  
Que lhe protege o somno  
Nem uma nodoa enxerga  
Naquella alma divina!  
Nunca sacode as plumas  
Para voltar ás nuvens,  
Nem triste afasta ao vel-a  
A face peregrina!

No seio da creança  
Não ha serpes occultas,  
Nem perfido veneno,  
Nem devorantes lumes.  
Tudo é candura e festas!  
Sua sublime essencia  
Parece um vaso de oiro  
Repleto de perfumes!

Mas ella cresce, os vicios  
Os passos lhe acompanham,  
Seu anjo de azas brancas  
Pranteia ou torna ao céo.  
O calice brilhante  
Transborda de absintho,  
E a vida corre envolta  
N'um tenebroso véo!

Depois ella envelhece,  
Fogem os roseos sonhos,  
O astro da esperança  
Do espaço azul se escôa...  
Pende-lhe ao seio a fronte  
Coberta de geadas,  
E a mão rugosa e tremula  
Levanta-se e abençôa!

Homens! O infante e o velho  
São dois sagrados seres,  
Um deixa o céo apenas,  
O outro ao céo se volta,  
Um cerra as azas debeis  
E adora a divindade...  
O outro a Deus adora  
E as azas niveas solta!

Do cherubim que dorme  
Na face alva e rosada  
O traço existe ainda  
Dos beijos dos anjinhos,  
Assim como na fronte  
Do velho brilha e fulge

A luz que do infinito  
Aponta-lhe os caminhos!

Nestas infaustas éras,  
Quando a familia humana  
Quebra sem dó, sem crenças  
O altar e o ataude,  
Nos olhos da creança  
Creiamos na innocencia,  
E nos cabellos brancos  
Saudemos a virtude!

## EXPIAÇÃO

Quando cansado da vigilia insana  
Declino a fronte n'um dormir profundo,  
Porque teu nome vem ferir-me o ouvido,  
Lembrar-me o tempo que passei no mundo?

Porque teu vulto se levanta airoso,  
Ebrio de almejos de volupia infinda?  
E as fórmãs nuas, e offegante o peito,  
No meu retiro vens tentar-me ainda?

Porque me fallas de venturas longas?  
Porque me apontas um porvir de amóres?  
E o lume pedes á fogueira extincta?  
Doces perfumes a pollutas flores?

Não basta ainda essa ignobil farça,  
Paginas negras que a teus pés compuz?  
Nem estas fundas, perennaes angustias,  
Dias sem crenças e serões sem luz?

Não basta o quadro de meus verdes annos,  
Manchado, roto, abandonado ao pó?  
Nem este exilio, do rumor no centro,  
Onde pranteio desprezado e só?

Ah! Não me lembres do passado as scenas!  
Nem essa jura desprendida a esmo!  
Guardaste a tua? A quantos outros, dize,  
A quantos outros não fizeste o mesmo?

A quantos outros, inda os labios quentes  
De ardentes beijos que eu te dera então,  
Não apertaste no vasio peito  
Entre promessas de eternal paixão?

Oh! fui um doudo que segui teus passos!  
Que dei-te, em versos, da belleza a palma!  
Mas tudo foi-se! e esse passado negro  
Porque sem pena me despertas n'alma?

Deixa-me agora repousar tranquillo!  
Deixa-me agora descansar em paz!...  
Ai! com teus risos de infernal encanto  
Em meu retiro não me tentes mais!

## A ESTRELLA DOS MAGOS

HYMNO PARA A NOITE DO NATAL

A noite se adianta, as horas passam  
Mudas; solemnes sobre o globo immerso  
Nos mysterios do somno ; a tumba e o berço  
    Parece que se abraçam  
    E neste instante iguaes  
Somem no olvido as ambições mortaes.

Salve! estação propicia aos pensadores!  
Salve! prodigio! Que luzeiro é esse  
Que entre as sombras da noite resplandece  
    Offuscando os fulgores,  
    Apagando o clarão  
Dos cyrios immortaes da vastidão?

D'onde vens, gloria do espaço!  
Bella estrella radiante,  
Que campêas triumphante  
Sobre as chans do Sennaar?

Como és linda! Ao vêr-te, os astros  
Por sobre as nuvens revoltas  
Rolam como pedras soltas  
De teu desfeito collar!



Que maravilha opera-se no espaço?  
Que respirar de fogo agita os mundos?  
Que vento abrasador dos céos profundos  
    Baixa sobre o regaço  
    Da terra que fluctua  
Entre o dia e a noite incerta e nua?

Brizas prenhes de aromas deleitosos,  
Quentes brizas da Arabia! Onde aprendestes  
Estes cantos subtis, mais que terrestres,  
    Essas vozes chorosas,  
    Essas queixas de amor  
Que aos pés soltais da amendoeira em flor?

Brilha, sol da meia noite!  
    Sol, talvez de um bello dia,  
    Que a sombra turbida e fria  
    De nosso globo encontrou!

Sol das plagas mais felizes!  
    Sol que outros seres anima!  
    Que sobre este pobre clima  
    De Deus a mão arrojou!

Borboletas do ermo! Aves dos montes!  
Creaturas da noite! Que alegria  
Estranha vos anima? O novo dia  
    Que abeira os horizontes  
    Acaso nos trará  
Inaudito favor de Jehovah?

Oh! certamente! Os astros não se abalam,  
Tão commovida a terra não palpita,

A natureza toda não se agita,  
As solidões não fallam,  
Não exultam os céos,  
Si os não roçasse o halito de Deus!

Ah! sim, tu vens do oriente,  
Passaste sobre as cimeiras  
Das montanhas altaneiras  
Onde a luz seu throno tem!

Trazes, quem sabe? em teus raios  
A palavra da verdade!...  
Prodigio da immensidade,  
Dize, o que succede alem?

Mundo recém-nascido! Astro brilhante  
Cujo clarão vivaz me entorna n'alma  
Doces lampejos de ineffavel calma!  
Estrella radiante!  
Gloria da criação!  
Aceita minha humilde adoração!

As aldêas alegram-se, os pastores  
Sahem de seus casaes cantando hosannas,  
Das tendas do deserto e das cabanas  
Hymnos, risos e flores  
Se levantam a flux!  
Tudo se volta ao céo e brada—luz!

Gloria ao Senhor nas alturas!  
Paz aos homens neste mundo!  
Genios do abysmo sem fundo,  
Torcei-vos, — nasceu Jesus!

E vós, filhos do peccado,  
Quebrai, quebrai vossos ferros,  
E, livres de escuros erros,  
Erguei-vos, saudai a luz!

## PLECTRO

O sumo do estramonio e da cicuta,  
As flôres infieis da dedaleira,  
O dente vil da vibora trahidora,  
A sombra da fatal mancenilheira;

O cancro, a lepra, o tetano, a gangrena  
Trazem da morte os rabidos martyrios,  
Ora nas azas de afflictivo somno,  
Ora nas chammas de crueis delirios,..

Mas o veneno que da lingoa instillas,  
Ente maldito consagrado á intriga,  
Do corpo á alma a perdição transporta  
Nas doces frases de uma voz amiga!

Nasceste como a serpe da floresta,  
Como a serpe tu vives, mas como ella  
Não deu-te a providencia o leve guiso  
Que o mal occulto ao viajor revéla!

Vendes, beijando, como o hebreu covarde!  
Mordes, brincando, como o cão falsario!  
E na sêde de aleives que te queima  
Não poupas nem dos mortos o sudario!

Na ruina alheia ergueste teu futuro,  
Fizeste teu festim, riste e folgaste.....  
Terás por punição sorver de um trago  
Toda a peçonha e fel que derramaste !

Já de teu leito ha desertado o sommo !  
Já o remorso, si és mortal, te abrasa !  
E na bocca mendaz, covil de enganoso,  
Arde-te a lingua como um ferro em brasa !

Não ha virtude que teu pé não pise !  
Não ha flôr que teu halito não mate !  
Não ha charcos impuros neste mundo  
Que teu perfido busto não retrate !

Mixto de lama, de poeira e luzes !  
Creatura infernal com azas de anjo !  
Cimento de odio e raiva humedecido  
Nas lagrimas crueis do negro archanjo !

Tu preparas tu mesmo o teu supplicio !  
Cavas tu mesmo o leito derradeiro !  
Tu mesmo lavras a sentença propria  
E serves, sem saber, de prégoeiro !

## NOCTURNO

Minh'alma é como um deserto  
Por onde o romeiro incerto  
Procura uma sombra em vão;  
É como a ilha maldita  
Que sobre as vagas palpita  
Queimada por um volcão !

Minh'alma é como a serpente  
Que se torce ebria e demente  
De vivas chammias no meio ;  
É como a douda que dança  
Sem mesmo guardar lembrança  
Do cancro que rôe-lhe o seio !

Minh'alma é como o rochedo  
Donde o abutre e o corvo tredo  
Motejam dos vendavães ;  
Coberto de atros matizes,  
Lavrado das cicatrizes  
Do raio, nos temporaes !

Nem uma luz de esperança,  
Nem um sopro de bonança  
Na frente sinto passar !  
Os invernos me despiram,

E as illusões que fugiram  
Nunca mais hão de voltar !

Tombam as selvas frondosas,  
Cantam as aves mimosas  
As nenias da viuvez ;  
Tudo, tudo, vai finando,  
Mas eu pergunto chorando :  
Quando será minha vez ?

No véo ethereo os planetas,  
No casulo as borboletas  
Gozam da calma final ;  
Porém meus olhos cansados  
São, a mirar, condemnados  
Dos seres o funeral !

Quero morrer ! Este mundo  
Com seu sarcasmo profundo  
Manchou-me de lôdo e fél !  
Minha esperança esvaio-se,  
Meu talento consumio-se  
Dos martyrios ao tropel !

Quero morrer ! Não é crime  
O fardo que me comprime  
Dos hombros lançal-o ao chão ;  
Do pó desprender-me rindo  
E, as azas brancas abrindo,  
Perder-me pela amplidão

Vem, oh! morte! A turba immunda  
Em sua illusão profunda  
Te odeia, te calumnia,  
Pobre noiva tão formosa  
Que nos espera amorosa  
No termo da romaria!

Virgens, anjos e creanças,  
Coroadas de esperanças,  
Dobram a fronte a teus pés!  
Os vivos vão repousando!  
E tu me deixas chorando!  
Quando virá minha vez?

Minh'alma é como um deserto  
Por onde o romeiro incerto  
Procura uma sombra em vão;  
É como a ilha maldita  
Que sobre as vagas palpita  
Queimada por um volcão!



## CANÇÃO PARA MUSICA

### A MADRUGADA

Surge o dia, as sombras correm  
Como batido esquadrão...  
Todo o espaço é luz e vida,  
Deixa teu leito querida,  
Deixa o macio colchão.

Vamos respirar nos campos  
A frescura da manhan,  
Ver as garças nas lagôas,  
Espreitar entre as tabôas  
Os brincos da yassanan.

Não alinhes teus cabellos,  
Teus hombros não cubras não...  
Concede que em seus anceios  
Os ventos beijem-te os seios  
Em mal cerrado roupão...

Que molhe teus pés de fada  
O orvalho dos capinzáes,  
Que as borboletas te sigam,  
Que os colibris te persigam  
No meio dos matagaes.

Minha linda preguiçosa,  
Minha sultana, meu sol,  
Não ouves junto á janella  
Das aves a voz singela

Saudando o mago arrebol ?  
Não sentes o doce aroma  
Dos limoeiros em flôr ?  
Sonhas ? Os genios agora  
Mesclam aos sonhos d'aurora  
Fios da mais viva côr !  
Te levanta e vem, mimosa !  
Não mais durmas, eis-me aqui :  
Tenho pressa de fallar-te,  
Tenho tanto que contar-te,  
Que esta noite não dormi !  
Meu cavallo altivo e ledô  
Rincha preso a teu portão ;  
Eu te espero impaciente,  
Mas tu dormes, indolente,  
Sem ouvir minha canção !

## OUTRA CANÇÃO PARA MUSICA

### O CÉGO

Eu sei modinhas tão bellas  
    Que as estrellas,  
Que as estrellas commovidas  
Param no céo quando as canto!  
    Chorão tanto!  
Lançam queixas tão sentidas!...

Sei tantos contos de fadas  
    Encantadas,  
Tantas historias bonitas  
Que as meninas que me escutam  
    Se reputam  
Princezas por Deos bemditas!

Sei cantigas mais suaves  
    Do que as aves,  
Do que as aves da floresta!  
Em toda a parte que chego,  
    Pobre cego,  
As moças me fazem festa!

Porem, ai! das açucenas  
    Sinto apenas

O perfume que embriaga!  
Tenho n'alma um céo aberto...  
Mas incerto  
Nas sombras meu corpo vaga!

Virgem ! cuja voz divina,  
Peregrina,  
Deu-me uma idéa da lu ,  
Cujos braços amorosos  
Carinhosos  
Partilharam minha cruz...

O canto do desgraçado,  
Desherdado  
Das glórias da criação,  
Achou asylo em teu peito,  
Foi acceito  
De teu santo coração !

Dize, dize que me escutas !  
Que nas luctas  
Da vida achei um pharol !  
Ah ! tem dó de meus pezares...  
Si fallares  
Meus olhos verão o sol !

## OUTRA CANÇÃO PARA MUSICA

Quando tu fallas eu penso  
    Que, livre da tempestade,  
Vejo o sol na immensidade  
    Nadando em vivo esplendor ;  
E sobre um torrão bemdito,  
    Salvo da furia das vagas,  
Ouço da tormenta as pragas,  
    Ouço do raio o estridor.

Sim ! Teu amor é o porto  
    Onde minh'alma descrida  
No naufragio desta vida  
    Asylo e calma encontrou ;  
Praia amiga, ilha das fadas,  
    Que a mão de Deos sobre os mares  
Cobrio de eternos palmares,  
    De areias de ouro cercou !

Falla ! Teu fallar é grato  
    Como o vinho que embriaga,  
Si n'alma a tristeza apaga,  
    Traz sonhos que não tem fim !...  
Ai ! Si além na eterna gloria  
    Tambem os anjos se fallam,  
Si não te entendem se calam,  
    Ou sinão fallam assim !

## A UMA MULHER

Não!... não arredes da verdade os olhos,  
Ella foi sempre da belleza o throno :  
Porque mentir? As illusões se acabam  
E a vida passa como um leve somno.

É tempo ainda, nos festins da côrte  
Rasga essas sedas que salpicam prantos,  
E á nova aurora, que te aguarda, eleva,  
Como a florinha, os divinaes encantos.

Sim!... vem, minh'alma de teu riso escrava  
Sobre o passado correrá um véo,  
E tu verás como a esperança volta,  
E a nuvem negra desassombra o céo.

Vem, que me importa o murmurar do vulgo,  
Dos homens todos o desdem profundo,  
Quando no ermo a teu olhar sublime  
Verei das trevas rebentar um mundo ?

Vem, as florestas te darão riquezas  
Que o oiro e a prata comprarão jamais !  
Templos, palacios os terás, tão bellos  
Que os reis da terra nunca hão visto iguaes !

Tudo isto a lyra do infeliz poeta  
Só n'um harpejo alcançará de Deus...  
Riam-se os nescios com seu riso estulto,  
Zombem os Midas dos enlevos meus.

Triste é a farça desta vida ingrata,  
Tredo, infiel o bafejar da sorte :  
Ha sobre o globo uma estação mais feia,  
Mais seva e crua do que a propria morte !

Quando a velhice, que apressada marcha,  
Vier cobrar-te seu pesado imposto,  
E, abrindo os braços onde o inverno dorme,  
Toda a frescura te manchar do rosto ;

Quando essa frente, feiticeiro espelho  
Que de tua alma as perfeições revela,  
Toldar-se aos poucos, retratar o aspecto  
De um mar nas furias de fatal procella ;

Quando essas tranças se tornarem brancas,  
Seccas, despidas de subtis perfumes,  
E os lindos olhos se mudarem, frios,  
Em mortas brasas de passados lumes ;

Que dôr pungente sentirás no peito !  
Que philtro amargo tragarás, mulher !  
Tu que da vida enlameaste a senda  
Sem te lembrares do porvir siquer !

Rainha, em terra ver partido o sceptro !  
O throno de oiro reduzido a pó !

E após um'era de opulencia e mando  
Ver-se no mundo desprezada e só !

Vem, a manhã radiará de novo !  
Inda teu astro n'amplidão fulgura !  
Não mais te arrojés, emula dos anjos,  
A's ondas negras dessa vida impura !

Vem, que me importa o murmurar do vulgo?  
O dubio riso? o escarnecer das gentes?  
Si agoa precisas que teus erros lavem,  
Oh ! de meus olhos verterei torrentes !



## ESPERANÇA

### LENDA SELVAGEM

#### A HUASCAR — LEMBRANÇA —

Quereis ouvir minha historia?  
Pois bem, prestai-me attenção,  
Puxai esse duro cêpo,  
Sentai-vos junto ao fogão :  
Não ha poltronas macias,  
Nem canapés no sertão.

A porta está bem fechada,  
Temos quentura de mais,  
A lenha que estala falla  
De calma socego e paz :  
Que importa que os ventos lutem  
Lá fóra nos matagaes ?

Que importa que a chuva caia,  
Que no céo ruja o trovão,  
Que as enxurradas engrossem  
As agoas do ribeirão ?  
Si abrigados conversamos  
Á luz de amigo fogão ?

Quereis ouvir minha historia?  
Não precisais pedir mais...  
É triste, e de historias tristes  
Quem sabe se não gostais?  
Vou contar-vos: nenhum outro  
De mim a ouvirá jamais.

I

Não, não foi somente o tempo  
Com suas frias geadas  
Que desnudou-me a cabeça,  
Fez-me as faces encovadas.  
Foram da vida as borrascas,  
Foram noites de agonia,  
Foram do fado as mentiras,  
Dos homens a aleivosia.

II

Nasci pobre; este delicto  
Seguiu-me toda a existencia...  
Sobre o tecto de uma choça  
De que serve a intelligencia?  
Que vale uma alma robusta,  
Um peito energico e forte  
Ante o egoismo das turbas  
E os anathemas da sorte?  
Nasci pobre, e, alçando os olhos  
Da pobreza em que vivia,  
Me atrevi, como os condores,  
A fitar o rei do dia!

III

Foram-se os annos, sou velho,  
Perdi tudo quanto amei;  
Deixai que chore um momento  
Tantos sonhos que sonhei!  
Correi, lagrimas saudosas,  
Tristes perolas de amor,  
Gottas do orvalho da vida  
No seio da murcha flôr!  
Correi! Ao menos sois doces,  
Trazeis-me consolo ao menos....  
Quanto infeliz vos derrama  
Roazes como os venenos!

IV

Era na sazão bemdita,  
Quando as florestas viçosas  
Aromas subtis respiram  
E queixas melodiosas;  
Quando as leves borboletas  
Gyram nas margens dos rios,  
E as rôlas mais ternas gemem  
Nos ermos valles sombrios;  
A' minha humilde morada  
Rico viajor parou....  
Tinha uma filha, — outro mimo  
Como ella Deus não formou!

V

Eram seus cabellos — noite!  
Os seus olhos eram — luz!  
Como o céu e o mar — profundos,  
Como o mar e o céu — azues!  
Seu fallar era — promessas,  
Seus sorrisos — recompensas  
Onde o porvir se espalhava  
Rico de sonhos e crenças!  
E chamava-se — Esperança!  
Que santo nome, meu Deus!  
Nome que falla da terra,  
Porém que nos mostra os céos!

VI

Amei-a. Era o impossivel  
Que eu buscava : amei-a mais!  
Amor, o que és tu sem lutas,  
Sem circumstancias fataes?  
Sem revezes, sem torturas,  
Sem flagicios, sem cadeias  
Que o homem transponha e quebre  
Como o corcel quebra as pêas?

VII

Um poema de delicias,  
De infindos planos compuz,

Em dois mezes que inspirou-me  
De seus olhares a luz!  
Mas o destino cruento  
De minha audacia se rio...  
Inda eu folgava insciente  
Quando Esperança partio!  
Partio para longes terras,  
Foi ver estranhos lugares,  
Como o passaro que emigra  
Foi pousar n'outros palmares.

VIII

Uma nuvem de amarguras  
Cercou-me a existencia então,  
O céo tornou-se a meus olhos  
O tecto de uma prisão!  
Trez noites, trez longas noites  
Em vez de dormir gemi,  
Mas no fim dessas trez noites  
Ergui-me... tambem parti!  
O que intentava? — Ignoro!  
O que esperava? — Não sei!...  
Surdo á razão, surdo aos homens,  
Lancei-me do acaso á lei!

IX

Desta infanda romaria  
Não quero as penas lembrar....  
Dias de acerbas angustias,  
Vigilias de delirar!

Não quero lembrar as horas  
De desanimo cruel  
Em que traguei té as fezes  
A taça de negro fel!

X

Dois annos que valem vinte,  
Sem repouso, sem socego,  
Passei vagando entre os homens  
Doido, enfebrecido e cego!  
Dois annos a mesma imagem!  
Dois annos a mesma idéa!....  
Dois annos por toda a parte  
Ebrio de amor procurei-a!  
Pelas ruas, pelas praças,  
Pelos campos e desertos,  
Buscando essa esquiva sombra,  
Levei meus passos incertos!  
Quantos labios me sorriam!  
Quanta belleza encontrei!  
A quanto amor puro e casto  
Voltei o rosto... passei!  
E no emtanto pudéra  
Sem frenesi, sem loucura,  
Colher a flôr perfumada  
De modesta formosura.  
Parar na febril carreira,  
Dizer : — basta, a vida é esta ;  
Quem foge ao commum dos seres  
Segue uma estrella funesta!  
A ventura é ver a prole,  
Ver a paz sentada ao lar,

Ver dos tectos o trabalho  
A miseria afugentar!

XI

Mas a imagem de Esperança  
Não me deixava um momento!  
Era um consolo celeste  
Junto a um martyrio cruento!  
Via-lhe as formas divinas  
No céo, nas mattas, nos campos,  
Quer ao clarão das estrellas,  
Quer á luz dos pyrilampos!  
Si eu dormia, a nivea face  
Sentia encostada á minha,  
Sentia-lhe as longas tranças  
E a cabeça de rainha!  
Ouvia-lhe a voz, tão doce,  
Tão doce que eu despertava...  
E minh'alma estremecia,  
Daquellas visões escrava!  
Si eu caminhava, nos prados  
Ou junto ás fontes sentada,  
Via-lhe o vulto sublime,  
Via-lhe o corpo de fada!  
E me lembrava dos contos  
Que me contaram creança;  
Passava as mãos pelos olhos  
E murmurava: — Esperança!  
Esperança era o meu norte!  
Esperança o meu porvir!  
Esperança a maga estrella  
Que via no céo luzir!

XII

De tanto errar fatigado, -  
Fatigado de soffrer,  
Busquei nos ermos profundos  
Um logar onde morrer.  
Embrenhei-me no mais denso,  
No mais negro das florestas,  
Onde a natureza virgem  
Se ostenta em continuas festas ;  
Onde este verme que pensa,  
Farto, inflado de vaidade,  
Sente as fibras se crisparem  
Ao sopro da liberdade...  
Sente-se vil, pequenino,  
Cinza, lama, podridão,  
E curva-se aniquilado  
Perante o Deus — Creação.  
No seio de escuras selvas,  
No cimo das serranias,  
Dos grandes rios á margem,  
Deixei passarem meus dias :  
Mas nesses ermos sem nome,  
Na tormenta ou na bonança,  
Entre mysticos rumores,  
Ouvia a voz de Esperança.

XIII

Uma noite, era bem tarde,  
Sobre um rochedo dormia,



E em sonhos a imagem della  
Mais bella me apparecia.  
De repente um brado immenso  
Me acordou sobresaltado ;  
Ergui-me, e de estranhos seres  
Achei-me todo cercado :  
Era uma turba selvagem  
De selvagens semi-nus,  
Cujos dorsos reluziam  
Dos astros á tenue luz ;  
Entre gritos e ameaças  
Sobre mim se arremessaram,  
Lançaram-me rijas cordas  
E comsigo me levaram.

XIV

A noite inteira marchamos...  
Ao rebentar da alvorada  
Chegamos todos á aldeia  
Sobre um outeiro assentada.  
Triste o primeiro espectaculo !  
Quatro cabeças humanas  
Se embalavam sobre estacas  
Ao derredor das cabanas !

XV

As mulheres ostentavam  
Ao sol as formas adustas,  
Nuas, bellas pela força,  
Pelas proporções robustas.

E em torno de grandes fogos,  
Entre ligeira fumaça,  
Volviam sobre os brazidos  
Pingues productos da caça.  
Emquanto, não muito longe,  
Reunidos os filhinhos  
Jogavam no chão seus brincos  
Feitos de brancos ossinhos...  
Ou saltavam sobre varas,  
Ou ageis, fortes lutavam,  
E com alegres celeumas  
Os espaços atroavam.

XVI

Levaram-me logo ao chefe,  
Que me guardou junto a si :  
Das palavras que disseram  
Por Deus que nada entendi ;  
Mas entre esta rude gente,  
Sujeito a seu jugo e lei,  
Mais franqueza e mais verdade  
Do que nas praças achei.

XVII

Era do chefe a morada  
Maior do que as mais cabanas,  
Coberta de grossa palha,  
Cercada de verdes cannas.  
Atrás della poucos passos,  
Entre palmeiras pousada,

Via-se, á parte das outras,  
Outra cabana isolada.  
Uma cerca forte, unida,  
De trepadeiras coberta,  
Guardava o ambito triste  
Daquella casa deserta.  
Ninguem chegava-se a ella,  
Della todos se afastavam,  
A voz baixavam medrosos  
Si acaso della fallavam.  
A' tarde um velho indiano  
Junto a cerca se postava,  
E estranho, insipido canto  
Lentamente murmurava:  
E os mancebos, e as mulheres  
Em chusma se reuniam  
Seguindo o insipido canto,  
Cujas notas repetiam.

### XVIII

Daquelle asylo o mysterio  
Tentei penetrar em vão!  
Que Deus, que thesoiro occulto  
Ali vendavam-se então?  
Tarde o soube!... Ha nesta vida  
Arcanos de endoidecer!  
Desgraçado o que procura  
Seu fundo escuro entrever!

### XIX

Muitas luas se passaram,  
Muitas noites, muitos dias,

Em que o quadrante do tempo  
Marcou penas e alegrias...  
Não para mim, que, sem crenças,  
Sem gozos, sem esperança,  
Não enxergava em meu fado  
A mais ligeira mudança !

XX

Um dia a filha do chefe,  
Moça airosa, esbelta e forte,  
Sentou-se triste a meu lado  
E me fallou desta sorte :  
— Tu soffres, pobre estangeiro,  
Soffres e eu soffro por ti,  
Perdi a paz de minh'alma  
Depois que chegaste aqui !...  
Sou virgem, bella me chamam,  
Toma-me, pois, por mulher !...  
Segredos que só conheço  
Nem os presentes siquer !  
Serei tua companheira,  
Dar-te-hei filhos valentes,  
Que suplantem com seus feitos  
Os mais bravos combatentes ! »  
Assim fallou-me aos ouvidos  
Aquella adusta creança ;  
Fitei-lhe um olhar dorido  
E disse baixo : — Esperança !

XXI

— Aceitas-me por esposa ?  
— Pois bem, seja assim... acceito !

Beijei-lhe as faces morenas,  
Cerrei-a contra meu peito,  
Mas tomarás outro nome,  
Te chamarás Esperança :  
Traz esse nome aos que soffrem  
Dias de paz e bonança ! »  
Ella sorrio-se. De novo  
Nossas cabeças se uniram,  
Mas duas lagrimas tristes  
Sobre seu seio cahiram.  
Pobre filha das florestas,  
Tu crêste no que eu fallava !  
Minh'alma pensava em outra,  
Minha bocca te beijava !

XXII

Não tardou a hora infausta  
Desse infausto casamento !  
Toda a tribu poz-se em festa,  
Toda a aldeia em movimento ;  
O dia inteiro dansaram  
Junto de grandes fogueiras,  
Ao som de instrumentos ledos,  
Ao som de canções fagueiras.  
Ao sol posto, em frente á taba  
Servio-se o lauto festim...  
Feliz a virgem dos ermos  
Sorria junto de mim !  
Sorria-se... Ah ! covardia !  
Miseria ! Traição escura !  
Meu espirito zombava  
No olhar, ao ler-lhe a ventura !

Depois do banquete agreste,  
Da noite as sombras desceram,  
Levantaram-se os convivas,  
Grandes fachos accenderam.

XXIII

Adornaram-me de acacias  
A cabeça mal-fadada,  
E entre clamores levaram-me  
A' cabana abandonada.  
Então um velho da tribu  
D'entre a multidão sahio,  
E, nos chamando, silente  
A tremenda porta abriu.

XXIV

— Allumiai, disse. Logo  
Dois moços se adiantaram  
E á luz vermelha dos fachos  
O recinto clarearam.  
E o velho mudo, curvado,  
Fazendo um signal, entrou,  
Junto de um altar grosseiro  
Ergueu os braços, parou.  
Sobre aquelle altar grosseiro,  
Qual tripeça de sybilla,  
No meio de sêccas palmas  
Estava um vaso de argilla.

XXV

— Cantai, cantai ! brada o velho,  
A divindade aqui está !  
Ella ouvirá nossas vozes,  
Nossas preces ouvirá !  
E todo o corpo agitou-lhe  
Convulso, febril tremor,  
Estranhos gestos fazendo  
Do tosco altar ao redor.

XXVI

A' porta a turba dansava  
Com selvagem phrenesi,  
Dando gritos tão medonhos  
Como jamais os ouvi !  
Meus olhos não se afastavam  
Daquelle vaso de argilla :  
— Que segredo, que thesouro,  
Que mysterio ali se asyla ?  
Assim dizia commigo,  
E o rumor crescia, ia  
Unir-se á voz das torrentes  
Em longinqua serrania !  
E aquelle infernal tripudio  
De mais a mais se augmentava !  
Tinha um quê de horrendo e vago  
Que a loucura similhava !

XXVII

De subito, um brado immenso  
Pelo espaço restrugio !  
— Adorai ! o velho exclama ;  
Com elle a tribu rugio :  
— Adorai ! A larga tampa  
Do vaso sinistro alçou,  
E uma formosa cabeça  
Pelas tranças levantou !  
— Adoremos ! gritam todos,  
Moços, mulheres e velhos...  
Soltei um gemido acerbo,  
Cahi no chão de joelhos !

XXVIII

Era uma fronte celeste,  
Fronte de santa e creança...  
Ai! essa fronte sem manchas  
Era a fronte de Esperança !  
No collo airoso uma tarja  
Funda, horrivel negrejava,  
Mas o rosto era tão branco,  
Tão branco que deslumbra!

XXIX

De certo, bastante tempo,  
Bastantes dias passaram



Depois que os broncos levitas  
Sem piedade a deceparam!  
Porem, milagre! prodigio!  
Essa fronte nova, eleita,  
Zombava da morte ainda!  
Estava illesa e perfeita!  
Parecia rir-se! O somno  
Nublava-lhe o olhar apenas;  
Era calma a nivea testa,  
Calmas as faces serenas!  
Sem depressões e sem rugas,  
Sem aspecto funerario,  
Mas como o marmore antigo  
Que eterniza o estatuario.

XXX

Que pensamento sublime,  
Que mysterio excelso, augusto,  
Presentira a turba insonte  
Naquelle esplendido busto!  
Veria de novas crenças,  
De um culto mais puro e bello  
A vasta palavra escripta  
Naquelle riso singelo?  
Veria de um Deus a imagem  
Mais viva, mais séria então  
Naquelle airosa cabeça,  
Naquelle altiva expressão?  
Não sei! As sombras da morte  
Sobre minh'alma passaram,  
E vozes de um outro mundo  
Por meus ouvidos soaram!

Senti o frio das campas,  
Cahi sem forças no chão :  
Ao voltar de novo á vida,  
Perdêra a luz da razão !

XXXI

Por muito tempo na tribu  
Sombrio e mudo vivi..  
Livre, depois, estas serras  
Por meu asylo escolhi.  
Meu espirito aclarou-se,  
Dos annos curvei-me á lei....  
Mas ah ! sinto ainda o peso  
Dos males que supportei!

# MIMOSA

POEMA DA ROÇA — EM TRES CANTOS

OFFERECIDO A MEU AMIGO P. C. CASTRO.

## CANTO PRIMEIRO

### INTRODUCCÃO

Censor austero, rigido analysta,  
Guarda zeloso de banaes regrinhas,  
Deixai vosso escalpello infatigavel,  
Poupai estas quadrinhas !

Cada esphera da humana intelligencia  
Tem milhões de degrãos, milhões de faces,  
A musa é sempre musa, embora exalte  
As mais humildes classes.

A idéa não tem marcas nem barreiras,  
E o pensamento, irmão da liberdade,

Quando as azas sacode abate e quebra  
Mais de uma autoridade.

Tudo é nobre na terra, tudo é grande  
Tudo se adorna de ideal belleza  
Quando o poeta ha sagrado a lyra  
No altar da natureza.

Lançai vossos preceitos e tratados  
Às chammas vivas de voraz incendio...  
Alma que sente, que se inspira e canta  
Não conhece compendio.

### NARRAÇÃO

Gastei meu genio, desfolhei sem pena  
A flôr da mocidade entre os enganços,  
E, cansado das lidas deste mundo,  
Procurei o deserto aos vinte annos.

A cavallo, sem rumo, o olhar tristonho,  
Na bocca o saibo de fatal veneno,  
Percorria as campinas e as montanhas  
Da bella terra de Amador Bueno.

Era no mez de agosto, o mez dos risos,  
Das doces queixas, das canções sentidas,  
Quando no céo azul, ermo de nuvens,  
Passam as andorinhas foragidas.

Quando voltam do exilio as garças brancas,  
Quando as manhãs são ledas e sem brumas,  
Quando sobre a corrente dos ribeiros  
Pende o cannaveal as alvas plumas.

Quando palram no mato os periquitos,  
Quando corre o tatú pelas roçadas,  
Quando chilra a cigarra nos fragedos  
E geme a jurity nas assomadas.

Quando os lagartos dormem no caminho,  
Quando os macacos pulam nas palmeiras,  
Quando se casa o grito da araponga  
A' triste e surda voz das cachoeiras.

Então que de poemas nas florestas!  
Que de sonhos de amor pelas choupanas!  
Que de selvagens, mysticos rumores  
Dos lagos pelas verdes espadanas!

Um brando véo de languidez divina  
Paira sobre a cabeça dos viventes,  
Vergam-se as maravilhas sobre as hastes,  
Refrescam-se os cipós sobre as torrentes.

Quedam-se as borboletas nos pomares,  
Gemem os sabiás pelos outeiros,  
Chamam-se enamorados os canarios,  
E os fulvos bem-te-vis nos ingázeiros.

O lavrador recolhe-se á palhoça,  
Reclina-se na esteira e se espreguiça,  
E entre os folguedos da bemdita prole  
Se entrega ao doce vicio da preguiça.

O viandante pára nas estradas,  
Abre os alforges, e do mato á sombra,  
Depois de cheio e farto, fuma e sonha  
Da molle grama na macia alfombra.

A natureza inteira ama e soluça,  
Ebria de aphrodisiacos perfumes,  
E a mente solitaria do poeta  
Se abrasa em chammas de insensatos lumes.

Foi quando vi Mimosa a vez primeira,  
Beija-flôr do deserto, agreste rosa,  
Gentil como a Dalila da Escriptura,  
Mais ingenua, porem, mais amorosa...

Punha-se o sol, as sombras somnolentas  
Mansamente nos valles se alongavam,  
Bebiam na taberna os arrieiros  
E as bestas na poeira se espojavam.

O fogo ardia vivido e brilhante  
No vasto rancho ao lado do giráo,  
Onde os tropeiros sobre fulvos couros  
Entregavam-se ao culto do pacáo.

A caxaça alegrava os olhos todos,  
As cuias de café se repetiam,  
E as fátuas baforadas dos cachimbos  
Nos caibros fumarentos se perdiam

A viola soava alegremente...  
Que meigas notas! Que tanger dorido!

Vida de sonhos, drama de aventuras,  
Não, vós não morrereis no mar do olvido!

Mimosa estava em pé sobre a soleira  
Da exigua entrada da mesquinha venda,  
Saudosa, como á sombra do passado  
Um typo de ballada ou de legenda.

Saudosa, sim, cercada do prestigio  
Dessa belleza vaga, indefinivel,  
Cuja expressão completa em vão procura  
O pobre pensador sobre o visivel!

Que faz lembrar o que existio, é certo,  
Porém aonde e quando? Que tortura  
A memoria impotente e em vez de um facto  
Mostra ao poeta o abysmo da loucura!

Indeciso clarão de uma outra vida!  
Fugitivo ondular, dobra ligeira  
Do manto do ideal estremecendo  
Entre bulções de fumo e de poeira!

Raio de Deus na face da materia!  
Frouxo luzir do sol da poesia!  
Eu vos contemplarei a pura essencia?  
Eu poderei gozar-vos algum dia?

Nada de digressões. Minha heroína  
Fumava um cigarrinho branco, leve,  
Delgado como um brinco de creança,  
Como um torrão de assucar ou de neve.

E o vapor azulado lhe vendava  
De quando em quando as faces peregrinas..  
Parecia uma fada do Oriente,  
Uma visão do opio entre neblinas.

A saia de ramagens caprichosas  
Cahia-lhe em prodigios da cintura,  
Entre os bordados da infiel camisa  
Tremião dous delirios de esculptura.

Sobre a direita a perna esquerda curva,  
Capaz de enlouquecer Phidias — o mestre,  
Dava um encanto singular ao vulto  
Daquella altiva perfeição campestre.

Depois em tamanquinhos amarellos  
Pés de princeza, pés diminutivos,  
Cutis morena revelando á vista  
Do pêcego e do jambo os tons lascivos.

Olhos ebrios de fogo, vida e goso,  
Sombrias palpitantes mariposas,  
Cabellos negros, bastos, ennastrados  
De roixos manacás e rubras rosas.

Eis Mimosa! Seu corpo trescalava  
O quente e vivo aroma da alfazema,  
Perfume de cabocla e de roceira,  
Porem que para mim vale um poema!



### PARENTHESIS

Chamo-me Marcos Marques, e sou filho  
De meu pai, minha mãe e mais ninguém ;  
Perdi-os muito cedo, e vos declaro  
Que delles não herdei nem um vintem.

Perdoai-me, leitor, si até agora  
Nada vos tenho dito a meu respeito...  
Quando esta historia passa-se era moço  
E estudava a sciencia do direito.

Póde bem ser que livros não abrisse,  
Que não votasse amor a sábia casta,  
Mas tinha o nome escripto entre os alumnos  
Da escola de S. Paulo, e é quanto basta.

### CONTINUAÇÃO

Queres tu descansar? ella me disse,  
Dos labios retirando o cigarrinho,  
Não faças ceremonias, minha casa  
Ahi está sobre a margem do caminho.

Tenho boa aguardente, vinho e fumo,  
Café bem forte, sempre accêso o fogo ;  
Si estás triste, doente ou namorado,  
Lá poderás scismar em desafogo.

Vem pois commigo. E a segui pensando...  
Sombria a noite já ganhára a terra,  
E ao longe, occultos nos pinhaes, soltavam  
A voz sentida os bacuráos da serra.

Zumbia o insecto na espessura, os sapos  
De seus recantos humidos sahiam,  
E aos rumores do dia moribundo  
Os rumores das sombras succediam.

As estrellas brotavam vivas, bellas,  
Do céo azul na face transparente,  
D'onde um ligeiro manto de vapores  
Baixava sobre os valles mansamente.

Mais preguiçoso o arroio murmurava,  
Mais surdo o vento nos sarçães gemia,  
Mais seductora a imagem de Mimosa  
D'entre as balsas floridas me sorria.

A casa era pequena, mas bem feita,  
Coberta de sapé, de páos cercada,  
Aos lados gravatás, flôres na frente,  
Uma cruz no terreiro levantada...

A' porta respeitavel confraria  
De gatos brancos, pretos e vermelhos,  
Gansos e frangos, patos e marrecos,  
Magros rafeiros e mollossos velhos...

Cortiços á parede, sobre o tecto  
Um bugio satyrico e farcista,

Preso á janella verde papagaio  
Grave e analysador como um legista.

Entrámos. A sallinha estreita e clara,  
A rêde ao canto, a corda atravessada  
Cheia de saias brancas e vestidos,  
Camisas de morim, roupa engommada.

Grosseiros quadros de disformes santos,  
Duas mesas, tres bancos, um pilão,  
Caixas de pinho, cestos de taquara,  
Esteiras de tabua sobre o chão.

Tudo, porem, tão limpo e tão singelo,  
Tão ordenado estava e bem disposto,  
Que me senti, si não contente, ao menos  
Livre de meu fatidico desgosto.

— Tira o casaco e senta-te na rêde;  
Como estás triste! disse graciosa.  
— Achas-me triste? — Sim. Como te chamas?  
— Francisca; o povo chama-me Mimosa.

— Moras aqui sósinha? — Só. Creança,  
Vi-me sem pai, sem mãe, sem um parente,  
Alheios peitos me alcitaram, pobre  
Até hoje vivi, porem contente.

— E que idade tens tu? — Dezeseis annos.  
— Dezeseis annos, céos! E nesta vida  
Nunca encontraste alguém que te amparasse,  
Que te desse morada, pão, guarida?

— Ninguém. Quem dá guarida ás borboletas  
Quem dá sustento aos passaros da serra?  
Foi esse que amparou-me neste mundo,  
Foi esse que ajudou-me sobre a terra!

— Vives feliz? — Si vivo! quantas ricas  
Invejam-me a pobreza e a liberdade!  
Quantas, pelo dever, queimão de prantos  
A corôa vivaz da mocidade!

Quantas se vendem pela vida inteira  
Aos beijos vis de um opulento esposo,  
E nos seus braços torcem-se offegantes  
Buscando em vão no desespero o goso!

Eu não tenho ambições, amo e me entrego,  
Nenhuma lei me prende a quem odeio!...  
És bello e moço, dizem que sou linda;  
Queres tu repousar sobre meu seio?

Pobre Mimosa! Nos meus braços frouxos  
Para junto de mim sorrindo a ergui...  
A noite adiantava-se, as estrellas  
Desmaiaram no céo, adormeci.

## CANTO SEGUNDO

Quando tentei partir, á madrugada,  
Mimosa me deteve. — Ah! não me deixes,  
Murmurou a chorar;  
Nesta só noite que passei contigo,  
Tanto, tanto sonhei, que outra me sinto,  
A' luz de teu olhar!

Não partas, fica, tenho dentro d'alma  
Um mundo que se forma pouco e pouco,  
Que em breve hade surgir...  
Porque rasgaste o véo que me occultava  
Tanta esperança, tantos resplandores,  
Si tinhas de partir ?

Escuta : a teu fallar estas campinas,  
Estas florestas, estes altos montes  
São novos para mim ;  
Minha vida, mais bella, é como um astro  
Que livre da tormenta em paz caminha  
No céo de azul setim !

Hontem, céga, insensata, atravessava  
Erma de sonhos a existencia, como  
Cansado viajor...  
Hoje só vejo flôres e ouço cantos,

Conheço quanto valho neste mundo,  
Por ti, por teu amor!

Tu dissipaste a nevoa de meus olhos,  
Mostraste-me um paiz de eternos gosos,  
Além de um verde mar;  
E, quando sinto a força, ensaio os passos,  
E cheia de ambição fito o horizonte,  
Procuras me deixar!

Não partas! Olha, em breve as mattas virgens  
Se tornarão em mysticos palacios  
Como nunca verás!  
Em leitos de oiro correrão mil fontes,  
Mil maravilhas encherão a terra...  
Tudo isto cantarás!

Tudo isto cantarás! Teus doces labios  
Sabem mysterios junto aos quaes são poucos  
Os thesouros de um rei!  
Quando tu fallas cerram-se-me os olhos...  
Parece que hei vivido um'outra vida,  
Quando e aonde, não sei!

Oh! não partas! Disseste que as cidades  
Tinham-te morto n'alma as esperanças  
E as flôres do porvir;  
Que só topaste corações sem crenças,  
Almas vazias, labios deslavados  
Affeitos a mentir!

Tenho um diluvio de illusões na fronte,  
Tu as geraste! As emoções devoram  
    Meu seio de mulher!...  
Toma-me por escrava! Meiga, humilde,  
Eu não te occultarei, tanto te adoro!  
    Uma idéa siquer!

Assim fallou Mimosa, e suspendida  
A meu pescoço, em lagrimas banhada,  
    Sorrio e se calou.  
Beijeilhe os braços nus, beijeilhe o collo,  
Beijeilhe a rósea bocca, fiquei mudo...  
    Mas minh'alma fallou!...

(Já sei, compadre, que acharás impropria  
Nos labios de Mimosa tanta pompa,  
    Tão alta locução ;  
Não importa, atavio-lhe a linguagem  
Sem lhe afogar a idéa: — si discutes,  
    Mando-te á Introducção.

Voto horror aos rhetoricos e mestres  
Que exigem copiada a natureza  
    Tal e qual ella está :  
Sem meias tintas e artificios finos  
Pinta-me um quadro, tu verás se minto,  
    Que monstro sahirá).

As silhas desatei de meu cavallo,  
Tirei-lhe a sella e o freio que insoffrido  
    Mascava com ardor,

O formoso animal rinchou contente,  
Deu tres saltos robustos, e espojou-se  
Da relva no frescor.

— Mimosa, eu ficarei! Pouco me importa  
O que os homens disserem! Desgraçados,  
Miseraveis de nós,  
Si a cada passo neste ingrato mundo  
Tomassemos por lei de nossos actos  
Das multidões a voz!

Eu ficarei! Quem sabe si mais tarde  
Na hora extrema, meu viver revendo,  
Tivesse de chorar  
Alguns dias de goso verdadeiro,  
De calma e de socego, que em teus braços  
Não soube aproveitar?

Tu és a flôr do mato airoza e bella  
Aberta á noite, a medo bafejada  
Por ventos do sertão...  
Nunca a mentira te pousou nos labios,  
Nunca um punhado de oiro ha seduzido  
Teu livre coração!

Sentindo as azas leves, perfumadas  
Do genio do prazer roçar-te o peito,  
Gozaste, sem amor...  
Na sarça escura a pomba tambem geme,  
E a corça meiga entrega-se nos ermos  
Dos seres ao pendor.



A pobreza que atira ás espeluncas  
Milhões de virgens, cujos corpos mata  
    Mercenario gosar,  
Deixou-te aqui vedada aos libertinos,  
Inda ignorante da fatal sciencia  
    Que ensina o lupanar!

Nunca o astro das noites encantadas  
Deixou cahir em faces mais formosas  
    Seu humido clarão!  
Como teus olhos nunca hei visto estrellas!  
Como teus labios não tem côr a aurora  
    E rosas o verão!

Eu ficarei comtigo! Em teus carinhos  
Quero afogar, sonhando ethereos sonhos,  
    Da mocidade a flôr!  
Quero morrer sentindo-te em meus braços,  
Chorar, gemer, estremecer sem forças  
    Em delirios de amor!

Assim fallei-lhe, e, como ao leve corpo  
De uma leve creança, em meus joelhos  
    Brandamente a depuz;  
Cerrei-a contra o peito, e largo tempo  
Mudo assisti ás festas de su'alma  
    De seus olhos na luz.

(Responde-me, compadre, crês acaso  
Que habita a virgindade só no corpo  
    De donzellas noveis?)

Que não ha cortezans por entre as virgens,  
Como entre cortezans virgens existem,  
Mesmo até nos bordeis ?

Que do casto sacrario a fome livida  
Não conduza aos alcouces macilentas,  
Puras, santas vestaes,  
Emquanto o oiro esconde em véos pudicos  
Illesos corpos, cujas almas queimam  
Ardores infernaes?

Pede emprestada ao Cynico a lanterna,  
Percorre as praças, entra nos palacios,  
Devassa os camarins,  
E dize-me depois quantas mulheres,  
Virgens do corpo, achaste, agasalhando  
Almas de seraphins?

Poucas, bem poucas!... Muda de caminho,  
Lança por terra o baço candieiro  
E, calmo pensador,  
Contempla esta creança! Algo descobres  
Que não seja candura, paz, bondade  
Intelligencia e amor? )

De novo as illusões e os aureos sonhos  
Que o mundo afugentára me surgiram  
Na viva phantasia!  
O verdadeiro amor, o amor sagrado  
Que prende o sonhador á natureza  
N'uma estreita harmonia...

Esse, que a voz das aves interpreta,  
Que inunda de clarões os mais profundos  
    Antros da Creação,  
Que a mentira dos homens não extinto,  
Mas esfriado havia a lentos sopros  
    Dentro do coração;

Esse brotou mais forte e mais intenso!  
E eu me senti nas azas conduzido  
    De aspirações sem fim  
Para o cimo das serras altaneiras,  
Onde o arrebol semêa ilhotas de oiro  
    Em lagos de carmim.

E eu invoquei os passaros errantes,  
Que vêm de longes climas desenhando  
    As sombras nos sertões,  
A fim de que mostrassem-me nos ermos  
Um remanso feliz onde soltasse  
    Minhas livres canções.

E fallei a Mimosa dos desertos,  
Das plagas afastadas do bulicio,  
    Do mundano rumor,  
Onde nem traços de homem se estampassem  
Dos amplos chapadões sobre as areias  
    De deslumbrante côr.

Fallei de uma casinha á beira d'agoa,  
Occulta entre as folhagens verde-escuras  
    Dos ricos laranjaes;  
De um jardimzinho, do arrulhar dos pombos,  
Da sesta no pomar, de quanto almeja  
    Quem sonha e ama de mais!

Ella me ouvia, e por seus bellos olhos  
Eu via-lhe a voar o pensamento  
    No espaço do ideal!  
Depois nossas cabeças se encostavam,  
Nossas almas fundiam-se n'um canto  
    Sublime, sem igual!

Tres mezes decorreram; em tres mezes  
Vivemos por tres seculos. Mimosa  
    Se tranformára então;  
Minhas idéas de poeta haviam  
Lhe esclarecido o espirito dotado  
    Por celeste condão.

A' noite, no terreiro, eu lhe fallava  
Da harmonia dos astros, de seus gyros  
    E leis universaes;  
Da existencia dos seres que pululam  
Na eterna creação; da natureza  
    Das almas immortaes.

Eu lhe contava a vida da florinha,  
A formação do seixo, a intima historia  
    Das arvores titães;  
E pouco a pouco as relações mostrando  
Das cousas e de Deus, me levantava  
    Té ás idéas mãis...

Narrava-lhe dos povos que passaram  
Todas as crenças, todas as legendas,  
    Usos, religião;  
E os prodigios da arte, e as maravilhas  
Que se deram na terra á luz divina  
    Da santa redempção.

Tres mezes decorreram, mas nem sempre,  
Como no céo azul a casta diva  
    Das tradicções pagãs,  
Nossa existencia deslizou tranquilla...  
Parece que a tormenta ama e prefere  
    As mais bellas manhãs!

Mimosa tinha um circulo de ousados,  
Cegos adoradores, broncos vates,  
    Valentões commensaes,  
Paladinos de esperas e emboscadas,  
Cujas noites contavam-se por brigas  
    E surdas bacchanaes...

Logo aos primeiros dias, ás visitas  
Dos Adonis boçães indifferente  
    Mostrou-se e fria até;  
Depois foi se esquivando a seus gracejos,  
Por fim negou-se por uma vez ao trato  
    Dessa indigna relé.

Então feridos no brutal orgulho,  
Calcados pelos pés de uma creança  
    Que pensavam dobrar,  
Uniram-se, esquecendo os mutuos zelos,  
E ardendo em furias de despeito e raiva  
    Juraram se vingar.

Uma historia de lutas improficuas,  
De dias sem repouso e inquietas noites  
    Começou para mim!  
Tornou-se a casa um forte sitiado,  
E a guerra declarou-se atra em seus meios,  
    Cruenta no seu fim!

Era Nho Láo o chefe dos guerreiros  
Do exercito inimigo, audaz roceiro,  
    Como Ulysses sagaz :  
Ciladas que evitei deste malvado,  
Tramas que desmanchei, contar não posso,  
    Tantas eram e taes!

Por duas vezes escapei, Deus sabe  
Como, de horrenda surra de cacete  
    Dada por dextra mão!  
Muitas outras de laços e armadilhas  
Erguidas no caminho, que eu trilhava  
    Com toda a precaução!

Aqui eram traidores, fundos fossos  
Cobertos de paosinhos, escondidos  
    Em branca e fina areia ;  
Ali pesada pedra em fragil corda ;  
Além ponte infiel lançada adrede  
    Sobre torrente feia!

Mimosa era um prodigio de bravura,  
De finura e de tactica! Uma noite,  
    Já bem tarde era então,  
Ella me despertou. — Ergue-te, disse,  
Incendiam a casa, não percamos  
    Nem um minuto, não!

Fujamos! Levantei-me de um só pulo,  
Tomei duas pistolas. — Eis-me prompto :  
    O que faremos nós ?  
— Fujamos, repetio, ainda é tempo,  
Elles não nos verão, todos entregues  
    A seu projecto atroz!

Assim dizendo, me lançou aos hombros  
Um pesado capote e foi juntando  
A roupa que encontrou;  
Deu-me uma trouxa, encarregou-se de outra,  
E á porta do quintal se dirigindo,  
Abrio, e observou.

— Nada suspeitam, vamos. Quão formosas,  
Quão serenas luziam as estrellas  
No céo sombrio-azul!  
Nem uma nuvem maculava o espaço!  
A' nossa frente n'amplidão brilhava  
O Cruzeiro do Sul!

E caminhámos, caminhámos; frias  
Batiam-nos no rosto e nos cabellos  
Da noite as virações;  
O orvalho nos molhava os pés descalços;  
Os espinhos do mato nos cobriam  
As faces de arranhões.

Chegando ao cimo de um pequeno outeiro,  
Ella parou. — Estou cansada, disse,  
Repousemos em paz...  
Estendi meu capote sobre a relva,  
Sentamo-nos, voltando a vez primeira  
Os olhos para traz.

Tudo estava tranquillo. A varzea, o rio,  
A estrada solitaria, os fundos valles  
Pareciam dormir;  
Nada turbava o placido silencio,  
Sinão de errantes cães soltos no campo  
O espaçado latir.

Mas pouco e pouco um rôlo de fumaça,  
Denso, pesado, qual medonha tromba  
    Suspensa em alto mar,  
Do tecto da cabana de Mimosa  
Ergueu-se lentamente e em ondas torvas  
    Desdobrou-se no ar!

Em breve a chamma brilha, zune, estála,  
Em rubras labaredas lambe os caibros  
    E devora o sapé!  
As aves de redor fogem piando!  
Torram-se as plantas, ardem se torcendo,  
    E tudo em ruinas é!

Mimosa contemplou a ultima chispa  
Que do pobre casebre levantava-se  
    Voando para o céo,  
E, quando vio que tudo estava findo,  
Junto a mim se deitou sobre o capote,  
    Cobrio-se, e adormeceu.

Quando acordei, o sol no azul do espaço  
Parecia entornar sobre as campinas  
    Torrentes de oiro em pó....  
Sentei-me, olhei em roda, olhei de novo...  
Mimosa se esvaira como um sonho,  
    E eu suspirava só!



## CANTO TERCEIRO

Verdade!... Estupida coisa!  
Consocia eterna do mal!  
Deidade nos desenganos!  
Inimiga do ideal!  
Verdade! porque me obrigas  
Tam tristes scenas narrar,  
Quando pudera esta historia  
De outra maneira findar?

Tu que apalpas as feridas  
Mais immundas dos mortaes,  
Que não tens nojo de nada,  
Que sempre despida estás;  
Queres que um vate inspirado,  
Que um heróe entre os sandeus,  
Se esquive aos vãos do genio  
E siga os dictames teus!

Já que não tenho remedio,  
Já que me prendes assim,  
O resto de minha farça  
Vou contar tim por tintim.  
Eu bem pudera, estou certo,  
Si te quizesse negar,  
Fazer succumbir Mimosa  
De molestia pulmonar;

Mas pouco e pouco um rôlo de fumaça,  
Denso, pesado, qual medonha tromba  
    Suspensa em alto mar,  
Do tecto da cabana de Mimosa  
Ergueu-se lentamente e em ondas torvas  
    Desdobrou-se no ar!

Em breve a chamma brilha, zune, estála,  
Em rubras labaredas lambe os caibros  
    E devora o sapé!  
As aves de redor fogem piando!  
Torram-se as plantas, ardem se torcendo,  
    E tudo em ruínas é!

Mimosa contemplou a ultima chispa  
Que do pobre casebre levantava-se  
    Voando para o céo,  
E, quando vio que tudo estava findo,  
Junto a mim se deitou sobre o capote,  
    Cobrio-se, e adormeceu.

Quando acordei, o sol no azul do espaço  
Parecia entornar sobre as campinas  
    Torrentes de oiro em pó....  
Sentei-me, olhei em roda, olhei de novo...  
Mimosa se esvaira como um sonho,  
    E eu suspirava só!

## CANTO TERCEIRO

Verdade!... Estupida coisa!  
Consocia eterna do mal!  
Deidade nos desenganos!  
Inimiga do ideal!  
Verdade! porque me obrigas  
Tam tristes scenas narrar,  
Quando pudera esta historia  
De outra maneira findar?

Tu que apalpas as feridas  
Mais immundas dos mortaes,  
Que não tens nojo de nada,  
Que sempre despida estás;  
Queres que um vate inspirado,  
Que um heróe entre os sandeus,  
Se esquive aos vãos do genio  
E siga os dictames teus!

Já que não tenho remedio,  
Já que me prendes assim,  
O resto de minha farça  
Vou contar tim por timentim.  
Eu bem pudera, estou certo,  
Si te quizesse negar,  
Fazer succumbir Mimosa  
De molestia pulmonar;

E como Dumas, o filho,  
Com quem brigaste, já sei,  
Por seis escarros de sangue  
Ter a corôa de rei.

Mas tu subornas-me a Musa,  
Tentas curvar-me: pois bem!  
Heide acabar o poema  
Sem auxilio de ninguem!

Tres annos, tres longos annos  
De funda melancolia,  
Passei de novo sentado  
Nos bancos da academia ;  
E em vez de cantar as festas,  
E as bellezas do sertão,  
Traguei as purgas amargas  
De Gaio e de Labeão!

Mas uma dia, resolute,  
Cobrando o antigo vigor,  
Queimei os livros bramindo :  
— Não sirvo para doutor!  
Heide encontrar-te, Mimosa,  
Minha luz, minha esperança!...  
Serei outro D. Quichote,  
Só me falta um Sancho Pança!

Arrangei um burro magro,  
Manhoso como um poeta,  
Mas talvez intelligente  
Como a besta do propheta;

E, procurando as montanhas,  
Que ao longe, ao longe azulavam,  
Senti que em minh'alma afflicta  
Meus sonhos resuscitavam!  
Senti que ainda era um homem,  
Que tinha illusões sem fim,  
Que o anjo de minha guarda  
Folgava por ver-me assim!

E caminhei.... Como gratas  
As florinhas me sorriam!  
« Por onde andaste, poeta? »  
Parece que me diziam!  
Os cantos dos passarinhos,  
Os brandos sopros da aragem,  
Fallavam : « Sê tu bem vindo!  
Nos conta tua viagem! »

E os velhos cedros da matta,  
Com gesto grave e sombrio,  
Perguntavam-me severos :  
« Por onde andaste, vadio?  
Como vens tão bem vestido!  
Que lindo collete trazes!  
Que tôlas palavras dizes!  
Que lindas momices fazes!  
Perdeste a vista? Coitado!  
Pobre, misero poeta!  
Partio com olhos de lince,  
Porem volta de luneta!  
Aprendeste muito! Sabes  
De cór a legislação?  
Conheces bem o Digesto?  
Leste as obras de Lobão? »

E riam-se, e tanto riam-se,  
Esses Titães da sciencia,  
Que receei um momento  
De perder a paciencia!  
E por fim, aborrecido  
De tanta mordacidade,  
Queimei á noite n'um rancho.  
Minhas roupas de cidade!

Quinze dias se passaram :  
Sem descanso caminhava,  
Quando avistei as paragens  
Onde Mimosa morava.  
Parei junto á mesma venda  
Que tinha o mesmo balcão,  
A mesma portinha estreita,  
O mesmo bom vendilhão;  
As mesmas teias de aranha,  
Os mesmos barris vazios,  
A mesma infiel balança,  
O mesmo rol de vadios.  
Vi defronte o mesmo rancho,  
Em torno as mesmas collinas,  
As mesmas côres nas plantas,  
A mesma luz nas campinas!  
Mas da casa de Mimosa  
Nem um esteio existia,  
E a Troya de tantos sonhos  
Só em minh'alma vivia!

Cheio de mortal tristeza  
Dirigi-me ao taberneiro :  
— Preclaro negociante,  
Sem igual no mundo inteiro,

Dizei-me, vós, cuja fama  
Foi sempre séria e honrosa,  
Dizei-me, por Deus vos peço,  
Dizei-me, onde está Mimosa!

O homem das meias quartas  
Lançou um sentido olhar,  
Depois, abaixando o rosto,  
Começou a soluçar!  
— Mimosa!... disse, Mimosa!  
Buscas por ella tambem?  
Ah! depois que foi-se embora  
Não ganho mais um vintem!  
Estou perdido, arruinado,  
Sem freguezes, meu amigo!  
Nós somos dous infelizes :  
Deixa que chore comtigo!

— Mas onde foi a traidora?  
Com quem partio? — Eu não sei!  
— Vou indagar.... — Nada alcanças,  
Já de todos indaguei!  
Sumio-se como um demonio!  
Não deixou nem um signal!  
Meu destino está traçado!  
Morrerei n'um hospital!...

— Pelas orelhas de Judas!  
Bradei. Si me fôr preciso  
Descer aos negros infernos  
E subir ao Paraiso,  
Eu o farei! Porem juro

Que heide trazel-a commigo,  
Preclaro negociante,  
Meu illustre e nobre amigo.  
Dizendo assim, as espóras  
Enterrei em meu burrinho,  
Que poz-se a rinchar alegre  
Trotando pelo caminho.



## EPILOGO

.....

Leitor, meu leitor querido,  
Homem da roça ou da praça,  
Que tivestes a desgraça  
De me prestar atenção ;  
Leitor do meu coração,  
Ouvi, falta quasi nada  
Para o fim desta embrulhada.

Escutai : era uma noite,  
Noite horrenda e tenebrosa,  
Noite de trovões medonhos  
E de chuva copiosa...  
As arvores da floresta,  
Naquella noite funesta,  
Tão fundamente gemiam  
Que as estações pareciam  
Dizer um ultimo adeus !  
Eu caminhava ; no espaço  
Subitanea luz sinistra  
Sangrenta, sulphurea listra  
Flammejou aos olhos meus !  
Um estrondo immenso, horrivel  
Ribombou pelo infinito !

Soltei um agudo grito,  
Buscando ar pela amplidão;  
Minha razão desvairou-se,  
Minhas veias se gelaram,  
Meus joelhos fraquearam,  
Cahi sem forças no chão!

Mas quando senti de novo  
No seio a vida.... Portento!  
N'um esplendido aposento  
Me achei! Que moveis pomposos!  
Quantos paineis preciosos!  
Que perfumes deleitosos!  
Que prodigios me cercavam?  
— Onde estou? gritei erguendo  
A fronte dos travesseiros.  
Então um homem, contando  
Talvez sessenta janeiros,  
Approximou-se dizendo :  
— Amigo, esta casa é vossa;  
Eu sou um homem da roça;  
Dizem-me rico, importante,  
*Et cætera*. Um viajante,  
Meu compadre e meu vizinho,  
Esta noite no caminho  
Vos encontrou desmaiado.  
Suppomos ter sido o raio  
Que a poucos passos cahira  
A causa desse desmaio.  
Não 'stais ferido, louvado  
Seja Deos. Agora, amigo,  
Já disse, esta casa é vossa,  
E eu sou um homem da roça,  
Não vos zanguéis pois commigo  
Si vos deixo. Minha esposa,

Desvelada e cuidadosa,  
Junto de vós ficará.  
Assim dizendo, — Sinhá!  
Gritou. Oh! cousa assombrosa!  
Uma porta abrio-se, e airoso,  
Mais bella do que uma fada,  
Mais bella que a madrugada,  
No meu quarto entrou Mimosa!

Si não findo a historia já,  
Não sei como findará.

# ANTONICO E CORÁ

## HISTORIA BRAZILEIRA

Homenagem ao genio desconhecido — a primeira inspiração brasileira,

O SR. TENENTE-CORONEL

### ANTONIO GALDINO DOS REIS

Corá tinha vinte annos,  
Antonico pouco mais ;  
Eram ambos dous pombinhos  
Sem iguaes.

Amavam-se; n'este affecto  
Ninguem dubios laços veja,  
Elles estavam ligados...  
Pela igreja.

Corá na voz, nos requebros,  
Era mesmo uma hespanhola ;  
Antonico um Alexandre  
Na viola.

Quatro annos de venturas  
Passaram os dous no ermo ;  
Mas as ditas deste mundo  
Têm um termo.

O nosso heróe obrigado,  
Por uma questão urgente,  
Teve de deixar a esposa  
De repente.

Corá chorou por tres noites,  
Por tres noites lamentou-se ;  
Mas no fim dessas tres noites...  
Consolou-se.

Aonde fôra Antonico ?  
Bem não sei, nem bem me lembro :  
Findava-se o mez, supponho,  
De Setembro ;

Passou Outubro, Novembro,  
Dezembro e entrou Janeiro,  
Antonico demorou-se  
O anno inteiro !

Corá, cujos roseos sonhos  
Mudavam-se em pó e fumo,  
Tomou sem mais ceremonias  
Outro rumo.

Mas onde estava Antonico ?  
Não sei. Dessas longes plagas

Guardo apenas na carteira  
Notas vagas.

O que sei é que, no cabo  
De tres ou de quatro mezes,  
Procurou quem lhe fizesse  
D'ella as vezes.

(D'ella, previno-te, amigo,  
Que me refiro a Corá,  
Como ao correr desta historia  
Se verá.)

Ora bem, eis envolvido  
Antonico um bello dia  
No crime horrendo que chamam  
Bigamia!

Misero o genio do homem !  
A diversão não o cansa !  
Tem por lei dos actos todos  
A mudança!

Dous annos mais são passados,  
E Antonico, quem diria!  
De sua segunda esposa  
Se enfastia!

Recorda-se dos encantos,  
Da figura alta e faceira,  
Dos requebros, dos olhares  
Da primeira!

Maldiz o genio versatil  
Que o fez mudar de mulher ;  
Nem mais um beijo á segunda  
Dá siquer !

Jura, jura, como jura  
Bom marido e bom christão,  
Sanar de antigos direitos  
A lesão.

Uma tarde se prepara,  
E a pé, qual romeiro monge,  
Põe-se constricto a caminho  
Para longe.

Chegando á misera aldêa,  
Cumprindo o triste fadario,  
Vae logo bater á porta  
Do vigario.

Era tarde, mas o padre,  
Cheio de santo fervor,  
Ouvio as queixas do afflicto  
Peccador.

Meu amigo, disse, é noite,  
Vai dormir um poucachinho ;  
Volta amanhã, fallaremos  
Bem cedinho.

Passa revista em teus erros,  
Em todos, em todos, filho,

Deus te lançará de novo  
No bom trilho !

Assim fallou, e Antonico,  
Fazendo uma reverencia,  
Foi conversar com a pobre  
Consciencia.

No dia seguinte, humilde,  
Nos largos peitos batendo,  
Voltou á casa do gordo  
Reverendo.

Estava deitado o padre,  
Sobre um mundo de lençóes,  
Na cama em que repousaram  
Seus avós ;

Cama grande, forte, larga,  
Fabricada para dois,  
Cujo peso arrastaria  
Trinta bois !

— Bom dia, senhor vigario.  
— Bom dia, á confissão vem ?  
— Sim, senhor, póde attender-me?  
— Muito bem...

— Não é mister levantar-me,  
D'aqui o ouço, não acha?  
Benzem-se, e as rezas começam  
Em voz baixa.



Findas as rezas : — Accuse-se,  
Murmura o bom reverendo...  
Antonico enxuga os olhos  
E, tremendo,

Principia : — Ah padre, padre,  
Commetti um tal delito  
Que sou de Deus e dos homens  
Maldito !

Dos homens... ah ! si soubessem  
Da acção tão negra e tão feia,  
Por certo que apodrecêra  
Na cadeia !

— Não tenhas medo, prosegue,  
Filho, em tua confissão ;  
Deus nunca nega aos culpados  
O perdão.

Furtaste acaso? — Não, padre.  
— Violaste algum penhor?  
— Não. — Calumniaste ? falla !  
— Fiz peior !

— Peior ! Juraste então falso ?  
Feriste alguém ? — Não, senhor.  
— Mataste, filho, mataste ?  
— Fiz peior !

— Peior ? Peior ? !... Então conta  
O que has feito, si quizeres

Que te absolva! — Ah! meu padre!  
Casei com duas mulheres!

— Casou com duas mulheres! ?...  
Com duas! ?... o padre exclama;  
E treme, agita-se, pula  
Sobre a cama.

E uma feminil cabeça,  
Ao som desta rude voz,  
Surge d'entre as vastas ondas  
De lençóis;

E ardendo por ver o monstro  
Bi-casado, a erguer-se vae,  
Quando um grito de seus labios  
Rubros sae!

— Corá!... exclama Antonico;  
— Compaixão!... brada Corá;  
— O que é isto? indaga o padre;  
— Que será!

E Corá logo mergulha,  
Antes que a luta appareça,  
No meio dos travesseiros  
A cabeça.

— O que é isto? O caso é grave,  
Novo, intrincado, eu o creio!  
Explica-te, filho, falla  
Sem receio...

— Quer que eu falle, que me explique,  
Que esclareça o facto, quer?  
De-me então sem mais rodeios  
A mulher!

A mulher que me pertence,  
Que ahi repousa a seu lado!  
É isto que eu chamo um feio,  
Vil peccado!

O padre franze os sobr'olhos,  
Esfrega as orelhas bentas,  
Passa a lingua pelos labios,  
Coça as ventas...

E falla : — Socega, filho,  
Tudo, tudo arranjaremos,  
Chega-te aqui para perto,  
Conversemos :

— Que tal a tua segunda  
Mulher? Faceira? Garbosa?  
Clara ou morena? Morena?  
Graciosa?

Gorda? — Gorda, sim, meu padre.  
— Olhos negros? — Lindos olhos!  
— São ciladas á virtude!  
São escólhos!

— São... Quanto a braços, pescoço,  
Cabellos... — Oh! lindos, bellos!

Que lindo collo ! Que braços !  
Que cabellos !

— Bonitos, heim? diz o padre  
Contente esfregando as mãos,  
Pois obremos, filho, como  
Bons christãos...

Traze-m'a, pois, e contigo  
Levarás esta, formosa,  
Legitima, incontestavel  
Boa esposa...

A carne de tua carne,  
Mais o osso de teu osso...  
E, assim se expressando, a porta  
Mostra ao moço.

Como as cousas se passaram,  
Leitor, não guardo memoria...  
Conclui como quizerdes  
Esta historia.

CANTOS

DO ERMO E DA CIDADE

PLIMMERS MACHINERY

Large and small  
of all kinds  
for sale or hire

SOLE AGENTS

THE IRON & STEEL CO.

of Glasgow  
and London

Agents for  
the sale of  
all kinds of  
iron and steel

of all kinds  
for sale or hire



## PRIMEIRA PAGINA

Louras abelhas, leves borboletas,  
    Volveis beija-flôres,  
Rápidos genios, hospedes dos ares,  
    Solitarios cantores,  
Amantes uns das pompas das cidades,  
    Das galas e das festas,  
Outros amigos das planicies vastas  
    E das amplas florestas ;  
Alado mundo, turbilhão volante,  
    Bando de sonhos vagos,  
Ora adejando em caprichosos gyros,  
    Ora em doces afagos  
Pousando sobre as fronte scismadoras...  
    Vêde, desponta o dia,  
Sucudi vossas azas vaporosas,  
    Exultai de alegria !  
Ide sem medo, lucidas chimeras,  
    São horas de partir !.....  
Ide, correi, voai, que vos desejo  
    O mais almo porvir !...

## VIUVA E MOÇA

Christo, onde estão as doutrinas,  
Onde as maximas divinas  
De caridade e de fé?  
Cahirão como as sementes  
Sobre os rochedos ardentes  
De que fallavas ás gentes,  
Sonhador de Nazareth!

Desde o romper d'alvorada  
Ao lar deserto sentada,  
Christo, Christo, choro em vão!  
Tenho exhausta a paciencia,  
Mas a santa providencia  
É surda á minha indigencia,  
Me deixa sem luz, sem pão!

Debalde invoco teu nome!  
O negro abutre da fome  
Róe-me as entranhas, Senhor!  
Estão aridos meus peitos!  
Sobre seus humidos leitos  
Meus filhos, tristes, desfeitos,  
Vertem lagrimas de dôr!

A multidão ruge e passa,  
Ninguem pensa na desgraça



D'esta pobre habitação !  
As privações se accumulão  
E os instinctos estimulão,  
Selvagens corceis que pulão  
Quebrando o freio á razão !

Que fazer ? De abysmo escuro  
Levanta-se um vulto impuro,  
Sinistra imagem do mal,  
Tem a abundancia de um lado,  
Nas mãos um cofre dourado,  
Canta um canto condemnado,  
Um canto de bacchanal !

E mostra-me seu thesouro  
Replecto de pilhas de ouro,  
De ouro de funesta luz !  
Depois com astutas fallas  
Me aponta brilhantes salas,  
Cheias de pompas e galas,  
Cheias de flôres e luz !

E vejo pallidas sombras...  
Que dansão sobre as alfombras,  
Frio o riso, o olhar febril !  
Tristes bellezas manchadas !  
Tristes mumias coroadas  
De grinaldas profanadas  
Em noites de orgias mil !

Confusas vozes me chamão !  
Os demonios me reclamão !

Que a miseria me vendeu !  
Cerro tremendo os ouvidos,  
Mas inda escuto os gemidos  
De meus filhos repellidos  
Pela terra e pelo céo !

Senhor ! Senhor ! este mundo  
Avido, sordido, immundo,  
Faz-me descrer té de ti !  
Minh'alma está branca e pura,  
Mas cega-me a desventura ;  
E entre o crime, entre a loucura,  
Vacillo !... — Porque nasci !?...

Entregue aos vaivens da sorte,  
Fraca, sózinha, sem norte,  
Como poderei lutar ?  
Si ás vezes, entre a caligem,  
Meus passos anjos dirigem,  
Bem cedo o véo da vertigem  
Me impede de caminhar !

A lei do dever é santa,  
Mas a desdita a quebranta,  
O mundo tem mais poder !  
O espirito arqueja e cansa,  
O mundo a victoria alcança,  
Dos homens sobre a balança  
Mais peso sempre hade ter !

Bati por todas as portas,  
As virtudes estão mortas,

As crenças sem mais valor ;  
Ai ! perdi toda a energia,  
Minha mente desvaria,  
Não tenho rumo nem guia ;  
Deverei morrer, Senhor ?

Eu creio em ti, eu te adoro,  
Mas as lagrimas que choro  
Tu não vês das vastidões !  
Deixas que eu soffra e padeça  
Que a virtude depereça,  
Mas que altivo se engrandeça  
O vicio com seus braços !

Christo, em vão te cruciaste !  
Em vão aos homens deixaste  
Preceitos de amor e fé !  
Cahirão como as sementes  
Sobre os rochedos ardentes  
De que fallavas ás gentes,  
Sonhador de Nazareth !

## EU AMO A NOITE

Eu amo a noite quando deixa os montes,  
Bella, mas bella de um horror sublime,  
E sobre a face dos desertos quedos  
Seu regio sello de mysterio imprime.

Amo o sinistro ramalhar dos cedros  
Ao rijo sopro da tormenta infrene,  
Quando antevendo a inevitavel quéda  
Mandão aos ermos um adeos solemne.

Amo os penedos escarpados onde  
Desprende o abutre o prolongado pio,  
E a voz medonha do caiman disforme  
Por entre os juncos de lodoso rio.

Amo os lampejos verde-azul, funereos,  
Que ás horas mortas erguem-se da terra  
E enchem de susto o viajante incauto  
No cemiterio de sombria serra.

Amo o silencio, os areaes extensos,  
Os vastos brejos e os sertões sem dia,  
Porque meu seio como a sombra é triste,  
Porque minh'alma é de illusões vazia.

Amo o furor do vendaval que ruge,  
Das azas densas sacudindo o estrago,  
Silvos de balas, turbilhões de fumo,  
Tribus de corvos em sangrento lago.

Amo as torrentes que da chuva tumidas  
Lançam aos ares um rumor profundo,  
Depois raivosas, carcomendo as margens,  
Vão dos abysmos pernoitar no fundo.

Amo o pavor das soledades, quando  
Rolão as rochas da montanha erguida,  
E o fulvo raio que flammeja e tomba  
Lascando a cruz da solitaria ermida.

Amo as perpetuas que os sepulcros ornão,  
As rosas brancas desbrochando á lua,  
Porque na vida não terei mais sonhos,  
Porque minh'alma é de esperanças nua.

Tenho um desejo de descanso, infindo,  
Negão-me os homens ; onde irei achal-o ?  
A unica fibra que ao prazer ligava-me  
Senti partir-se ao derradeiro abalo !.....

Como a criança, do viver nas veigas,  
Gastei meus dias namorando as flôres,  
Finos espinhos os meus pés rasgarão,  
Pisei-os ebrio de illusões e amores.

Sendal espesso me vendava os olhos,  
Doce veneno lhe molhava o nó.....

Ai! minha estrella de passadas éras,  
Porque tão cedo me deixaste só?

Sem ti, procuro a solidão e as sombras  
De um céu toldado de feral caligem,  
E gasto as horas traduzindo as queixas  
Que á noite partem da floresta virgem.

Amo a tristeza dos profundos mares,  
As aguas torvas de ignotos rios,  
E as negras rochas que nos plainos zombão  
Da insana furia dos tufões bravios.

Tenho um deserto de amarguras n'alma,  
Mas nunca a fronte curvarei por terra!...  
Ah! tremo ás vezes ao tocar nas chagas,  
Nas vivas chagas que meu peito encerra!

## A VOLTA

A casa era pequenina...  
Não era? Mas tão bonita  
Que teu seio inda palpita  
Lembrando d'ella, não é?

Queres voltar? eu te sigo;  
Eu amo o ermo profundo...  
A paz que foge do mundo  
Préza os tectos de sapê.

Bem vejo que tens saudades...  
Não tens? Pobre passarinho!  
De teu venturoso ninho  
Passaste á dura prisão!

Vamos, as mattas e os campos  
Estão cobertos de flôres,  
Tecem mimosos cantores  
Hymnos á bella estação.

E tu mais bella que as flôres.....  
Não córes..... aos almos cantos  
Ajuntarás os encantos  
De teu gorgueio infantil.

Escuta, filha, a estas horas,  
Que a sombra deixa as alturas,  
Lá cantão as saracuras  
Junto aos lagos côr de anil...

Os vagalumes em bando  
Correm sobre a relva fria,  
Emquanto o vento cicia  
Na sombra dos taquaraes...

E os genios que alli vagueião,  
Mirando a casa deserta,  
Repetem de bocca aberta:  
— Acaso não virão mais ?

Mas nos iremos, tu queres,  
Não é assim ? nós iremos ;  
Mais bellos reviveremos  
Os bellos sonhos de então.

E, á noite, fechada a porta,  
Tecendo planos de glorias,  
Contaremos mil historias,  
Sentados junto ao fogão.



## A DESPEDIDA

### I.

Filha dos serros onde o sol se esconde,  
Onde brame o jaguar e a pomba chora,  
São horas de partir, desponta a aurora,  
Deixa-me que te abrace e que te beije.

Deixa-me que te abrace e que te beije,  
Que sobre o teu meu coração palpite,  
E dentro d'alma sinta que se agite  
Quanto tenho de teu impresso n'ella.

Quanto tenho de teu impresso n'ella,  
Risos ingenuos, prantos de criança,  
E esses tão lindos planos de esperança  
Que a sós na solidão traçamos juntos.

Que a sós na solidão traçamos juntos,  
Sedentos de emoções, ebrios de amores,  
Idoltras da luz e dos fulgores  
De nossa mãe sublime, a natureza!

De nossa mãe sublime, a natureza,  
Que nossas almas n'uma só fundíra,

E a inspiração soprára-me na lyra  
Muda, arruinada nos mundanos cantos.

Muda, arruinada nos mundanos cantos,  
Mas hoje bella e rica de harmonias,  
Banhada ao sol de teus formosos dias,  
Sanctificada á luz de teus encantos!

II.

Adeos! Adeos! A estrella matutina  
Pelos clarões d'aurora deslumbrada  
    Apaga-se no espaço,  
A nevoa desce sobre os campos humidos,  
Erguem-se as flôres tremulas de orvalho  
    Dos valles no regaço.

Adeos! Adeos! Sorvendo a aragem fresca,  
Meu ginete relincha impaciente  
    E parece chamar-me...  
Transpondo em breve o cimo d'este monte,  
Um gesto ainda, e tudo é findo! O mundo  
    Depois póde esmagar-me.

Não te queixes de mim, não me crimines,  
Eu depuz a teus pés meus sonhos todos,  
    'Tudo o que era sentir!  
Os algozes da crença e dos affectos  
Em torno de um cadaver de ora em diante  
    Hãode embalde rugir.

Tu não mais ouvirás os doces versos  
Que nas varzeas viçosas eu compunha,  
    Ou junto das torrentes ;

Nem teus cabellos mais verás ornados,  
Como a pagan formosa, de grinaldas  
De flôres rescendentes.

Verás tão cedo ainda esvaecida  
A mais linda visão de teus desejos,  
Aos lategos da sorte!  
Mas eu terei de Tantalos o supplicio!  
Eu pedirei repouso de mãos postas,  
E será surda a morte!

Adeos! Adeos! Não chores, que essas lagrimas  
Coão-me ao coração incandescentes,  
Qual fundido metal!  
Duas vezes na vida não se as vertem!  
Enxuga-as, pois; si a dôr é necessaria,  
Cumpra-se a lei fatal!

## CONFORTO

Deixo aos mais homens a tarefa ingrata  
De maldizer teu nome desditoso ;  
    Por mim nunca o farei :  
Como a estrella no céu vejo tu'alma,  
E como a estrella que o volcão não tolda,  
    Pura sempre a encontrei.

Dos juizos mortaes toda a miseria  
Nos curtos passos de uma curta vida  
    Tambem, tambem soffri,  
Mas contente no mundo de mim mesmo,  
Menos grande que tu, porem mais forte,  
    Das calumnias me ri.

A turba vil de escandalos faminta,  
Que das dôres alheias se alimenta  
    E folga sobre o pó,  
Hade soltar um grito de triumpho,  
Si vir de leve te brilhar nos olhos  
    Uma lagrima só.

Oh ! não chores jamais! A sêde immunda,  
Prantos divinos, prantos de martyrio,  
    Não devem saciar.....

O orgulho é nobre quando a dôr o ampara,  
E si lagrima verte é funda e vasta,  
Tão vasta como o mar.

É duro de soffrer, eu sei, o escarneo  
Dos seres mais nojentos que se arrastão  
Ganindo sobre o chão,  
Mas a dôr magestosa que incendêa  
Dos eleitos a fronte, os vis deslumbra  
Com seu vivo clarão.

Curve-se o ente imbelle que, despido  
De crenças e firmeza, implora humilde  
O arrimo de um senhor,  
O espirito que ha visto a claridade  
Rejeita todo auxilio, rasga as sombras,  
Sublime em seu valor.

Deixa passar a douda caravana,  
Fica no teu retiro, dorme sem medo,  
Da consciencia á luz;  
Livres do mundo um dia nos veremos,  
Tem confiança em mim, conheço a senda  
Que ao repouso conduz.

## VISÕES DA NOITE

Passai, tristes phantasmas! O que é feito  
Das mulheres que amei, gentis e puras?  
Umas devorão negras amarguras,  
Repousão outras em marmoreo leito!

Outras no encalço de fatal proveito  
Buscão á noite as saturnaes escuras,  
Onde, empenhando as murchas formosuras,  
Ao demonio do ouro rendem preito!

Todas sem mais amor! sem mais paixões!  
Mais uma fibra tremula e sentida!  
Mais um leve calor nos corações!

Pallidas sombras de illusão perdida,  
Minh'alma está deserta de emoções,  
Passai, passai, não me poupeis a vida!

## O CANTO DOS SABIÁS

Serão de mortos anjinhos  
O cantar de errantes almas,  
Dos coqueirões fluorescentes  
A brincar nas verdes palmas,  
Estas notas maviosas  
Que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantão  
Nas mangueiras do pomar.

Serão os genios da tarde  
Que passam sobre as campinas,  
Cingido o collo de opalas  
E a cabeça de neblinas,  
E fogem, nas harpas de ouro  
Mansamente a dedilhar?

São os sabiás que cantão...  
Não vês o sol declinar?

Ou serão talvez as preces  
De algum sonhador proscripto,  
Que vagueia nos desertos,  
Alma cheia do infinito,  
Pedindo a Deos um consolo  
Que o mundo não póde dar?

São os sabiás que cantão...  
Como está sereno o mar!

Ou, quem sabe? as tristes sombras  
De quanto amei n'este mundo,  
Que se elevão lacrimosas  
De seu tumulto profundo,  
E vêm os psalmos da morte  
No meu desterro entoar?

São os sabiás que cantão...  
Não gostas de os escutar?

Serás tu, minha saudade?  
Tu, meu thesouro de amor?  
Tu que ás tormentas murchaste  
Da mocidade na flôr?  
Serás tu? Vem, sê bemvinda,  
Quero te ainda escutar!

São os sabiás que cantão  
Antes da noite baixar.

Mas ah! delirio insensato!  
Não és tu, sombra adorada!  
Não são canticos de anjinhos,  
Nem de phalange encantada,  
Passando sobre as campinas  
Nas harpas a dedilhar!

São os sabiás que cantão  
Nas mangueiras do pomar!



## O RESPLENDOR DO THRONO

Que vale a pompa e o resplendor do throno!  
Triste vaidade! O alvergue de um colono  
Mais encantos encerra e mais doçuras!  
De calma consciencia á sombra amiga  
Floresce o riso e o jubilo se abriga,  
Livre de enganos e visões escuras.

Quem não aspira da grandeza aos combros  
Tem segura a cabeça sobre os hombros,  
E a vereda conhece onde caminha;  
Dorme sem medo, acorda sem pezares,  
E vê, feliz, a prole junto aos lares  
Vigorosa estender-se como a vinha.

Sob os doces dos solios a mentira  
Boceja e o corpo sensual estira  
No tapete macio dos degrãos.....  
São sempre incertos do reinante os passos!  
Ame embora a verdade, occultos laços  
Prendem-o cego aos calculos dos mãos!

Oh! ditoso mil vezes o operario!  
Ama o trabalho, e o modico salario  
De prantos nem de sangue está manchado!  
Combates não planeja em vasta liça!

Nem das victimas ouve da injustiça  
A queixa amarga e o clamoroso brado !

Não desperta alta noite em sobresalto !  
Nem dos cuidados ao cruento assalto  
Sobre o ouro e o setim geme e delira !  
Qual manso arroio sobre a terra corre,  
E no meio dos seus tranquillo morre  
Como a nota de um canto em branda lyra !

Não invejeis as pompas das alturas !  
O raio deixa os valles e as planuras,  
A tempestade preza as serranias !....  
Quereis saber da magestade a gloria ?  
Lede nos regios tumulos a historia  
Dos soberanos de passados dias !

## EM VIAGEM

A vida nas cidades me enfastia,  
Enoja-me o tropel das multidões,  
O sopro do egoismo e do interesse  
Mata-me n'alma a flôr das illusões.

Mata-me n'alma a flôr das illusões  
Tanta mentira, tão fingido rir,  
E cheio e farto de tristeza e tédio  
Rejeito as glorias de fallaz porvir!

Rejeito as glorias de fallaz porvir,  
Galas e festas, o prazer talvez,  
E busco altivo as solidões profundas  
Que dormem quedas do Senhor aos pés.

Que dormem quedas do Senhor aos pés,  
Ao doce brilho dos clarões astraes,  
Ricas de gozos que não tem o mundo,  
Prodigas sempre de belleza e paz!

## SERENATA

Em teus travessos olhos,  
Mais lindos que as estrellas,  
Do espaço, ás furtadelas,  
Mirando o escuro mar,  
Em teu olhar tyrannico,  
Cheio de vivo fogo,  
Meu ser, minh' alma afogo  
De amor a suspirar.

Si teus encantos todos  
Eu fosse a enumerar!...

D'esses mimosos labios  
Que ao beija-flôr enganão,  
D'onde perpetuos manão  
Perfumes de enleiar,  
D'esses lascivos labios,  
Macios, purpurinos,  
Ouvindo os sons divinos,  
Me sinto desmaiar.

Si teus encantos todos  
Eu fosse a enumerar!....

Tuas madcixas virgens,  
Cheirosas, fluctuantes,

Teus seios palpitantes  
Da sêde do gozar,  
Tua cintura estreita,  
Teu pé subtil, conciso,  
Obumbrão-me o juízo,  
Apagão-me o pensar.

Si teus encantos todos  
Eu fosse a enumerar!...

Ai! quebra-me estes ferros  
Fataes que nos separão,  
Os doudos que os forjãõ  
Nãõ sabem, nãõ, amar.

Dá-me teu corpo e alma,  
E, á luz dá liberdade,  
Oh! minha divindade,  
Corramos a folgar.

Si teus encantos todos  
Eu fosse a enumerar!...

## A SOMBRA

Longe, longe das aguas marinhas,  
Sobre vastas campinas pousada,  
Sempre aos raios de um sol resplendente,  
Se ostentava risonha morada.

Nas planicies que a vista não vence  
Espalhadas pastavão cem rezes,  
Ora junto das fontes tranquillias,  
Escondidas no mato outras vezes...

Ao portão, de manhã, reunidas,  
Meio occultas no véo da neblina,  
O senhor esperar parecião  
Sempre amigo da luz matutina.

E, depois que seu vulto bondoso  
Da janella sorrindo as olhava,  
Se afastavão contentes, pulando  
Sobre a grama que o orvalho banhava.

Quando alem das montanhas o dia  
Apagava seu raio final,  
Acudindo do amo aos clamores  
Todo o gado se achava no val.

E em torno d'elle um circulo formando,  
Humildes e silentes,  
Cada qual por sua vez se adiantando,  
Vinhão lamber o sal que apresentavão  
As mãos benevolentes,  
As mãos benevolentes que adoravão.  
E o manso gado as fallas lhe entendia,  
E os tenros bezerrinhos  
Saltitavão trementes de alegria  
A seus meigos carinhos.....  
Talvez sondasse n'esses pobres brutos,  
Sob esses pellos rispídos, hirsutos,  
Um occulto clarão,  
Raio de encarcerada intelligencia,  
Que a douda, pobre e misera sciencia,  
Trucidando sem pena a criação,  
Procura sempre, mas procura em vão.

Passarão tempos, e o vaqueiro é morto...  
Da velha habitação só muros restão,  
E ás já despidas, murchas laranjeiras  
Espinheiros entestão.

Sobre montões de pedra as lagartixas  
Leves se arrastão sobre o musgo vil,  
Trahidoras vespas nos esteios podres  
Formarão seu covil.

O sol, que outr' ora derramava em torno  
Raios de luz, torrentes de alegria,  
Hoje atira do espaço ao lar deserto  
Um riso de ironia.

Não mais perfumes pelos ares gyrão,  
Não mais os ventos suspirando paixão,  
Sómente impuro odor, silvo de serpes  
No ambiente perpassão.

Parece que ao pairar n'esses lugares  
Todo o seu odio o estrago sacudira,  
E o espirito do mal no chão gretado  
A saliva cuspira.

Viajor, viajor, não te approximes  
Do ermo sitio que o terror marcou,  
A mão de Deos talvez ardendo em iras  
Pesada ali tocou.

Porem quando no occidente  
Vai baixando o orbe immortal,  
As rezes sempre constantes  
Se ajuntão todas no val.

E n'essa mesma paragem,  
Onde as chamava o senhor,  
Talvez do defunto á sombra  
Reunem-se ao derredor.

E magem, magem debalde,  
Tristonhas cavando o chão,  
Fitando doridos olhos  
No astro rei da amplidão.



Mas o sol não as escuta,  
Mas o sol cahindo vai,  
Imagem de um deos cruento,  
Cruenta imagem de pai.

E o caminheiro, que ao longe  
Das serras descendo vem,  
Não passa perto das ruinas,  
Procura outra senda alem.

## A DIVERSÃO

Escravo, enche essa taça,  
Enche-a depressa, e canta!  
Quero espancar a nuvem da desgraça  
Que além nos ares lutulenta passa,  
E meu genio quebranta.

Tenho n'alma a tormenta,  
Tormenta horrenda e fria!  
Debalde a douda conjural-a tenta,  
Luta, vacilla e tomba macilenta  
Nas vascas da agonia!

Pois bem, seja de vinho,  
No delirar insano,  
Que afogue minhas lagrimas mesquinho!...  
Então envolto em purpura e arminho  
Serei um soberano!

Cresce, transpõe as bordas  
De brilhante crystal,  
Torrente amada que o prazer acordas...  
Toma a guitarra, escravo! afina as cordas,  
E viva a saturnal!

Já corre-me nas veias  
Um sangue mais veloz...  
Anjos... inspirações... mundos de idéas,  
Sacudi-me da fronte as sombras feias  
D'este scismar atroz!

Que celestes bafagens!  
Que languidos perfumes!  
Que vaporosas, lucidas imagens  
Dansão vestidas de subtis roupagens  
Entre esplendidos lumes!

Tange mais brando ainda  
Esse mago instrumento !...  
Mais... ainda mais ! Que maravilha infinda !  
Que plaga immensa, luminosa e linda !  
Que de vozes no vento !

São as houris divinas  
Que junto a mim perpassão,  
Ou de Schiraz as virgens peregrinas,  
Que cingidas de rosas purpurinas  
Chorão Bulbul e paixão ?

Oh ! não, que não são ellas,  
Mas ai ! meus sonhos são !  
São do passado as vividas estrellas,  
Que á flux rebentão cada vez mais bellas,  
De mais puro clarão !

São meus prazeres ídos !  
Minha extincta esperança !

São... Mas que nota fere-me os ouvidos?  
Escravo estulto, abafa esses gemidos!  
Canta o riso e a bonança!

Canta a paz e a ventura,  
O mar e o céu azul !...  
Quero olvidar minha comedia escura,  
E a ledos sons as larvas da loucura  
Bater como Saul!

Leva-me ás densas mattas  
Onde viveu Celuta ;  
Faze-me um leito á margem das cascatas,  
Ou nas alfombras humidas e gratas  
De recondita gruta.

Assim... assim ! Fagueiras,  
Escuto já nos ares  
As vozes das donzellas prazenteiras,  
Que dansão rindo ao lume das fogueiras  
No centro dos palmares.

Mais vinho ! Oh ! philtro mago !  
Só tu pódes no mundo  
Mudar os gyros do destino vago,  
E fazer do martyrio um doce afago,  
De uma taça no fundo !

Oh ! patriarcha antigo !  
Oh ! bebedor feliz,

Do rôxo sumo da parreira, amigo!  
Teu nome invoco, abraço-me contigo,  
Vem, vem ser meu juiz!

Basta, servo, de cantos;  
Quero dormir, sonhar,  
Sinto do vinho os ultimos encantos...  
Molhão-me as faces amorosos prantos,  
Vou reviver e amar!

## A LENDA DO AMAZONAS

Quando vestido de brilhante purpura  
Surgia o sol no céu,  
Deixei a medo os magestosos pincares  
Onde habita o condor,  
E guardando do frio os seios tremulos  
Nas dobras do brial,  
Como errante cegonha ou pomba tímida,  
Às planícies voei.  
Em meus cabellos ciciavão, languídos,  
Os sopros da manhã,  
Clarões e nevoas, iriantes círculos,  
Gyravão-me ao redor...  
Mas sobre um leito de tecidos flácidos,  
Inclinada a sorrir,  
Deixava-me rolar aos doces canticos  
Dos genios do arrebol.  
Já perdendo de vista os Andes túrbidos  
Sobre rochas pousei.....  
Sobre rochas pousei... as virgens candidas,  
Louras filhas do ar,  
Trocárão-me do corpo a etherea tunica  
Por manto de crystal,  
Cantárão-me ao ouvido um hymno magico  
Que fallava de amor,  
Tão meigo e triste como a voz da America  
Em seu berço de luz.  
Cingirão-me a cabeça dos mais limpidos

Diamantes e rubins ;  
Das borboletas leves e translucidas  
Do verde Panamá  
Formarão-me subtil, brilhante sequito ;  
Aspergêrão-me os pés  
Do perfume das flôres mais balsamicas  
Das savanas sem fim,  
E, me apontando da floresta os dedalos  
Pejados de frescor,  
Derão-me abraços mil, ardentes osculos,  
E deixárão-me só.....  
E deixárão-me só ; — nos vastos ambitos  
Sem rumo, me perdi,  
Meus olhos inundárão-se de lagrimas,  
Quiz aos montes voltar...  
Mas o threno saudoso dos espiritos  
A minh'alma fallou,  
E ao grato accento d'essas queixas mysticas  
De novo me alentei.  
Desci das brenhas pensativa, attonita,  
Olhos fitos além ;  
Meu manto sobre a rocha um surdo estrepito  
Desprendia ao roçar...  
E meus cabellos borrifados, humidos  
De sereno estival,  
Salpicavão, ao sol, de infindas perolas  
O desnudado chão.  
Os velhos cedros com seus ramos asperos  
Saudárão-me ao passar,  
Os cantores das mattas, em myriades,  
Os coqueiraes senis  
Bradárão n'uma voz : — Oh ! filha esplendida  
Da eterna criação,  
Corre, que ao lado do soberbo thalamo  
Por ti suspira o mar !.....  
Ao meio dia, extenuada, morbida

Pelo intenso calor,  
De um mundo ignoto sob a immensa cupula  
Solitaria me achei.  
Argenteas fontes, sonorosos zephyros,  
Rumores divinaes,  
Grutas de sombra e de frescura próvidas,  
Multicôres docéis,  
A cujo abrigo um turbilhão de passaros  
Cruzava-se a trinar,  
Um não sei que de vago e melancolico,  
De infinito talvez,  
Accendêrão-me ao seio a chamma insolita  
De estranha sensação !  
Sentei-me ao lado de um rochedo concavo  
E procurei dormir.....  
E procurei dormir ; — as plagas tumidas,  
O indizível amor  
Que transudava dos susurros epicos  
Dos sombrios pinhaes,  
Em cujas grimpas ramalhavão seculos,  
Dormia a tradição ;  
Da rôla do deserto as flebeis supplicas,  
A tenue, frouxa luz  
Coando entre os rasgados espiraculos  
D'esse zimborio audaz  
Por mil columnas desmarcadas, rispidas,  
Sustentado ante o céo,  
Vedárão-me o repouso, e a mente extatica.  
Em santa reflexão  
Senti volver-se as scenas de outras épocas.  
Ah ! que tudo passou !  
Como o sol era bello e a terra lucida !  
Como era doce a paz  
Da familia indiana em noite placida  
Junto ao fogo a dansar !  
Como era calmo e bello e vivo o jubilo



Das filhas de Tupan  
Depondo junto ao fogo os anchos cantaros,  
E atrás dos colibris  
Correndo alegres nos relvosos paramos!  
E a voz do pescador  
Sobre as aguas plangentes e diaphanas  
De ameno ribeirão...  
E o rapido silvar das settas rapidas,  
Os urros do jaguar...  
A volta da caçada, os hymnos fervidos  
Nos festins annuaes...  
Tudo findou-se! A mão cruel, mortifera,  
De uma idade feroz  
Tantas glorias varreu, e nem um distico  
Deixou no chão siquer!  
Apenas no deserto ermos sarcophagos  
Sem mais cinzas, nem pó,  
Negras imagens de figuras hybridas,  
Soltas aqui e alli,  
Resistem do destino ao rijo latego!...  
Mas das éras de então  
Nada revelão no silencio gelido!.....  
Meu Deos e meu Senhor!  
Eu que vi construir-se o immenso portico  
Do edificio immortal,  
D'onde ao vivo luzir dos astros fulgidos  
Todo o ser rebentou,  
Eu que pelas planicies inda calidas  
De vosso bafejar,  
Vi deslizar o Tigre, o Euphrates celebre,  
O sagrado Jordão...  
Eu sem nome, sem glorias e sem patria,  
Entre os densos cocaes,  
Ia, bem como as gerações sem numero,  
Absorta escutar  
Dos santos cherubins a voz melodica!...

Eu que pobre e sem guia,  
Pobre e sem guia nos desertos aridos,  
Teu poder, grande Deos,  
Presentia no ar, no céo, nos atomos...  
Vi tambem sob o sol  
Afogarem-se os orbes no crepusculo  
De uma noite fatal,  
E á lareira da vida erguer-se impavido  
O nada aterrador !  
Vi n'um combate pavoroso e tetrico,  
Torva, escura epopéa,  
O phantasma do estrago, a morte esqualida  
Vencer a criação,  
Devorar-lhe sem pena as quentes visceras,  
Dilacerar sem dó  
Da madre natureza as fibras intimas !  
Vi, á luz dos fuzis,  
Do abutre da tormenta á insana colera  
A floresta cahir ;  
Vi negras feras e serpentes perfidas,  
Demonios de furor,  
Alastrarem a terra de cadaveres  
De pobres animaes ;  
E d'este solo de immundicias lubrico,  
Tambem vi se elevar  
A propria vida de destroços putridos !...  
Meu Deos e meu Senhor,  
O que diz esta lei crua e fatidica ?...  
Sobre o valle da dôr,  
Sobre o valle da dôr mirando as nuvens,  
Scismando no porvir,  
Eu tambem moça sinto-me decrepita !  
Vê-me a aurora nascer,  
Mas ouve a noite meus cantares funebres !  
A alvorada outra vez  
Das cinzas de meus restos inda tepidas

Rediviva me vê!...

Eu murmurava assim triste e perplexa

Cortando a solidão...

As estrellas surgião bellas, nitidas

No ceo de puro anil,

O bando vagabundo das luciolas

Rastejando os paues

Derramavão clarões debeis e fatuos

Nas plantas ao redor,

Linguas de fogo verde-azul phosphorico

Cruzavão-se no ar...

A terra e os astros n'um sorrir reciproco

Parecião se unir,

Uma para beijar o azul sidereo,

Outros para verter

No seio que soffre um doce balsamo.

A branca lua

Pura se erguia na celeste abobada,

Tudo era paz e amor,

Vozes e saudações, hymnos angelicos!

Um tenue, langue véo

Senti passar-me pelos olhos avidos ;

Um perfume feliz

Ungio-me a fronte de venturas ebria,

Pensei adormecer!

Mas ah! quando de novo abri as palpebras,

Reclinado a meus pés,

Coroado de espuma e chammas vividas,

Prostrado estava o Mar.

Como a noite era bella e a terra lucida !

## ESTANCIAS

O que eu adoro em ti não são teus olhos,  
Teus lindos olhos cheios de mysterio,  
Por cujo brilho os homens deixariam  
Da terra inteira o mais soberbo imperio.

O que eu adoro em ti não são teus labios,  
Onde perpetua juventude mora,  
E encerrão mais perfumes do que os valles  
Por entre as pompas festivaes d'aurora.

O que eu adoro em ti não é teu rosto  
Perante o qual o marmor descorára,  
E ao contemplar a esplendida harmonia  
Phidias, o mestre, seu cinzel quebrára.

O que eu adoro em ti não é teu collo,  
Mais bello que o da esposa israelita,  
Torre de graças, encantado asylo,  
Aonde o genio das paixões habita.

O que eu adoro em ti não são teus seios,  
Alvas pombinhas que dormindo gemem,  
E do indiscreto vôo d'uma abelha  
Cheias de medo em seu abrigo tremem.

O que eu adoro em ti, ouve, é tu' alma,  
Pura como o sorrir de uma criança,  
Alheia ao mundo, alheia aos preconceitos,  
Rica de crenças, rica de esperança.

São as palvaras de bondade infinda  
Que sabes murmurar aos que padecem,  
Os carinhos ingenuos de teus olhos  
Onde celestes gozos transparecem!...

Um não sei que de grande, immaculado,  
Que faz-me estremecer quando tu fallas,  
E eleva-me o pensar além dos mundos  
Quando, abaixando as palpebras, te calas.

E por isso em meus sonhos sempre vi-te  
Entre nuvens de incenso em aras santas,  
E das turbas sollicitas no meio  
Tambem constricto hei te beijado as plantas.

E como és linda assim! Chammas divinas  
Cercão-te as faces placidas e bellas,  
Um longo manto pende-te dos hombros  
Salpicado de nitidas estrellas!

Na douda pyra de um amor terrestre  
Pensei sagrar-te o coração demente...  
Mas ao mirar-te deslumbrou-me o raio...  
Tinhas nos olhos o perdão sómente!

## QUADRINHAS

Quando a fronte descorada  
Pende o poeta a scismar,  
Murmura o vulgo insensato :  
— Eil-o mundos a forjar.

Eil-o errando entre as estrellas,  
Roubando os raios ao sol,  
Beijando as fadas que dansão  
Sobre magico arrebol.

Pobre vulgo! Que destino  
Dos dous é mais bello e puro,  
Sonhar á luz das espheras  
Ou dormir no vicio escuro?

Adorar o ser dos seres  
Sobre as aras do ideal ;  
Ou beijar as frias plantas  
De uma estatua de metal?

Dizer : — é curta esta vida,  
Floco de espuma fallaz,  
Quero erguer minha alma aos astros,  
Deixarei a terra aos mais...

Ou murmurar aterrado  
Perante a suprema lei :  
— Porque tenho de apartar-me  
Da lama que tanto amei?...

Por mim, oh! deixa-me sempre  
Nos meus sonhos adorados,  
Mais brilhantes que o prestigio  
Dos crimes condecorados...

Embora a prole de Midas  
E os levitas da mentira  
Desprezem-me, vis! que importa?  
Não tenho acaso uma lyra?....

Errarei entre as estrellas,  
Por Deos, que mais bellas são  
Do que os silvos da calumnia,  
Do que a voz da adulação...

Do que as alcovas do vicio,  
Sinistro, infernal painel,  
De infelizes que solução  
Vertendo prantos de fel!...

Oh! selvas de minha terra!  
Oh! meu céu de azul setim!  
Regatos de argenteas ondas!  
Verdes campinas sem fim!

Morenas virgens dos montes,  
Anjos de graças e amor,

Que rejeitais mil diamantes  
Por uma cheirosa flôr!

Que entre risos feiticeiros  
Contemplais vossa belleza,  
Á sombra dos ingázeiros,  
No espelho da correnteza!

Não vos tenho? que me importão  
Glorias de cinza e de pó,  
E entre as turbas que vozeião  
Viver desprezado e só?

Quero correr os desertos,  
Devassar as cordilheiras,  
Matar a sêde e o cansaço  
Nas aguas das cachoeiras.

Quero ao descer as montanhas,  
Á luz que o luar espalha,  
Ouvir no valle a viola  
Soar na choça de palha.

Ver descer os lavradores  
Pelas encostas dos montes,  
Emquanto lindas, faceiras,  
Voltão as filhas das fontes...

E cantão trovas alegres,  
E folgão pelo caminho,



No ar bebendo offegantes  
O aroma do rosmaninho...

Quero nos ranchos, á noite,  
Á claridão das fogueiras,  
Ouvir contar os tropeiros  
Historias aventureiras.

Quero paz, quero harmonias,  
Liberdade, inspiração,  
Que a poeira das cidades  
Me atrophia o coração.

E, quando o gelo da morte  
Sobre meus olhos baixar,  
Deixem-me á sombra d'um cedro  
Junto ás selvas repousar.

## O GENERAL JAUERZ

Triste o dom da linguagem!... Que eu não possa  
Fundir meu pensamento  
Em duro bronze ou marmore alvejante!  
Vasar uma por uma  
As sensações que fervem-me no peito  
Aos olhares do mundo!  
Arrebatat ás lucidas espheras  
A celeste harmonia!  
Roubar á madrugada as aureas pompas!  
Arrancar aos desertos  
A mais audaz hyperbole que encerrão  
Seus poemas gigantes!.....

Juarez! Juarez! sempre teu nome  
Da liberdade ao lado!  
Sempre teus brados ao passar dos ventos!  
Sempre a lembrança tua  
A cada marulhar de humanas vagas!  
Em que fonte sagrada  
Bebeste esse valor e essa firmeza  
Que os revezes não quebrão?  
Acaso viste, appareceu-te acaso  
O espirito dos livres  
Nos comoros de neve immaculada  
Das patrias cordilheiras?  
Escutaste-lhe a voz? Viste-lhe o rosto?

Osculaste-lhe as plantas ?  
Tocaste-lhe os vestidos resplendentes ?...  
Assim devêra-o ser :  
Junto dos céos, nas vastas assomadas  
Cingidas de neblinas,  
Ouvindo o eterno estrepito dos mares  
Conheceste a ti mesmo.  
Alto, mais alto que esses altos pincaros,  
Soletraste teu fado  
No pavilhão sem fim que abriga os orbes,  
E na luz te sagraste !  
Mediste a exigua estancia da existencia,  
Viste que teu destino  
Não era semelhante aos dos mais homens  
Que nascem na mentira,  
Crescem á sombra de interesses torpes,  
Cevão-se de vaidades,  
Furtão-se ao pharo augusto do futuro,  
E após ligeiro prazo  
De loucas ambições, de vícios negros,  
Legão á mõi commum  
Um punhado de cinza e de miserias,  
Inuteis té na tumba !

Ah ! si entre os filhos d'este ingrato tempo  
Póde algum reclamar  
De heróe o nome, o nome de escolhido...  
Não, não será de certo  
O cruento levita do exterminio  
Que as planicies ensopa  
No sangue negro de milhões de victimas !  
Nem o torvo embusteiro  
Que sentindo a corôa mal segura  
Abalar-se na frente,

O tino perde, e corre devastando  
Tudo quanto o circumda.

E nem tão pouco o estolido occupante  
De um apparente solio,  
Onde reluz a mica em vez do ouro,  
E ganem os mastins  
Sobre os degrãos molhados de saliva.  
Porém tu, Juarez,  
Tu e a sublime pleiade de eleitos  
Que na historia dos povos  
Sobre montões de algemas, triumphantes,  
Abrem aos seus os braços,  
E em vez de diadema a fronte cingem  
De ramos de oliveira.

Quão enganada marcha a tyrannia !  
Quão cego o despotismo  
Paira e volteia n'estas virgens plagas !  
Ha no seio da America  
Um mundo novo a descobrir-se ainda :  
Senhores de além-mar,  
Quereis saber onde esse mundo existe ?  
Quereis saber seu nome ?  
Sondai o peito á raça americana,  
E n'esse mar sem fundo,  
Inda aquecido pelo sol primeiro,  
Vereis a liberdade !

Tu a encaraste, Juarez, de perto !  
No mais fundo das mattas,  
Onde a mãe natureza te mostrava  
Um codigo mais puro

Do que os preceitos da infernal sciencia  
Cujas lettras malditas  
Queimão do pergaminho a lisa face,  
Aprendeste o segredo  
Que desde a hora prima do universo  
As torrentes murmurão !  
E contemplando o ermo, o céu, as aguas,  
Choraste por ser homem !

Mas dos volcões sorvendo o fumo espesso,  
Transpondo os areaes,  
Buscando asylo nas florestas amplas,  
Arrostando as tormentas  
Entre um pugilo de guerreiros bravos,  
Pejaste de legendas  
Todo o deserto que teus pés tocárão !  
E as solidões sorrião,  
Os abutres sahião de seus antros,  
As turbas dos selvagens  
Vinhão surpresas se postar nos montes  
Para ver-te passar !

O espirito de um povo nunca morre :  
Não, não forão os homens  
Que, sobre o globo prolongando a vista,  
Regiões escolhêrão,  
E formárão nações, usos e crenças ;  
Não, uma occulta lei  
Disse: — ao Arabe as terras arenosas,  
Aos Germanos a neve ;  
Aqui o fogo, a luz... alli neblinas ;  
N'esta calmos pastores,  
Alli fortes guerreiros ; sonhos, crenças,  
Lhes servem de defesa.

A idéa cresce, avulta ou se concentra ;  
A indole se expande,  
Ou no amago d'alma ruge oppressa.  
Prometheo sobre o Caucaso  
Tem por medida de seu nobre orgulho  
O figado sangrento  
Que o passaro roaz lacera embalde.  
Encelado dormita,  
Mas ao mover-se no abrasado leito  
Derrama sobre a terra  
Uma golphada de betume escuro  
E chammas devorantes.

De teu povo adorado a occulta chaga  
Tu a tocaste, heróe !.....  
Quando ao ninho do passaro soberbo  
Que as alturas devassa  
Baixa e repousa o corvo deslavado,  
E os condores implumes  
Pião de medo á sombra do inimigo,  
Tambem no azul dos céos  
Solta um grito de raiva, as azas bate  
E veloz como o raio  
Hirto se arroja o principe das aves  
Ao abrigo invadido.

Como imperfeito esboço em tela impropria,  
Como pallida rima  
Sobre confuso, insipido poema,  
A gloria de uma raça  
Ninguem póde apagar no vasto livro  
Que pertence ao porvir.  
Embora a escravidão, guerras, flagicios  
O brilho lhe escureção,

Não morre uma nação, nem se aliena !  
Antes no espaço  
Mais facilmente um mundo se dissolve,  
E torna-se em poeira !

Sombras illustres dos guerreiros mortos  
Na quadra lutulenta  
Em que a patria limava os duros ferros  
Das hispanas cadeias,  
Erguei-vos n'esses campos celebrados  
Onde os tenues arbustos  
Nas noites calmas relatar parecem  
Vossos feitos sublimes ;  
Vinde, a patria vos chama, a patria chora,  
A patria vos invoca,  
A patria mira Juarez, afflicta,  
Soluça e pensa em vós !

Bravos da liberdade mexicana !  
Invicto general !  
Olhai, olhai, não vedes a victoria ?.....  
Não, ao tronco gigante,  
Gloria das selvas, marco das idades ;  
Não deixeis que se enlace  
A parasita vil, e a seiva beba,  
E sobre seu cadaver  
Cheia de vida eleve-se nos ares !  
Não deixeis que a serpente  
Sobre o jaguar enrole-se esfaimada,  
E espedace-lhe os ossos !

Mortal mais do que um genio ! si entre os brados  
De teus fortes guerreiros,

Si entre os applausos de teu povo grato  
Escutares de longe  
Os pobres cantos d'um poeta obscuro,  
Ah! perdôa-lhe o arrojo!  
Cegou-lhe o resplendor da liberdade,  
Sonhou irmãs e unidas  
Todas as raças das columbias terras!  
Cantou, aceita o canto,  
Aceita-o; no alcaçar dos potentadas  
Jámais alguém o ouviu!



## A FILHA DAS MONTANHAS

(ELEGIA)

Esta viveu no meio das montanhas :  
Foi seu passar um vôo de andorinha  
Á flôr de lago azul, seus verdes annos  
    Contárão-se por flôres...  
Desconheceu as sedas e os velludos,  
Finas alfaias, peregrinas joias...  
Talvez pensando no clarão dos astros  
    Zombasse dos diamantes!...  
O coração pollue-se nas cidades :  
Podem ser bons os homens isolados,  
Mas si o nó social n'um corpo os liga,  
    Meu Deos! tornão-se atrozes!  
Dobrão á lei o collo, e astutos tração,  
Mesmo aos olhos da lei, planos do inferno ;  
Peste moral de rapido contagio  
    Devora-lhes as visceras!  
Fazem da negra intriga uma sciencia,  
Sabem mentir á sombra da verdade ;  
E entre palavras de virtude incensão  
    O demo da calunnia!...  
Feliz a virgem que repousa agora!  
Feliz mil vezes, não pisou nas praças!  
Misera flôr, o halito das turbas  
    A teria queimado!...

Inda florescem, vede, os jasmineiros,  
Inda as rosas se embalão junto á choça  
Onde na sombra a triste mãe chorosa  
Soluça amargamente!

As trepadeiras curvão-se á janella,  
Gemem no tecto os pombos amorosos,  
Suspenso á porta na prisão gorgeia  
O sabiá das serras.

Tudo isto ella adorava, e ella não vive!  
E ella passou ligeira como a nevoa  
Que o vento da manhã varre do outeiro,  
E dissipa nos ares!

Tudo isto ella adorava! Ao sol poente,  
Leda e risonha, coroada a fronte  
De rubras maravilhas, leve, airoso,  
Vinha regar as flôres;

E em meio erguida a barra do vestido,  
Saltava como a corça, ora amparando  
A hastea pendida de viçosa dahlia,  
Outras vezes solicita

Bravias plantas arrancando em torno  
Dos pequenos craveiros, ou tranquilla  
Comtemplando os botões que se entre-abrião  
À frescura da tarde.

E que sentidos cantos que cantava!  
Que ingenuos versos! Que singelas rimas!  
Tudo era amor, saudades, esperança,  
Ventura e mocidade!

Depois a seu chamado as aves meigas  
Vinhão em bando lhe brincar em torno,  
Ora pousando nos bem feitos hombros,  
Ora nas mãos mimosas,  
Colhendo os alvos grãos que lhes guardava  
Sua innocente amiga, ora escondendo  
As cabecinhas languidas nas ondas  
De seu basto cabello!

Pobres filhos do ar! Ella está morta!  
Ella está morta a virgem das montanhas!  
Chorai, chorai, os genios de além-mundo  
Levarão-a comsigo!

Olhai! Seu rosto como é bello ainda!  
Que suave expressão nos labios calmos!  
Longe de amedrontar-se, ao ver a morte  
Parece que sorrira!

Alli junto á palmeira está seu leito,  
Sem adornos, sem pompa e sem grandeza;  
A virgem dormirá livre do fardo

De um marmore pesado,  
A virgem dormirá sem o zumbido  
De torpes vates, de oradores torpes;  
Poderá descansada ouvir os canticos

Dos anjos pelo espaço!  
No silencio da noite as nuvens brancas  
Descerão sobre a leiva consagrada;  
O orvalho das manhãs será tão doce  
Como o pranto fraterno.

Feliz a virgem morta nas montanhas!  
No ermo despertou, dorme no ermo!  
O halito empestado das cidades  
Não maculou-lhe a vida!

Como a limpida gotta que dos ares  
Cahe no seio da flôr e aos ares volta,  
Sua alma pura em santa luz banhada  
Volveu para o infinito.

## O FILHO DE S. ANTONIO

(CANÇÃO DE UM DEVOTO)

Bem sei, criança estouvada,  
Que por artes do demonio,  
Furtaste, a noite passada,  
O filho de Santo Antonio!

E sem medo, sem piedade,  
Cheia de um impio alvoroço,  
O mimo do pobre frade  
Correste a esconder no poço!

Arrepende-te, Chiquinha,  
Vida minha,  
Minha linda tentação!  
A divindade perdôa,  
Terna e bôa,  
Os erros do coração.

Ah! que fizeste, insensata?  
Demo gentil, que fizeste?  
Por causa de um'alma ingrata  
Tu' alma pura perdeste!

Tira depressa a criança  
Do frio asylo onde está,  
— Tem nos santos esperança,  
Que teu amor voltará.

Ainda é tempo, Chiquinha,  
Rôla minha,  
Minha rosada illusão!  
A divindade perdôa,  
Terna e bôa,  
Os erros do coração.

Accende uma vela benta  
Junto ao santo que offendeste,  
Lançando a mão violenta  
Contra o pirralho celeste.

Leva-lhe linda toalha  
Cheia de finos bordados,  
Talvez a offerta te valha  
O olvido de teus peccados.

Não te demores, Chiquinha,  
Trigueirinha,  
Que tens por sceptro a paixão!  
A divindade perdôa,  
Terna e bôa,  
Os erros do coração.

E quando alcançado houveres  
A remissão, minha vida,  
Mais formosa entre as mulheres,  
Vem, mimosa arrependida,

Vem que o santo receioso  
De novo furto, quiçá,  
Velará por teu repouso,  
Nosso amor protegerá!...

Não percas tempo, Chiquinha!  
Gloria minha!  
Minha dourada visão!...  
A divindade perdôa,  
Terna e bôa,  
Os erros do coração.

## AS LETTRAS

Na tenue casca de verde arbusto  
    Gravei teu nome, depois parti;  
Forão-se os annos, forão-se os mezes,  
    Forão-se os dias, acho-me aqui.  
Mas ai! o arbusto se fez tão alto,  
    Teu nome erguendo, que mais não vi!  
E n'essas lettras que aos céos subião  
    Meus bellos sonhos de amor perdi.

## O ARREPEDIMENTO

Tens razão : já, soberana,  
Viste-me curvo a teus pés!  
Alma que do mal se ufana,  
Tarde conheço quem és!  
Mas a imagem que eu buscava,  
Por quem meu ser suspirava...  
Nem presentiste siquer,  
Quando uma fada invocando  
Me vergava soluçando,  
Prestava culto á mulher.

Tens razão, por grata estrella  
Tomei teu brilho fallaz,  
Sinistra luz da procella,  
Cirio das horas fataes !  
Segui-te através de enganos,  
Cheio de sonhos insanos,  
Cheio de amor e de afan!  
Sombra de archanjo cahido!  
Busto inda quente, incendiado  
Pelos beijos de Satan!

Na fronte côr de açucena  
Tinhas brilho seductor,  
Mas eras qual essa flôr,  
Cujo perfume envenena!



Tinhas nos olhos brilhantes  
Os reflexos cambiantes  
De uma aurora de verão,  
Mas como a charneca escura  
Só podridão, lama impura,  
Guardavas no coração!

Na negra esteira dos vícios  
Que os decahidos formárão,  
Teus funestos artificios  
Illudido me arrojárão!  
Amei-te : amar foi perder-me!  
Foi beijar da terra o verme,  
Crendo-o Deos da vastidão...  
Em vez do sol que buscava,  
Louco afoguei-me na lava  
De medonho, atroz volcão!

Da vida estraguei por ti  
Das quadras a mais risonha;  
Mas hoje sinto a peçonha  
Que nos teus labios bebi!  
Em meio de minha idade  
Tenho n'alma a soledade,  
Na frente o gelo eternal;  
Sinto a morte nas arterias,  
E ao medir minhas miserias  
Me orgulho de ser mortal!

## ACUSMATA

(FRAGMENTO)

POETA.

Como se arrasta lentamente o tempo!  
Como tarda o repouso! Como pesa  
Sobre a livida fronte do poeta  
Esta bronzea cadeia de agonias  
Que chamamos a vida! Este motejo  
Lancinante da sorte que resume,  
Contradictoria, atroz, inexoravel,  
Em dias contingentes de existencia,  
A eternidade de um soffrer sem nome!

Meia noite! Hora funebre e tremenda!  
Ferreo vibrar de rispido martello  
Que os demonios acorda, e as larvas ergue  
Nos dormitorios humidos da morte.  
Lugar commun dos bardos da descrença!  
Momento de terror, risos, facecias,  
Remorsos e pezar! Instante augusto  
Em que Ella desce muita vez das nuvens  
E vem sentar-se de meu leito á borda!

Quero chorar. Mas não, não, que meus olhos  
Têm pudor, não chorão! E comtudo  
Sinto-os n'um mar de lagrimas perdidos!  
Sinto que o pranto sobe-me do seio!  
Sinto que o pranto desce-me do cerebro!  
Sinto que o pranto escalda-me as retinas!  
Sinto que fui feliz, e n'essa quadra  
Nem tristezas cantei, nem amarguras,  
Mas Deos, a vida, a mocidade e a gloria!

Detesto a escola funebre, e mentida  
De gordos desditosos que padecem  
Os revezes da sorte em lauta mesa;  
Detesto os cantos scepticos, descrentes,  
De rosados athêos, sabios ephemeros,  
Impios provocadores da desgraça:  
Detesto-os, porque soffro, e soffro muito,  
Porque supporto um peso de miserias,  
Tão grande que roxeia-me as espaldas!

Da natureza ás multiplas facetas  
Tenho um plano pedido, onde, traçada  
Veja nova existencia; ao bello, á arte,  
Mesma supplica hei feito; ao movimento,  
Aos labores mais duros, aos trabalhos  
Mais asperos da vida, hei mendigado  
Uma nuvem de paz, um véo de olvido!  
E tudo é mudo! O que me resta agora?  
O socego da morte, a cinza, o nada!...

Morrer... cair... mudar... deixar o asylo  
De uma prisão de carne e de miserias

Por um mundo ignoto! Aos ventos soltos  
Desprender os andrajos derradeiros  
De uma sordida veste, e desnudado  
Tiritar nos desertos do invisível!  
Arrancar da esperança o último broto!  
Deixar a própria dôr que obstinada  
Ha temido a razão milhões de vezes!

E no entanto eu tenho a noite n'alma!  
E o descampado horrendo, esteril, vasto,  
Ha succedido ao genio que accendia  
As fibras de meu craneo!... Si comtudo  
Uma restia de luz brilhasse ao menos!  
Si uma voz me fallasse! Si uma gotta,  
Das lagrimas que vertes por meu fado,  
Anjo de piedade e de candura,  
Me tombasso no seio, então quem sabe!?!..

Mentira! tudo é quedo, immovel, frio!  
O vento passa, os espinheiros gemem  
Torcendo os galhos seccos, dir-se-hia  
Que ameação as nuvens! Bem, morramos!  
Tem bellezas o pó, sonhos a tumba,  
E a morte que os estultos amedronta  
Brota a meus olhos pensativa e meiga,  
Coroadada de flôres mais formosas  
Que as tristes rosas dos jardins dos homens!

VOZES NO ESPAÇO.

Somos a idéa, o sentimento, a essencia  
Da criação inteira; a intima nota .

De quanto brilha, corre, canta e chora;  
Somos o fluido eterno, que circula,  
Envolve o globo, os seres, e penetra-os  
De um infinito amor; somos a cithara  
Onde o sopro de Deos roça inflammado  
E sacode no espaço a paz aos homens  
N'um turbilhão de notas amorosas.

POETA.

Quem o sentido revelar pudera  
D'esse rumor confuso, immenso e vago,  
Que se eleva da terra, semelhante  
Ao resonar dos genios adormidos?  
É o prazer que falla ou a tristeza?  
Reflecte, sente o globo, ou condemnado  
A cruento penar, delira e geme,  
E se desfaz em pragas horrorosas?  
Ah! mysterio tremendo! Ah! fundo arcano!

AS ARVORES.

Porque te affliges, misero poeta?  
Não nos conheces mais? Olha, contempla;  
E n'estes troncos asperos, nodosos,  
Verás feições amigas. N'esta queixa  
Que de nossas folhagens se desprende  
Escutarás de novo o meigo timbre  
De teus socios de infancia. N'esta sombra  
Que alongamos do chão, verás o leito,  
Onde, tantos momentos, repousaste.

Ah! eras bello n'esse tempo! A aurora  
Tinha-te posto toda a luz nos olhos!  
Quando passavas, teu caminho ledo  
De frescura e de folhas alfombravamos!...  
E tu partiste, ingrato, e tu partiste!  
E trocaste o socego do deserto  
Pelo fulgor das salas dos palacios!  
Pelos fingidos risos da mentira!  
Pela voragem negra onde soluças!

AS FLORES.

Somos dos astros amorosas noivas,  
Cada noite uma estrella nos envolve  
Na teia luminosa, e nos transporta  
A seu fulgido leito. Á madrugada  
Fugimos de seus braços, e medrosas  
Cahimos sobre os campos. Nossos seios  
Trazem ainda o aroma dos cabellos  
Dos celestes esposos; nossas faces  
Estão rubras ainda de seus beijos.

Androginas do ether, a desgraça  
Nos dividio nos primitivos tempos:  
Uma parte fulgura entre as estrellas,  
Outra desceu á terra, e suspirosa,  
Cada noite meneia a debil fronte,  
Mirando o firmamento. Um doce pranto,  
Um pranto repassado de saudades,  
Vem nos banhar o avelludado collo.  
Que divina volupia n'essas lagrimas!

Poeta, a trepadeira solitaria  
Que se enrosca lasciva ao duro tronco

Do cedro secular; a flôr guardada,  
Entre os galhos do ipé, nas grossas folhas  
De alpestre parasita; a molle acacia;  
O manacá cheiroso que se ostenta  
Á beira d'agua, pensativo e triste;  
Os festões do ingazeiro e as açucenas,  
Todas te amavão, te adoravão todas!

Nunca fomos ciosas! Muitas vezes,  
Brutal, nos trucidaste sem piedade  
Para adornar as frentes suarentas  
De grosseiras amantes! Muitas vezes,  
Distrahido vagando, nos pisaste,  
Como torpe animal! Porem que importa!...  
Si outras vezes choravas debruçado  
Beijando-nos o seio? Si outras vezes  
Tinhas tanta poesia a repetir-nos?

Ai! um dia esperamos-te debalde!  
Tinhas partido, ingrato! Abandonaste  
Nossa belleza candida e modesta  
Por essas sombras doentias, pallidas,  
Que entre os lustres do baile se evaporão!  
Por essas mumias sensuaes que pejão  
As alcovas de sordidas pocilgas!  
Pela morte encoberta e mascarada!  
Pela lepra insanavel de tua alma!

Si tivesses ficado, oh! cada noite  
Uma de nós se erguêra embalsamada  
Para as lendas contar de nosso reino!  
Não o quizeste, doudo, agora é tarde;  
E, si ainda voltasses, a amargura

Nos faria murchar, cahir sem vida,  
A fim que o viandante nos tomasse  
Para tecer a c'roa derradeira,  
A c'roa derradeira que te resta!

O RIO.

Sobre dourada areia desenrolo,  
Soberano do val, meu regio manto;  
Os passarinhos namorados cantão  
Nas figueiras bravias; chora o vento  
Nos densos taquaraes... Mas ah! poeta,  
Não mais te vejo, nem te escuto ao menos  
Da loura Grecia as nayades chamando!  
Nem a meus flancos murmurando idyllios!  
Nem sobre as aguas a guiar teu barco!

Que fizeste, infeliz! Genio bemdito,  
Eu te devêra encaminhar no mundo!  
Quando, á tepida luz de amenas tardes,  
Cantavas, sobre as rochas inclinado,  
Quantas promessas te não fiz! Que planos  
Desvendei a teus olhos scintillantes!  
Eu que te vi nascer e que te amava  
Como a rola ao deserto, á flôr a abelha,  
E os pintasilgos aos vergeis floridos!

E desprezaste a virgem que eu fadei-te,  
Pura, mais pura que as estrellas todas!  
Cortaste o fio do dourado drama  
Que, no silencio mystico das noites,  
Pensando em ti, tracei, esmando o espaço



De um brilhante porvir! Lyrios e rosas,  
Tudo pisaste no delirio insolito  
De uma febre insensata! Desditoso!  
O que te resta agora? O que te resta?

A ESTRELLA VESPER.

Tudo repousa, as folhas da centaurea  
Tremem de frio á beira do caminho,  
Dobráo-se os juncos nas lagôas negras,  
E os vagalumes do deserto pasmão  
Á mansa luz que entorno sobre os campos.  
Porque não vens inspirações pedir-me,  
Sonhador de outras éras? Porventura  
Meu suave clarão não é tão bello  
Como ao começo de teus verdes annos?

N'UMA CHOÇA DE PALHA.

Escutai os harpejos da viola,  
São mais sentidos que o soprar do vento  
Beijando a medo os arrozaes viçosos;  
Prestai ouvido á voz do sertanejo,  
Que ella falla de amor, e a patativa  
Nunca nos matagaes gemeu tão triste!  
Filhas da serrania e das campinas,  
Adornai-vos de rubras maravilhas,  
Viñde, que a noite avança e o céo desmaia!

ESPIRITOS NA ATMOSPHERA.

Sacudi o sudario, errantes sombras,  
Roseos espectros, lemures da infancia,

Phantasmas louros de illusões perdidas!  
Dansai, cantai nos planos luminosos  
Que o iris cerca de brilhantes côres!  
Chamai as fadas, e as ondinas leves,  
Despertai nos palacios encantados  
As princezas que dormem por cem annos!  
Vinde fazer a orgia da saudade!

POETA.

Oh! si não fosse um sonho! Si das trevas  
Do sombrio passado inda pudesse  
As almas evocar de tantos seres!  
Si esta prisão de argilla e de miserias  
Não vedasse-me o vôo! Si do livro  
Onde flammeja a lugubre sentença  
Eu pudesse rasgar uma só folha,  
Uma só, grande Deos! Talvez lograsse  
Todos os males apagar que hei feito!

NO ESPAÇO.

Cumpre teu fado n'esse mundo ingrato:  
Eu tambem caminhei, hoje descanso  
Dos eleitos de Deos no vasto imperio!  
Não se afastão de ti meus olhos ternos.  
Manchou-me o pó da terra, a luz das luzes  
Deu-me nova existencia ao pé dos anjos.  
Como te amei outr'ora, amo-te agora,  
Furta ao lodo tu'alma, olha as alturas,  
E do empyreo no azul verás meu rosto!

POETA.

D'onde parte esta voz? De que recinto  
Mysterioso, occulto, me dirige  
Tão suaves concentos? Porventura  
Além do firmamento, além dos astros  
Uma plaga de paz e amor existe?  
Onde está ella?... A mente se me abrasa?  
Por toda a parte só materia vejo,  
Luzes, vapores, ar, globos, espheras,  
Mundos e mundos, sempre cheio o espaço!

Onde repousa o solio do invisivel?  
Onde se abriga o sopro imponderavel  
Que anima os corpos dos mortaes na terra?...  
Si as redeas solto á phantasia ardente,  
Ella abandona o pó, transpõe as nuvens,  
Vence as estrellas, deixa o sol e o ether,  
Arroja-se atrevida no infinito,  
E nada encontra além do eterno abysmo!  
Nada! e no lodo engolfa-se de novo!

Perdão, perdão, meu Deos! Busco-te embalde  
Na natureza inteira! O dia, a noite,  
O tempo, as estações, mudos succedem-se,  
E si fallo de ti mudos se escoão!  
Mas eu sinto-te o sopro dentro d'alma!  
Da consciencia ao fundo eu te contemplo!  
E movo-me por ti, por ti respiro,  
Ouço-te a voz que o cerebro me anima,  
E em ti me alegre, e choro, e canto e penso!

Da natureza inteira que aviventas  
Todos os elos a teu ser se prendem,  
Tudo parte de ti, e a ti se volta ;  
Presente em toda parte, e em parte alguma,  
Intima fibra, espirito infinito,  
Move, potente, a criação inteira !  
Dás a vida e a morte, o olvido e a gloria :  
Si não posso adorar-te face á face,  
Ah ! basta-me sentir-te sempre, e sempre.

Eu creio em ti, eu soffro, e o soffrimento  
Como ligeira nuvem se esvaece  
Quando repito teu sagrado nome !  
Eu creio em ti, e vejo alem dos mundos  
Minha essencia immortal brilhante e livre,  
Longe dos erros, perto da verdade,  
Branca d'essa brancura immaculada  
Que os genios inspirados, n'esta vida,  
Em vão tentárão descobrir nos marmores.

.....

## A SÊDE

(1810)

### I.

Cada vez mais possante e mais robusta  
Bramia audaz a insurreição nascente  
No coração do Mexico. As collinas  
Tornavão-se tremendas fortalezas,  
Transbordavão as selvas de guerreiros  
E as grutas de armamentos. A alvorada  
De dia em dia seu clarão furtava  
A milhares de seres, e o silencio  
Das noites estivaes não mais cobria  
A face desolada dos desertos,  
Onde vencido e vencedor rugião  
Ensopando de sangue o chão revolto.  
As moças aldeãs tinham perdido  
Seu riso jovial, e recolhidas,  
Em torno ao triste lar, cheias de luto,  
Deslembravão seus cantos prazenteiros  
Para chorar a morte dolorosa  
Dos pais ou dos irmãos. O céu brilhante,  
O proprio céu da terra americana,  
Não mais sorria aos campos devastados.

II.

Vinha descendo a noite, trega noite  
De pavores e sustos. Na planicie  
Que entre Anelo se estende e entre Monclova  
São confusas vozes, brilhão lumes,  
Cruzão-se á chamma rubra das fogueiras  
Vultos inquietos. O rumor augmenta ;  
Novas figuras erguem-se do solo ;  
Tinem espadas ; ameaças troão ;  
E um só clamor se estende pelo espaço  
Os échos acordando : « Temos sêde !  
Dai-nos agua por Deos ! » Então da sombra  
Um homem se destaca ; seus olhares  
São calmos e tristonhos, o sorriso  
Forçado de seus labios annuncia  
Mal disfarçada mágoa, tem nos braços  
Uma tenra criança. « Ouvi, meus filhos,  
Disse com voz serena, aqui vos deixo  
Este anginho em penhor ; si á madrugada  
Não tiverdes matado a sêde ardente,  
Fazei o que pensardes. Sobre a terra,  
Unico leito que ao guerreiro livre  
O Senhor permittio, soffre sem queixas  
Minha esposa infeliz ! E vós, guerreiros,  
Vós que lutais em prol da liberdade,  
Que a patria defendeis, vergais o collo,  
Servos de vergonhoso desespero ! »  
Assim dizendo, sobre a fria areia  
A criança depôz. « Não ! não ! bradárão  
Enternecidas vozes, o innocente  
Deve ao lado dormir da mãe que o adora !  
Confiamos em vós, depressa a noite

A terra deixará. » E pouco a pouco  
Foi-se afastando a turba de seu chefe,  
Que a passos lentos se perdeu na sombra  
Agasalhando ao seio o pobre filho.

III.

Junto de esteril cespede inclinada,  
Sobre grosseiro manto, se desenha  
Um vulto de mulher; ao lado d'ella  
Dous guerreiros vigião. Pensativo  
Vem se sentar o chefe a poucos passos :  
Após um meditar de instantes curtos,  
« Valdivia, diz, encontrarás cem homens  
Dedicados e fortes, que nos sigão,  
Entre essa pobre gente que delira? »  
« Sim, responde Valdivia, o destemido,  
Valente lutador, de bronzeos musculos,  
Alma de heróe em corpo de granito ;  
Sim, e o primeiro sou! » A estas palavras  
O outro guerreiro levantou-se rapido.  
« E tambem eu, meu pai, » disse abraçando  
O resoluto chefe. « Bem, agora  
Trata de os avisar, um só momento  
Não devemos perder. O Rei das Sombras  
Que venha ter co'migo. » Os dous guerreiros,  
Quaes dous raios partirão. Triste o chefe  
Voltou-se á triste esposa, e lhe depondo  
Um frio beijo sobre a fronte fria,  
Deitou-lhe ao lado o misero filhinho.  
« Minha pobre Evelina, que fadario  
Lutulento é o nosso! » Disse, e a socia  
De seu fundo soffrer, vendo-lhe os olhos  
N'um véo de acerbos lagrimas envoltos,

Lançou-lhe ao collo os braços amorosos,  
Chorou com elle o pranto do infortunio.

IV.

Tambem no seio d'este mundo virgem  
Ha desertos terriveis, flagellados  
Por um sol implacavel. Vastos mares  
De areia movediça se desdobrão  
Até perder-se alem nos horizontes.  
Nem uma gotta d'agua n'esses ermos!  
A noite lhes negou seu fresco orvalho,  
E as chuvas do verão fugir parecem  
A seu horrído aspecto. Desditoso  
Do viandante que o roteiro perde  
N'essas paragens lugubres malditas!  
Comtudo ás vezes junto a ingrata mouta  
De resequido cactus se levantão  
De uma cisterna os labios : são lembranças  
Que deixárão, quem sabe ? errantes hordas,  
Ou mãos piedosas de piedosos seres  
Que n'essas plagas muita vez sentirão  
O martyrio de Agar nas soledades.  
Mas nem restava este recurso ao menos  
Ao desditoso chefe ! as tropas barbaras,  
Mais barbaras que os barbaros d'outr'ora,  
Tudo entulhado havião ! Dias quatro  
Da liberdade os bravos combatentes  
O supplicio da sêde supportavão !

V.

« Eis-me aqui, general ! » a poucos passos  
Uma voz murmurou rouquenha e surda ;



E um vulto adiantou-se. « O Rei das Sombras? »  
« Sim ! » Era um homem de estatura herculea,  
A dubia frouxa luz que das fogueiras  
Mal clareava a scena sobre o dorso  
Batia-lhe fugaz, como nos musculos  
De uma estatua de cobre a claridade  
Das solitarias lampadas de Brahma.  
O Rei das Sombras !... atrevido nome,  
E comtudo feliz. Da selva os filhos,  
Homens de rubra tez, negros cabellos,  
Ageis no jogo da ligeira setta,  
Amão da lingua as pompas; o deserto  
É seu vocabulario, e que bellezas  
Não encerra o deserto ! O Rei das Sombras  
Tinha nascido á sombra das folhagens  
Das mattas primitivas, como as aves  
Livre, e como a amplidão; mais tarde o acaso  
Fêl-o deixar seus paços de verdura  
Para seguir o aventureoso officio  
De guiar no deserto os viajores...  
Tinha talvez de idade doze lustros :  
Ninguem mais dextro, mais sagaz, mais fino  
Em descobrir os rastos do inimigo,  
Vencer perigos, prevenir os factos,  
E até, dizião, predizer aos homens  
Os arcanos vendados do futuro.

VI.

Ao Rei das Sombras dirigio-se o chefe.  
« Disseste que a seis horas de caminho  
Uma fonte achariamos? » « Eu disse,  
General, mas um bando de inimigos

Velão ahi, trahidores como as serpes!  
Em deserta fazenda, circumdada  
De erguidos muros, seu quartel formárão;  
A cada instante em torno as sentinellas  
Gritão rondando. » « Não importa, a morte  
Será menos cruel aos golpes d'elles  
Do que nas ancias d'esta sêde insolita  
Que as entranhas nos róe! Prepara as armas,  
Consulta a noite e os ventos, e conduze-nos:  
Já dos cavallos as passadas ouço. »

VII.

Partíra o chefe e o grupo de guerreiros.  
Por entre as nuvens as estrellas morbidas  
Vertião sobre a terra somnolenta  
Seus ultimos clarões. Os horizontes  
De uma côr violacea se tingião,  
E amplos areaes, tredos, immoveis,  
Esperar parecião tristemente  
O dubio riso de uma aurora enferma.  
Tudo dormia; o lume das fogueiras  
Sob um sudario de ligeira cinza  
Parecia tambem, meio abafado,  
Dormir sobre os tições... Oh! Deos! que allivio  
Não déste aos seres n'esta irmã da morte,  
Rima da noite, que se chama o somno!  
Evelina acordou sobresaltada:  
« Escuta, disse ao filho que ficára  
Por mandado do chefe; escuta, filho,  
Disse ao moço guerreiro; tive um sonho,  
Cheio de horror e cheio de presagios!  
Punha-se o sol, um turbilhão de fumo  
Cobria o descampado, em seu cavallo

Galopava teu pai a toda brida  
Em direcção a nós; e no emtanto,  
Bem longe de alegrar-me, dentro d'alma  
Uma pungente dôr me lacerava!  
Depois vi-me a mim mesma, em meus cabellos  
O sangue gottejava, um véo de morte  
Empanava-me os olhos desvairados,  
E corri a encontral-o; quando perto  
Os braços lhe estendia, agudo grito  
Escapou de meu peito, e sobre a terra  
Cahi fria e sem forças... o inditoso  
Não tinha mais nos hombros a cabeça! »  
O mancebo pensava; n'esse quadro  
Confuso, incoherente, presentíra  
Sinistros laivos de uma atroz verdade.

### VIII.

Em breve no oriente o rei dos astros  
Foi-se mostrando aos poucos. Os guerreiros  
Erguêrão-se bradando : « O sol desponta,  
Vamos buscar o chefe; é vinda a hora  
Da promessa cumprir. » Mas quando junto  
Chegárão do lugar onde a familia  
Do chefe descansava, e em vez do chefe  
Só encontrárão Evelina afflicta,  
O moço pensativo e a criancinha  
Chorando fracamente, em altas vozes :  
« Trahição! trahição! bradárão; pague o filho  
Pela infamia do pai! » « Sim! disse um indio  
De turvo olhar e feia catadura;  
Vêde, o infame trahidor levou comsigo  
Cem trahidores guerreiros; vêde, amigos,  
Quantos de menos entre nós se contão! »

« Trahição! vingança! » vozeou a turba,  
E, como a vaga infrene que se atira  
De uma ilha isolada ás ermas praias,  
Avançou para as victimas rugindo.  
« Ninguem se chegue, escutem-me primeiro! »  
Disse o moço, apontando os bronzeos canos  
Das armas que trazia á onda viva  
Raivosa dos rebeldes. O silencio  
Estendeu-se um momento onde soára  
Ha pouco a tempestade. « Eu tambem juro  
Sobre minh'alma, sobre minha vida,  
Que sereis satisfeitos. Bravos, animo!  
Deixai que em meio céo o sol fulgure.  
Si meu pai não voltar..... » Esta proposta  
Não contentou a turba; no emtanto  
Ella calmou-se um pouco, e dispersada  
Sobre a areia dos ermos esperava  
Que fulgurasse o sol do meio dia.  
Esse instante chegou, não veio o chefe!

IX

Mas entre nuvens de poeira ao longe  
Assoma um cavalleiro ; denso nimbo  
Que os aquilões fustigão pelo espaço  
Não corre mais ligeiro. Tem o corpo,  
Do valente animal pendido ás crinas,  
Mas o curvado e musculoso dorso  
Brilha aos raios do sol como os relevos  
De um escudo de ferro. « O Rei das Sombras! »  
Todos bradárão prolongando a vista.  
Em breve elle alcançára o acampamento.  
« Filhos da liberdrda! eia, marchemos!  
Offegante exclamou, que nosso chefe

Luta como um heroé por vossa causa!  
Ah! de nossos irmãos apenas restão  
Quarenta bravos, tudo o mais é morto  
Aos golpes impiedosos dos tyrannos  
Que lacerão a patria. Eia guerreiros!  
Sem vosso auxilio o general succumbe!  
Vamos! vamos! em marcha! grita o moço. »  
« Em marcha! diz a turba. » N'um momento  
A multidão moveu-se como as vagas  
Por alto mar nas horas de borrasca;  
E as carretas pesadas se abalárão  
Sobre as quentes areias, e o deserto  
Vio sem saudade os hospedes partirem.

X.

Tinha-se posto o sol, mas o occidente,  
Tinto de rubra côr, sobre as planicies  
Derramava um clarão sinistro e feio...  
As altas rochas, os grosseiros cardos  
Erguião-se phantasticos, immoveis,  
Ora como sepulcros solitarios,  
Monumentos estranhos de uma raça  
Que nunca os homens virão, ora um grupo  
De informes creaturas imitando,  
Ora disperso turbilhão de espectros  
No vasto chapadão scismando quedos  
Á luz sangrenta de um volcão sem fundo.  
Os guerreiros marchiavão. Pouco a pouco  
Menos esteril se mostrava o solo,  
E as rochas mais escassas. Firme terra,  
Em vez de areia movediça, os passos  
Dos corceis repetia; os arvoredos  
Parecião surgir como prodigios

Aos olhares da tropa sequiosa.  
De repente um rumor confuso e vago  
Fez-se ao longe escutar. O Rei das Sombras  
Deteve-se e fallou : « Estamos perto,  
Esperai-me tranquillos n'este sitio,  
Vou ver o chefe, n'um relance d'olhos  
De novo me acharei a vosso lado. »  
Inda bem não findára estas palavras  
Quando um ruido estranho, discordante,  
Mistura de gemidos e blasphemias,  
Galopar de corceis, tinir de espadas,  
Soou na solidão. « Silencio! clama  
Prestando ouvido o indio valeroso,  
Silencio! » E mais veloz do que a panthera  
Ao chão saltou, e as ramas afastando  
Cauto se adiantou. N'esse momento,  
Á pequena distancia as folhas rangem  
Sob rude tropel, retumba o solo  
E um cavallo se arroja esbaforido  
Junto á tropa anciosa, sobre os lombos  
Sustentava um guerreiro, e esse guerreiro  
Era o misero chefe. O desditoso  
Tinha do tronco a fronte separada!  
Dos cem valentes que levou comsigo  
Nenhum, nenhum restára! Muitos d'elles,  
Á cauda dos cavallos amarrados,  
Deixavão no deserto atrás do chefe  
Um rastilho de sangue sobre o solo!

XI.

As tropas do inimigo estavam perto!  
Estavam perto as tropas do inimigo!

Bando feroz as victimas seguira!  
E rião-se e zombavão!.....

.....  
Bravos da independencia mexicana,  
Não ha palavras na mundana lingua  
Que pinte a raiva d'esses homens livres  
Vendo do chefe o mutilado corpo!  
As massas monstruosas que rebentão  
Das cimeiras dos Andes; as torrentes  
Que no seio do abysmo se despenhão;  
O furacão que arrasa as soledades;  
O raio, a tempestade, a propria morte,  
Tão cruentos não são, não são tão negros,  
Nem tanto estrago no deserto hão feito  
Como a explosão da furia sanguinaria  
D'aquelles bravos ebrios de vingança!  
Duzentos homens sobre o chão cahirão  
Sob a espada dos livres! « Á fazenda!  
O filho do finado, o novo chefe,  
Gritou enfebrecido. » « Sim! bradárão,  
Á fazenda! á fazenda! É morto o chefe,  
Conduza-nos o filho em lugar d'elle! »

XII.

Sombrias nuvens pelo espaço rolão,  
Ora vendando a face das estrellas,  
Ora deixando-as scintillar mais vivas,  
Mais fulgentes ainda, sobre a espessa,  
Basta melena dos bulcões medonhos.  
Inquieta a noite vai, raivosos ventos  
Passão roubando ás arvores as folhas,  
E em tredos silvos vão perder-se ao longe  
No immenso da soidão. De instante a instante

Um lampejo sulphureo os ares corta  
Aclarando o deserto que repousa  
Da branca areia no sudario immenso.  
O vulto tenebroso extenso e lugubre  
Da lugubre fazenda se levanta,  
Ostentando as muralhas gigantescas  
Aos olhares dos bravos combatentes.  
Bradão de instante a instante as sentinellas,  
Os inimigos velão resentidos  
Da refrega da tarde, talvez temem  
A surpresa dos livres. « Bravos somos,  
Bravos e muitos, diz o moço chefe,  
Muitos e sequiosos, avancemos ;  
Vedes esse portão? É necessario  
Em pedaços fazê-lo; vamos, vamos,  
O momento é propicio... » « Não!... reflecte,  
A distancia medindo, o Rei das Sombras ;  
Fique a metade aqui dos assaltantes,  
Busque a outra escalar os altos muros ;  
Quando dentro estiverem da fazenda  
Seja dado um signal, então por terra  
Lançai vós outros o portão maldito  
Aos golpes dos machados. Bravos somos,  
Ha dito o chefe, bravos nos mostremos,  
Libertemos a patria! » « Combatentes !  
Disse uma voz energica, mas doce,  
Acerba, mas sonora, a poucos passos  
Errão vinte guerreiros : são soldados  
De livre capitão, elles não tardão  
Em reunir-se a nós, inda um momento  
Retardemos o ataque. » Era uma estranha,  
Comtudo bella imagem de guerreiro,  
Quem assim se expressava ; tinha aos hombros  
Uma curta espingarda, espada ao lado,  
Mas de mulher as vestes lhe cobrião  
O corpo airoso, e nos fogosos olhos,



Onde os prazeres habitar devêrão,  
A vingança brilhava : era Evelina!

XIII.

« Mexico e liberdade! » d'entre as sombras  
Uma voz murmurou pausada e firme.  
« Mexico e liberdade! » repetirão  
Erguendo-se os guerreiros. « Vinde, vinde, »  
Disse Evelina apresentando ao filho  
O novo companheiro. « Vinde, vinde,  
Repete o moço chefe adiantando-se,  
Ha muitos dias que aqui estais? » « Ha quinze, »  
O capitão responde. « Haveis soffrido?.....  
Perda de bravos, privações sem nome!  
Pois bem, é hoje o dia da vingança. »  
E assim dizendo o plano communica  
Do ataque da fazenda ao chefe amigo.  
« Occorre-me uma idéa, este pondera,  
Tenho uma peça, munições e balas,  
Mas falta-me a carreta, si possivel  
Fosse trazêl-a e descobrir um meio  
D'esta falta sanar..... « É grande a peça? »  
Uma voz perguntou. « Não muito grande, »  
O chefe lhe responde. « Quantos homens  
São mister para erguêl-a? » « Cinco. » « Vamos,  
Prosegue a mesma voz grave e segura,  
Eu farei a carreta. » Era Valdivia,  
Que o morto chefe dispensado houvera  
Quando havia partido; era Valdivia,  
O hercules da tropa, quem fallava.

XIV.

Pouco tempo depois estava a peça  
No meio dos guerreiros. « Mãos á obra,  
Disse o chefe mancebo, o Rei das Sombras  
Á frente de cem fortes combatentes  
• Busque os muros vingar e introduzir-se  
No pateo da fazenda; e nós, amigos,  
Nós trataremos do portão; é tempo,  
A peça examinemos sem demora. »  
Assim dizendo á formidavel porta  
Em vão tentárão do canhão mortifero  
As fauces apontar; em vão, a terra  
Em torno das muralhas levantada  
Protegia o recinto, era forçoso  
Erguer do solo o bellico instrumento,  
Pôl-o do ponto desejado ao nivel.  
Houve um momento de silencio. « Agora  
O que havemos fazer? diz o mancebo,  
Que partido tomar? » « Sempre o da luta!  
Responde-lhe o colosso; o Rei das Sombras  
Que siga seu destino com seus bravos,  
Chamai dez homens, soerguei a peça,  
Eu serei a carreta! » « Tu, Valdivia! »  
« Eu sim, eu mesmo, » e sobre o chão cravando  
Os joelhos e as mãos, fallou de novo :  
« Tragão a peça e amarrem-na nas costas! »  
Em breve dez guerreiros reforçados  
Nos rijos lombos do robusto athleta  
O canhão collocárão, duras cordas  
Em torno da cintura lhe passárão  
Afim de bem suster o enorme peso.  
O heróe nem se moveu. « Agora, amigos,

Carregai este monstro até a bocca,  
Apontai ao portão, fogo! » Os guerreiros  
Que devião seguir o Rei das Sombras  
Tomarão seu caminho, e o moço chefe,  
Ora fazendo-se inclinar a peça  
Nos hombros de Valdivia, ora elevando-a,  
Fez carregal-a, examinou a mecha,  
Apontou ao portão, e resoluto  
Accendendo o mórão : « É tempo! disse,  
Animo, bravo! » E a mecha incendiou-se,  
Rugio o bronze, vomitou seu raio,  
E levantando a fronte o homem-carreta  
Sorrio-se e murmurou : « Mais outra bala,  
Carregai-a de novo até a bocca!  
Ah! maldito portão! portão maldito! »  
Já entre os muros do sombrio forte  
Começava o rumor da soldadesca,  
Sons de clarins e rufos de tambores,  
Annuncios de defesa e de combate.  
Segunda vez no dorso de Valdivia  
O canhão trovejou e a bala rapida  
Abalou o portão até seus gonzos.  
O bravo levantou de novo a fronte  
Suarenta, inflammada. « Um tiro ainda!  
Disse com surda voz, e tudo é feito!  
Carregai-a sem medo até a bocca! »  
O chefe obedeceu, a ignea mecha  
Mais uma vez brilhou, partio o raio,  
O travão retumbou, a grande porta  
Em pedaços cahio, e um grito agudo,  
Atroz, pungente, fez-se ouvir no espaço!  
O heróe da noite se torcia em ancias  
Debaixo do canhão! O ultimo abalo  
Tinha-lhe a espinha vertebral partido!  
Dez minutos depois era um cadaver.

XV.

« Mexico e liberdade! Eia, avancemos! »  
Bradarão n'uma vóz os assaltantes,  
E, como as vagas de caudal torrente  
De erguida serra na garganta estreita  
Com pavorosos urros se engolfando,  
Em confuso tropel se arremessarão  
Á livre entrada que o canhão fizera,  
Um granizo de balas sibilantes  
Partio dos sitiados, derribando  
Muitos dos invasores. « Vamos! vamos! »  
Bradava o chefe; e os avidos guerreiros  
Rompendo a densa nuvem de fumaça  
No pateo da fazenda penetrarão.

.....

XVI.

Então á dubia luz dos astros raros,  
Que entre as nuvens condensas scintillavão.  
Houve uma scena horrivel. Semelhantes  
A dous bulcões medonhos que se enroscão,  
Torcem-se unidos atroando o espaço,  
Ao som de seus bramidos estrondosos,  
Os guerreiros do forte e os assaltantes  
N'uma só massa escura se fundirão,  
Cahos de seres humanos consumido  
Pelo fogo da raiva e da vingança!  
Ondas de desespero e de loucura!  
Mistura de paixões e de martyrios

Patente á luz das timidas estrellas  
Na sombria nuez de seus horrores!

XVII.

Emquanto isto passava-se no pateo,  
Tendo os muros transposto, o Rei das Sombras  
Invadia o edificio onde açodado  
O commandante ao lado de alguns homens,  
Bravo como um leão, se defendia.  
Debalde! A mão de Deos era visivel,  
E o anjo tutelar dos entes livres  
Batia as azas longas, inflammadas,  
Em torno de seus filhos predilectos.

XVIII.

« Mexico e liberdade! » os combatentes  
Que lutavão no pateo repetirão  
Sob a expansão de um jubilo indizivel,  
« Mexico e liberdade! » das janellas  
Do sombrio edificio lhes responde,  
De seus bravos no meio, o Rei das Sombras.  
« Mexico e liberdade! » e á luz de um facho  
Desenhou-se na porta do edificio  
O vulto de Evelina. « Vencedores!  
Disse atirando ás pedras da calçada  
Uma sangrenta e livida cabeça,  
Eis-alli meu quinhão! » « O commandante! »

Attonitos bradárão contemplando  
A frente fria do inimigo chefe.

.....

Está passada a sede da vingança,  
Mas a sede do corpo nos devora,  
As cisternas, guerreiros, ás cisternas!

## ENOJO

Vem despontando a aurora, a noite morre,  
Desperta a matta virgem seus cantores,  
Medroso o vento no arraial das flôres  
Mil beijos furta e suspirando corre.

Estende a nevoa o manto e o val percorre,  
Cruzão-se as borboletas de mil côres,  
E as mansas rôlas chorão seus amores  
Nas verdes balsas onde o orvalho escorre.

E pouco a pouco se esvaece a bruma,  
Tudo se alegra á luz do céo risonho  
E ao floreo bafo que o sertão perfuma.

Porem minh'alma triste e sem um sonho  
Murmura, olhando o prado, o rio, a espuma :  
— Como isto é pobre, insipido, enfadonho

## LYRA

Quando me volves teus formosos olhos,  
Meigos, banhados de celeste encanto,  
Rasgo uma folha da carteira, e a lapis  
Escrevo um canto.

Quando nos labios do rubim mais puro  
Mostras-me um riso seductor, faceto,  
Encommendo minh'alma ás nove musas,  
Faço um soneto.

Quando ao passeio, no mover das roupas,  
Deixas de leve ver teu pé divino,  
Sinto as arterias palpitarem tumidas,  
Componho um hymno.

Quando no marmor das espaduas bellas,  
As negras tranças a tremer sacodes,  
Ebrio de amor, sorvendo seus perfumes,  
Rimo dez odes.

Quando á noitinha me fallando a medo  
Elevas-me do céo á luz suprema,  
Esqueço-me do mundo e de mim mesmo,  
Gero um poema.



## O MESMO

Desde a quadra mais antiga  
De que rezão pergaminhos,  
Cantão a mesma cantiga  
Na floresta os passarinhos.

Tem o mesmo aroma as flôres,  
Mesma verdura as campinas,  
A briza os mesmos rumores,  
Mesma leveza as neblinas.

Tem o sol as mesmas luzes,  
Tem o mar as mesmas vagas,  
O deserto as mesmas urzes,  
A mesma dureza as fragas.

Os mesmos tolos o mundo,  
A mulher o mesmo riso,  
O sepulcro o mesmo fundo,  
Os homens o mesmo siso.

E n'este insipido gyro,  
N'este vôo sempre a esmo,  
Vale a pena, em seu retiro,  
Cantar o poeta, mesmo?

## A UM MONUMENTO

Triste, negra vassallagem  
Do mais baixo servilismo,  
Negreja no espaço a imagem  
Consagrada ao despotismo.

E em torno d'ella agrupados,  
Vergonha de nossa idade!  
Estão os vultos sentados  
Dos filhos da liberdade!

O povo curva-se e passa,  
Porque não vê a ironia  
Que encerra essa bronzea massa  
Indigna da luz do dia.

Porque nunca leu a historia  
Das turvas éras passadas,  
Folhas brilhantes de gloria,  
Mas de sangue borrifadas.

Porque não conhece o drama  
Do martyr que alli morrêra,  
Por zelar a sacra chamma  
Que a liberdade accendêra.

Póbre turba ! Nescia e fatua,  
Na sua soberania,  
Beija os pés á fria estatua  
Que hade esmagal-a algum dia !

## A PENNA

(FRAGMENTO DE UM POEMA INTIMO).

.....

Poucos instantes de vida  
Me restão, oh! bem o sei!  
Fiquei vencido na lida,  
Seja assim, cumpra-se a lei!  
Fui forte, com firmes passos  
Transpuz desertos espaços,  
Affrontei mil temporaes,  
Sorri no dorso das vagas  
Da tormenta ás surdas pragas,  
Da morte aos brados fataes!  
Bebi de todas as taças,  
Provei todas as desgraças,  
Todas as dôres soffri;  
Mortal, vergou-me o martyrio,  
Nem a luz tenho de um cirio,  
Sinto na frente o delirio,  
Não passo além, durmo aqui.

.....

E no emtanto que sonhos,  
Que planos ledos, risinhos,

Minha mente não formou  
À luz d'este céo brilhante,  
Sobre este solo gigante  
Que o Senhor abençoou !  
Quantas vezes reclinado,  
Mansamente balouçado  
Sobre o regaço materno,  
Não senti por minhas faces  
Roçarem genios fallaces  
Que me apontavão mendaces  
Um porvir de gozo eterno !

.....

Meu Deos ! Porque me lançaste,  
A mim, levita da dôr,  
Na terra onde derramaste  
Tanta vida e tanto amor ?  
Porque á mágoa sem nome  
Que minhas fibras consome  
Tanta luz antepuzeste ?  
E quando tudo folgava,  
Quando tudo se alegrava,  
Porque chorar me fizeste ?  
Porque me déste um destino ?  
Porque me deixas sem tino  
No meio da creação,  
Imagem de um mal acerbo,  
No teu poema soberbo  
Sangrento escuro borrão ?

.....

Quantas flôres hei plantado.  
Quanto arbusto hei adorado

O tempo tem derribado,  
Tem o lodo consumido!  
Hoje sobre o meu calvario,  
Triste, mudo, solitario,  
Rasgo as dobras do sudario,  
Mordo a cruz enfebrecido!.....  
Humilhar-me ao sofrimento?  
Nunca! Às rajadas do vento  
O cedro jámais se dobra!  
Tenho o orgulho da desgraça,  
Quanto mais á dôr se abraça  
Mais força minh'alma cobra!

.....

Oh! minha penna querida,  
Não quero ensopar-te, não,  
Na funda, negra ferida  
Que tenho no coração!...  
Não quero, não posso! Ainda  
Eu a vejo airosa e linda  
Vir se sentar junto a mim!  
E não é mais que uma idéa!  
Folha de rota epopéa!  
Fatua luz que bruxoleia  
Sobre um deserto sem fim!  
E não é mais que uma nota,  
Triste, languida, remota,  
Nas solidões do passado!  
Um monte de brancos ossos!  
Marco atirado entre os fossos  
De medonho descampado!  
Oh! minha penna mimosa,  
Minha penna graciosa,

Companheira carinhosa  
Dos festins da mocidade !  
Meu orgulho de criança !  
Mais tarde loura esperança !  
Maga estrella de bonança  
No meio da tempestade !  
Vou deixar-te ! Está quebrada  
Essa trindade adorada  
Que tantos sonhos gerou !  
Ella partio, nós ficamos !  
Ingratos, não mais riamos,  
Oh ! de lagrimas enchamos  
O espaço que ella occupou !

.....

Mas não ! Si te ordena a sina,  
Si o destino assim te manda,  
De pé sobre a propria ruina  
Canta, oh ! alma miseranda !  
Pede ao inferno uma lyra,  
Toma os guisos da loucura,  
Dansa, ri, folga e delira  
Mesmo sobre a sepultura !  
Solta rudes harmonias,  
Brinda a morte e as agonias,  
Canta as coleras bravias  
Dos precitos eternaes ;  
Sobre tumulos e berços  
Escreve ainda, e teus versos  
Sejão banhados, immersos,  
Nos prantos de Satanaz !

.....

## LEVIANDADES DE CINTHIA

PANFILIO, AMPHILOPHIO, MARCULPHO

Noite. Um rio com uma ponte. Panfilio á margem esquerda.

PANFILIO.

Cirios da noite, vividas estrellas,  
Apagai vossa luz ! Veigas, campinas,  
Onde tantos momentos palpitante  
De poesia e de amor errei tecendo  
Hymnos á ingrata por quem tanto soffro,  
Envolvei-vos n'um manto tenebroso !  
Furtai o turbilhão de vossas dryades  
De meu tragico fim á triste scena !  
E tu, cruel tyranna de minh'alma,  
Tu que apagaste meus rosados sonhos,  
Que afogaste meus planos de esperança  
No oceano sem fim de tua astucia,  
Adeos ! adeos ! No seio d'estas aguas  
Quero occultar meu drama de martyrios,  
Minha historia de lagrimas e sombras !

Apparece Amphiphio á margem direita.



AMPHILOPHIO.

Eis-aqui o lugar ermo e sinistro  
Onde vou terminar minha existencia.  
Deos me perdõe, sobre este vil planeta  
Vale mais um defunto que um mendigo.  
Ignoro a politica, estou pobre,  
Heranças não espero, acho-me velho,  
É preciso morrer. Examinemos  
Esta liquida cama. Quando a aurora  
Estender caprichosa os seus rabiscos  
Na cupula do céo, meu fim nefasto  
Correrá, bem o sei, de bocca em bocca  
Pela cidade toda. « Era um bom homem,  
Os vizinhos dirão ; morou dez annos  
Junto de nós e nunca nos queixámos,  
Nem tinhamos de que ; amava os pobres ;  
Nunca na vida alheia intrometteu-se,  
Nem fez mal a seu proximo..... sómente  
Era amigo do vinho e das mulheres,  
E voltando do jogo ás vezes bebado  
Punha toda esta rua em movimento. »  
Outros dirão : « Matou-se ? Aos sessenta annos  
Um homem de juizo não se empenha  
Em conquistas venaes. Teve sultana,  
Boa mesa, bom vinho e máos amigos ;  
Comprou sedas, brilhantes, carros, moveis,  
E cego por seu idolo funesto  
Fez da burra um altar para adoral-o.  
Foi melhor que morresse ; Deos o tenha. »

PANFILIO.

Negro destino ! Abandonar o mundo,  
A esperança, o porvir, talvez a gloria,  
A fortuna, o prazer, na flôr dos annos,  
E buscar os desertos de além-tumulo,  
Cheio de desespero ! No emtanto  
Não posso mais viver !... Pois bem, morramos !  
Amanhã os jornaes d'esta cidade  
N'um artigo de fundo, accommodado  
Entre tarjas de luto, em grandes letras  
Dirão : « Mais um talento ha succumbido  
Ao peso das desditas ! Mais um astro  
Perdeu-se entre os negrumes da tormenta !  
Panfilio já não vive ! Já não vive  
O terno sabiá que amenizava  
Com seu canto sentido estas paragens ! »  
Talvez ao ler a lugubre noticia  
A ingrata chore, e lá na eternidade  
Eu goze do prazer de ver meu nome  
Impresso em grossos typos.

AMPHILOPHIO, descobrindo Panfilio

Não me engano,  
Eu vejo alguém que falla e gesticula,  
Do outro lado do rio. Estou perdido !  
Espreitão-me talvez ! Si porventura  
A cruel que arruinou-me, e por quem morro,  
Suspeitasse o projecto que acalento  
Em silencio ha tres dias ! Oh ! mulheres !  
Mulheres !.....

PANFILIO, descobrindo Amphilophio.

Grande Deos ! diviso um vulto  
Sobre a margem direita d'este rio !  
Quem será? Quem será? Tremo de susto !  
Parece que me estuda ! É necessario  
Meu medo disfarçar.

AMPHILOPHIO.

O tal amigo  
Começa a incommodar-me ! Eu sou valente,  
Mas a noite, o lugar, meu triste estado.....

PANFILIO

Elle tosse, approxima-se da ponte,  
Volta, torna a tossir. Sejam os fortes,  
Fallemos. — Oh ! vizinho ! do outro lado,  
O que faz o senhor ahi sózinho ?  
Porque passeia, escarra e estende os braços,  
Quando eu contemplo as aguas susurrantes  
D'este rio saudoso e merencorio ?  
Diga-me sem demora !

AMPHILOPHIO.

Por S. Pedro !  
E o senhór o que faz? Vamos, responda-me.  
Porque contempla as aguas susurrantes

D'este rio saudoso e merencorio  
Quando eu passeio, escarro e estendo os braços?

PANFILIO.

A resposta é difficil ; entretanto  
Posso lhe asseverar que n'este sitio  
Tenho serios negocios.

AMPHILOPHIO.

A estas horas ?  
N'este lugar deserto ? Não ha duvida,  
O homem tem os sapos por clientes,  
Ou é algum ladrão, mas não me assusto,  
Não sou mais rico. — Pois tambem, amigo,  
Tenho serios negocios.

PANFILIO.

Seja franco,  
Somos aqui sózinhos, porventura  
Vem espreitar meus passos?

AMPHILOPHIO.

Menos essa !  
Eu não sou espião, nem o conheço !  
E dê graças a Deos si nos separão

As aguas d'este rio, maleriado...  
Sinão lhe gravaria nas bochechas  
Os principios de sã civilidade  
E boa educação !

PANFILIO.

Paz, meu amigo,  
Paz ; a desgraça me tornou grosseiro,  
A dór me transviou !

AMPHILOPHIO.

A dór, entendo,  
Entendo, vem aqui chorar seus males ?  
Eu tambem soffro ; diga-me, precisa  
De allivio e de consolo ?

PANFILIO.

Não ; eu venho,  
Eu venho aqui morrer ! Não ha consolo  
Que abrandem minhas mágoas !

AMPHILOPHIO.

O que escuto !  
Eu tambem vim aqui buscar a morte  
No fundo d'estas aguas ! Deos louvado,

Morrámos juntos como bons parceiros,  
Contentes, de mãos dadas, e fuja  
D'este mundo cruel, como dous ebrios  
À meia noite de uma escura tasca.  
Mas conte-me primeiro seus pezares;  
Forão azares da fortuna? A morte  
De uma esposa querida? O vicio? O crime?  
Erros da mocidade?

PANFILIO.

Antes o fosse!  
De que me serve repetir-lhe a historia  
Das mais negras desditas que aniquilão  
O coração humano? As tristes lendas  
De um amor infeliz?

AMPHILOPHIO.

Bem o previa.  
Sua amante deixou-o.....

PANFILIO.

Sim, deixou-me!  
A mim, alma de fogo, alma inspirada,  
Cheia de sonho e illusões formosas,  
Por um parvo, um sandéo endinheirado,  
Um chatim miseravel, cuja bolsa  
Valia mais aos olhos da trahidora

Do que todas as odes e sonetos  
Dos poetas da terra!

AMPHILOPHIO.

Pois co'migo  
Sucedeu o contrario. A minha deosa  
Sugou-me á gorda burra o leite todo,  
Deixou-me sem vintem. Dizia amar-me,  
E no emtanto eu soube que passava,  
Durante minha ausencia, horas e horas  
Entre os braços de um biltre empomadado,  
Possessor de uma duzia de bengalas :  
Umás de páo com caras de cachorro  
Ou patas de perú ; outras de chifre  
Com cabeças de Chins ; outras mais feias  
Que o proprio frontispicio do malandro  
Que meus bens devorava em commandita,  
Á sombra da velhaca ! Eia, morramos !  
Quem pulará primeiro dentro d'agua ?  
Sem duvida, o senhor ?

PANFILIO.

Oh ! caro amigo,  
A boa educação manda que eu ceda  
Esta honra ao mais velho.

AMPHILOPHIO.

Nada, nada,

Nada de ceremonias, eu não gosto  
De fofas etiquetas.

PANFILIO.

Pelos anjos!  
Eu cumpro o meu dever.

AMPHILOPHIO.

Não, d'este modo  
Si gastamos o tempo a rasgar sedas  
E fazer cortezias um ao outro,  
Nenhum se atirará. Bem, concordemos  
No que passo a propôr : em voz bem alta  
Pronunciemos vezes tres o nome  
De nossas infieis, á vez terceira  
Arrojemo-nos juntos.

PANFILIO.

Seja, vamos.

AMBOS.

Cinthia !!!

AMPHILOPHIO.

Por Deos, repita, sim, repita !



Cinthia disse, não é?

PANFILIO.

Sim, eu o disse,  
Disse o senhor tambem!

AMPHILOPHIO.

Eu tambem disse.  
E a sua namorada assim se chama?

PANFILIO.

Certamente...

AMPHILOPHIO.

E sua côr, sua estatura,  
Seu aspecto, seu ar, sua morada?

PANFILIO.

Alta, morena, de anneladas tranças,  
Pés e mãos pequeninos, olhos negros,  
Moradora na rua das Estrellas  
Numero quinze.

AMPHILOPHIO.

É ella! É ella! Não ha duvida!

PANFILIO.

Ella, quem?

AMPHILOPHIO.

Pois não vê? a minha amante.

PANFILIO.

Era o sonhor o celebre papalvo?  
Era o senhor? Ah! deixe que me ria!  
Oh! que aventura! Vale a pena agora  
Voltar de novo á vida!

AMPHILOPHIO.

Já lhe disse,  
Já lhe fiz ver ha pouco que não gosto  
De certas brincadeiras, e mormente  
Na hora de morrer! Quem pensaria  
Que era o senhor o biltre, o peralvilho,  
Cumplíce da malvada! Eu lhe perdôo!

Apparece Marculpho no fundo.

MARCULPHO.

Vou me arrojjar ás ondas d'este rio!  
Quero morrer, meu plano está formado,  
Já não ha nem appello nem aggravo!  
Eu um homem de honra e probidade,  
Que ha tres annos padeço, trabalhando,  
Longe da patria, longe dos amigos,  
Acho ao voltar, depois de tantas penas,  
Minha mulher perdida e diffamada,  
Meu nome escripto em vergonhosos versos  
Nas esquinas das ruas! Si eu pudesse  
Dos dous marotos me vingar ao menos,  
Do tal capitalista e do tal vate!  
Mas os patifes não fugido, e eu morro  
Levando este pezar na consciencia!  
Porem ouço fallar, vejo dous vultos;  
Escutemos...

N'este interim Panfilio tem passado para a outra margem  
onde está Amphiphio.

PANFILIO.

Vivamos, companheiro,  
A ingrata Cinthia, a estrella impiedosa  
Da rua das Estrellas, perseguida  
Pelo remorso, chorará seus crimes,  
Nos abrirá de novo os braços meigos,  
E nós.....

MARCULPHO.

De Cinthia eu escutei o nome...  
Ouvi fallar na rua das Estrellas...  
Trata-se d'ella... Pelos santos, calma!  
Calma, meu coração!

AMPHILOPHIO.

Viva em socego,  
Não amo a companhia em taes materias,  
Estou pobre, arruinado, eu o mais rico  
Capitalista d'esta terra. Agora,  
Dado o caso que viva, o desespero  
Não deixará meus passos.

PANFILIO.

Eu não posso  
Me olvidar da infiel! Por toda a parte  
Sinto o aroma subtil de seus cabellos,  
O halito celeste de seus labios,  
O timbre mavioso de seus cantos!  
Volto de novo á rua das Estrellas,  
Caio a seus pés.....

MARCULPHO, gritando.

Ah! monstros! Ah! perversos!

Eu inda vivo, esperem que lhes mostro  
Quanto penetra a ponta de uma faca!

AMPHILOPHIO, espavorido.

Fujamos, meu amigo! É o marido!  
É o marido que chegou, fujamos!...  
Eil-o! Que brilho seu punhal espalha!...  
Como é grande, meu Deos! como é terrivel!  
Corramos, que já sinto pelo ventre  
O imperioso annuncio do perigo!...  
Fica para outro dia o nosso plano!

PANFILIO.

Sim, fujamos, fujamos sem demora!

(Saem correndo.)

MARCULPHO.

Não quero mais morrer! Já descobri-os!  
Heide viver para vingar-me! Eu parto!  
Eu parto, e em breve hade saber o mundo  
O que fez um marido indignado!

## ORAÇÃO FUNEBRE

(Rig-Veda, VIII, 14).

Segue o caminho antigo onde passarão  
Outr'ora nossos pais. Vai ver os deoses  
Indra, Yama e Varuna.

Livre dos vícios, livre dos peccados,  
Sobe á eterna morada, revestido  
De fórmias luminosas.

Volte o olhar ao sol, o sopro aos ares,  
A palavra á amplidão, e os membros todos  
Ás plantas se misturem.

Mas a essencia immortal, aquece-a, oh! Agnis,  
E leva-a docemente á clara estancia  
Onde os justos habitão,

Para que ali receba um novo corpo,  
E banhada em teu halito celeste  
Outra vida comece.....

Desce á terra materna, tão fecunda,  
Tão meiga para os bons que a fronte encostão  
Em seu humido seio.

Ella te acolherá terna e amorosa,  
Como em seus braços uma mãe querida  
Acolhe o filho amado.

## AO DEOS CREADOR

(Rig-Veda, VIII, 7).

O Deos da Luz appareceu, e apenas  
Elle mostrou-se foi senhor do mundo,  
E encheu o céu e a terra...  
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!  
— Que Deos receberá nosso holocausto?

D'elle dimana a vida, a força, o animo:  
Á lei que elle traçou todos os seres  
Submissos se curvão...  
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!  
— Que Deos receberá nosso holocausto?

Foi elle que formou estas montanhas,  
E este mar que rebrame sem descanso,  
Os sabios o disserão...  
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!  
— Que Deos receberá nosso holocausto?

É por elle que o céu, a terra, os astros,  
Tremem de amor e tremem de desejos  
Quando o sol apparece...



Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!  
— Que Deos receberá nosso holocausto ?

Quando as tumidas ondas que conservão  
A essencia universal se revolverão,  
    Elle agitou-se n'ellas...  
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!  
— Que Deos receberá nosso holocausto ?

Ah! proteja-nos elle, o Deos piedoso,  
O espirito das cousas invisiveis,  
    O Senhor do universo!  
Gloria ao Deos que ha partido o ovo de ouro!  
— Que Deos receberá nosso holocausto ?

## HYMNO A AURORA

(Rig-Veda, I, 8).

Ella mostrou-se emfim!  
Ella mostrou-se emfim, a mais formosa,  
A mais bella das luzes!

Por esse azul setim,  
Caminhando tão linda e tão garbosa,  
Aonde nos conduzes?

Aonde, branca Aurora?  
Filha tambem do Sol, a Noite escura  
Tua estrada marcou.

Com as lagrimas que chora  
A vasta senda da eternal planura  
Ao passar orvalhou.

Unidas pelo berço,  
Ambas iguaes, eternas, successivas  
Na marcha e na existencia...

Percorreis o universo,  
Aurora e Noite, sempre redivivas,  
Oppostas na apparencia.

Rosea filha do Dia,  
Brilhante a nossos olhos appareces,  
Cheia de gloria e amor ;

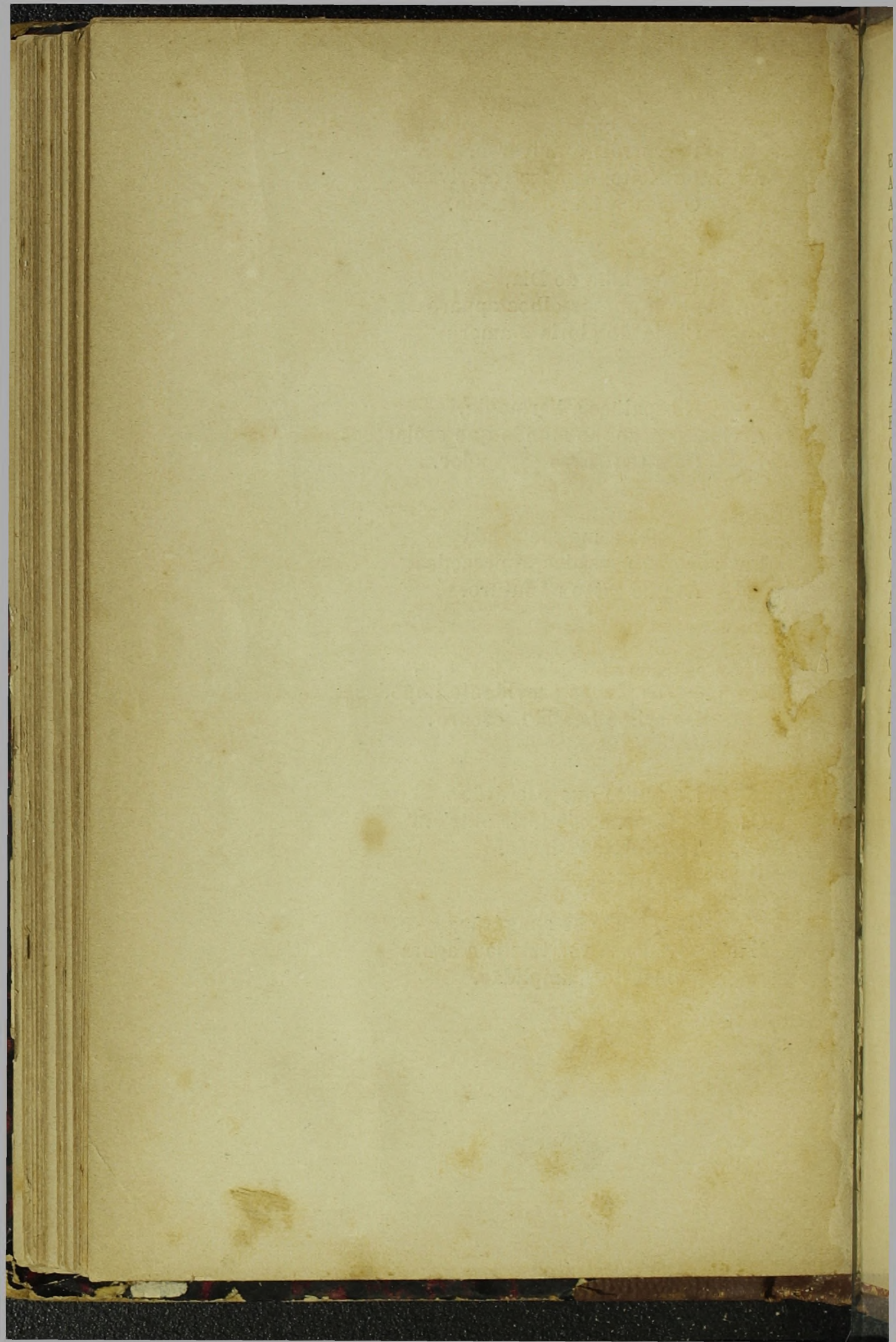
E espalhas a harmonia,  
A vida, o gozo, ao mundo que esclareces  
Com teu sacro esplendor.

Segues a mesma senda  
Das auroras passadas, e precedes  
As que estão no futuro.

Rasgas da Sombra a venda,  
E os negros planos previdente impedes  
Do crime horrído, escuro.


Ha muito que passárão  
Os que vírão no céo luzir outr'ora  
Teu fulgido clarão.

Seus olhos se apagarão,  
E nós por nossa vez tambem agora  
Vemos-te n'amplidão.



	Pag.
Eu amo a noite.....	216
A volta.....	219
A despedida.....	221
Conforto.....	224
Visões da noite.....	226
O canto dos sabiás.....	227
O resplendor do throno.....	229
Em viagem.....	231
Serenata.....	232
A sombra.....	234
A diversão.....	238
A lenda do Amazonas.....	242
Estancias.....	248
Quadrinhas.....	250
O general Juarez.....	254
A filha das montanhas.....	261
O filho de Santo Antonio.....	264
As letras.....	267
O arrependimento.....	268
Acusmata.....	270
A Sêde.....	281
Enojo.....	299
Lyra.....	300
O mesmo.....	301
A um monumento.....	302
A penna.....	304
Leviandades de Cinthia.....	308
Oração funebre.....	322
Ao Deus creador.....	324
Hymno á Aurora.....	326





090  
C583e

